

UNIVERSIDADE DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

NATTANY RIBEIRO DE MORAIS

ESCOLA E ESCOLARES: a pandemia da COVID-19 pela perspectiva de educadoras e educadores da Rede Pública de Rio Claro - SP

SÃO CARLOS, SP
2024

NATTANY RIBEIRO DE MORAIS

Escola e escolares: a pandemia da COVID-19 pela perspectiva de educadoras e educadores da Rede Pública de Rio Claro – SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof.^a Dra. Thelma Simões Matsukura

SÃO CARLOS – SP

2024

*Dedico este trabalho ao Gabryel Kauã (in memoriam) e
às crianças e adolescentes que perderam suas vidas, direta
ou indiretamente, pela COVID-19.*

AGRADECIMENTOS

À Thelma Simões Matsukura, minha orientadora e parceira desta pesquisa, por toda paciência, empenho e atenção.

A todo PPGTO, principalmente as docentes Maria Fernanda e Amanda Dourado, por todo conhecimento compartilhado com tanta dedicação, carinho e empatia. A todas as colegas de turma, em especial Maria Cardoso e Carol Drumond.

A toda equipe Capsij de Rio Claro e, também, à Fundação de Saúde, viva o SUS!

A Secretaria da Educação, equipe gestora das escolas, especialmente às educadoras e educadores que toparam participar e confiaram em minha escuta e pesquisa.

À molecada que eu tanto gosto, potentes e que ensinam tanto!

A minha família, em especial à Veridiana - minha mãe que nunca deixou de acreditar em mim. E também Daniel, meu tio querido.

Ao meu companheiro, ouvinte e conselheiro, Luiz Felipe, que com toda sua doçura demonstrou ser meu maior entusiasta nesse processo de elaboração e escrita. E também à Cássia e ao Luiz Fernando, que me acolheram e apoiaram.

À Samara que independente da distância sempre está por perto à sua maneira linda de ser, estar e existir, por sua amizade que é um grande presente na vida. E também, a todo o pessoal que de maneira tão intensa, vieram no combo de alegria e camaradagem com a Sama: Martinha, Mayra, Carol, Rubens, Tiago, Thadeu e Laís (este trabalho seria finalizado sem a sua ajuda).

Às minhas queridas amigas, especialmente Beatriz, Neide, Marina, Carol, Juliana, por todo suporte, escuta e por sempre me apoiarem.

À Lívia, que me apoiou e incentivou desde o início dessa etapa da minha vida, desde a inscrição no processo seletivo e em tantos desafios.

RESUMO

A pandemia de COVID-19 teve extensos impactos em diversas esferas da sociedade, incluindo saúde, economia, educação e rotinas diárias. O setor da educação, por sua vez, defrontou-se com desafios significativos durante o período pandêmico, como a suspensão total das aulas, o distanciamento da população do ambiente escolar por um longo período, a falta de articulação do Ministério da Educação, as diferenças regionais e os recursos materiais e humanos escassos, especialmente na esfera pública. Alguns estudos indicaram que durante o período de isolamento social, escolares apresentaram impactos em sua saúde mental como medo de contaminação, frustração e irritabilidade. Outras dimensões verificadas, dentre os impactos gerados pelo isolamento social, incluíram violência doméstica, dificuldade dos pais em supervisionar os filhos e agravamento da vulnerabilidade social. Os docentes, que diariamente já enfrentavam discursos desvalorizantes, foram também impactados em suas vidas pessoais e profissionais, e foram lançados em uma narrativa que os convocava a realizar mudanças profundas no modo de ser, pensar e conduzir suas práticas docentes. Os estudos nacionais, ainda que compreensivelmente realizados, em sua maioria, através de dispositivos conectados a internet, focalizaram aspectos relativos aos possíveis impactos gerados pela pandemia, tendo como principal foco os alunos e, considerando em especial, o período de maior isolamento social. Os resultados indicaram a vulnerabilidade a que tanto alunos quanto docentes estariam expostos e alertaram para a importância de continuidade e aprofundamento de investigações ao longo de todo o contexto pandêmico. O presente estudo objetivou compreender as condições socioemocionais de alunos e professores do Ensino Fundamental Público ao longo da pandemia, a partir da perspectiva das educadoras e dos educadores de um município de médio porte do estado de São Paulo. Trata-se de um estudo de caráter exploratório e abordagem qualitativa, que contou com a participação de dezesseis docentes do Ensino Fundamental I da rede pública de ensino de um município de médio porte do estado de São Paulo. Para a coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada que abordou desde os diferentes momentos da pandemia que tiveram implicações na rotina escolar até a retomada do ensino presencial. As entrevistas respondidas pelos participantes foram transcritas e analisadas através do método do Discurso do Sujeito Coletivo. A partir da perspectiva dos professores, os resultados revelaram sobre impactos da pandemia no cotidiano dos alunos e seus familiares ao longo da pandemia da COVID-19, onde se destaca a ampliação de algumas vulnerabilidades como, por exemplo, o desemprego, a perda de entes queridos maior exposição das crianças a situações de violência doméstica, e, ainda, observou-se prejuízos na aprendizagem, atrasos no desenvolvimento socioemocional, entre outros. A relevância do lugar e o papel dos professores e da escola na vida dos alunos se revelou para além dos aspectos já amplamente conhecidos, com destaque para a aguda sensibilidade e reconhecimento da realidade dos alunos por parte dos docentes; as relações de afeto, de cuidado e de atenção; os compartilhamentos e as diferentes demandas confiadas pelos alunos e/ou familiares aos professores, dentre outras. Em relação aos próprios professores e as vivências e desafios ao longo da pandemia, o estudo revelou que o abrupto rompimento de contato impactou a saúde mental dos entrevistados ao exigir sua adaptação a novas tecnologias e aumentar a sobrecarga de trabalho, decorrente da preparação de materiais, e da exigência de suporte aos alunos e familiares. Além disso, os professores foram alvo de críticas, cobranças e, por vezes, culpabilizados injustamente. O impacto profundo da pandemia nas vivências dos estudantes e educadores, enfatizando o papel protetivo da escola, foi evidenciado. Discute-se a necessidade de suporte, formação e estratégias eficazes para lidar com as complexidades impostas pela pandemia no contexto educacional. Destacou-se a lacuna na escuta dos docentes, sublinhando a importância de ouvi-los presencialmente em um momento tão delicado.

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19; Escola; Saúde mental infantil; Educadores; Alunos; Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has had extensive impacts on various spheres of society, including health, economy, education and daily routines. The education sector, in turn, faced significant challenges during the pandemic period, such as the total suspension of classes, the distancing of the population from the school environment for a long period, the lack of articulation from the Ministry of Education, the differences regional areas and scarce material and human resources, especially in the public sphere. Some studies indicated that during the period of social isolation, schoolchildren had impacts on their mental health, such as fear of contamination, frustration and irritability. Other dimensions verified, among the impacts generated by social isolation, included domestic violence, parents' difficulty in supervising their children and worsening social vulnerability. Teachers, who were already facing devaluing speeches on a daily basis, were also impacted in their personal and professional lives, and were thrown into a narrative that called on them to make profound changes in the way of being, thinking and conducting their teaching practices. National studies, although understandably carried out, for the most part, through devices connected to the internet, focused on aspects related to the possible impacts generated by the pandemic, with students as the main focus and, considering in particular, the period of greater social isolation. The results indicated the vulnerability to which both students and teachers would be exposed and highlighted the importance of continuing and deepening investigations throughout the pandemic context. The present study aimed to understand the socio-emotional conditions of public elementary school students and teachers throughout the pandemic, from the perspective of educators in a medium-sized municipality in the state of São Paulo. This is an exploratory study with a qualitative approach, which involved the participation of sixteen elementary school teachers from the public school system in a medium-sized municipality in the state of São Paulo. To collect data, a semi-structured interview guide was used that covered everything from different moments of the pandemic that had implications on the school routine to the resumption of in-person teaching. The interviews completed by the participants were transcribed and analyzed using the Collective Subject Discourse method. From the teachers' perspective, the results revealed the impacts of the pandemic on the daily lives of students and their families throughout the COVID-19 pandemic, highlighting the increase in some vulnerabilities such as, for example, unemployment, loss of loved ones dear greater exposure of children to situations of domestic violence, and also, losses in learning, delays in socio-emotional development, among others, were observed. The relevance of the place and the role of teachers and school in the lives of students was revealed beyond the aspects already widely known, with emphasis on the teachers' acute sensitivity and recognition of the students' reality; relationships of affection, care and attention; sharing and different demands entrusted by students and/or family members to teachers, among others. In relation to the teachers themselves and their experiences and challenges throughout the pandemic, the study revealed that the abrupt break in contact impacted the mental health of the interviewees by requiring them to adapt to new technologies and increasing work overload, resulting from the preparation of materials, and the requirement of support for students and families. Furthermore, teachers were the target of criticism, demands and, at times, unfairly blamed. The profound impact of the pandemic on the experiences of students and educators, emphasizing the protective role of the school, was highlighted. The need for support, training and effective strategies to deal with the complexities imposed by the pandemic in the educational context is discussed. The gap in listening to teachers was highlighted, highlighting the importance of listening to them in person at such a delicate time.

Keywords: COVID-19 Pandemic; School; Children's mental health; Educators; Students. Occupational Therapy

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Docentes participantes e região das escolas	37
Quadro 2 - Operadores DSC.....	38
Quadro 3 - Tentativas de ampliar a rede de cuidado.....	73

LISTA DE SIGLAS

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos

CNN - Cable News Network

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social CRIARI - Centro de Referência da Infância e Adolescência

DSC - Discurso do Sujeito Coletivo

EJA - Educação de jovens e adultos

EMA - Encontro Municipal de Adolescentes

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

OMS - Organização Mundial de Saúde SME - Secretaria Municipal de Educação

PSMI - Pronto Socorro Municipal

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TSC - Teoria das Representações Sociais

UBS - Unidade Básica de Saúde

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP/FFC - Universidade Estadual Paulista/ Faculdade de Filosofia e Ciências

UNICEF - United Nations Children's Fund

USF - Unidade de Saúde da Família

RAPS – Rede de Atenção Psicossocial

SUMÁRIO

1	Introdução.....	14
1.1	A COVID-19, UMA PANDEMIA MUNDIAL E SEU ENFRENTAMENTO NO BRASIL	14
1.2	O PANORAMA DE RIO CLARO.....	17
1.3	ESCOLA E ESCOLARES: A RELEVÂNCIA DA ESCOLA PARA A SOCIEDADE	19
1.4	ESCOLA E A PANDEMIA: OS ALUNOS E DOCENTES	21
2	Objetivo.....	30
3	Metodologia.....	31
3.1	PARTICIPANTES	31
3.2	LOCAL 31	
3.3	INSTRUMENTOS E MATERIAIS	33
3.3.1	<i>Formulário de identificação dos participantes.....</i>	<i>33</i>
3.3.2	<i>Roteiro de Entrevista Semiestruturada</i>	<i>33</i>
4	Procedimentos.....	35
4.1	PROCEDIMENTOS ÉTICOS	35
4.2	ELABORAÇÃO E VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS.....	35
4.3	ENTRADA EM CAMPO	35
4.4	ENTREVISTAS COM OS DOCENTES.....	36
4.5	TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	37
5	Resultados e discussão	40
5.1	SEÇÃO 1: 1ª FASE – DISTANCIAMENTO SOCIAL E ROMPIMENTO DE CONTATO	41
5.1.1	<i>Seção 1.1: Sobre os estudantes.....</i>	<i>41</i>
Eixo A.1	<i>Seção 1: A compreensão da realidade e vivência dos estudantes durante o período de quarentena</i>	<i>41</i>
Eixo A.2	<i>Seção 1: Crianças e suas famílias reveladas através das estratégias de contato</i>	<i>42</i>
Eixo A.3	<i>Seção 1: Situações de perdas (luto) e vulnerabilidade das famílias.....</i>	<i>44</i>
Eixo B	<i>Seção 1: O panorama dos docentes.....</i>	<i>45</i>
Eixo B.1	<i>Seção 1: Experiências docentes dentro do cenário pandêmico.....</i>	<i>46</i>
Eixo B.2	<i>Seção 1: Demandas e desafios laborais</i>	<i>47</i>
Eixo B.2.1	<i>Seção 1: Respondendo a inúmeras demandas, ausência de suporte e aumento da carga de trabalho: pressão de todos os lados</i>	<i>48</i>
Eixo B.2.2	<i>Seção 1: Dificuldade com tecnologias e ausência de suporte.....</i>	<i>51</i>
5.2	SEÇÃO 2: 2ª FASE - RETOMADA DAS AULAS DE FORMA RODIZIADA.....	52
Eixo A.1	<i>Seção 2: Sobre os estudantes.....</i>	<i>52</i>
Eixo A.1.1	<i>Seção 2: O retorno em “bolhas de convivência”, sua dinâmica e um olhar de esperança sobre as crianças.....</i>	<i>52</i>
5.2.1	<i>Seção 2.2: Os docentes.....</i>	<i>57</i>
Eixo B.1	<i>Seção 2: Experiências docentes do vivido no retorno dos alunos em rodízio</i>	<i>57</i>
5.3	SEÇÃO 3: 3ª FASE - RETOMADA 100% PRESENCIAL.....	59
Eixo A.1	<i>Seção 3: As crianças.....</i>	<i>59</i>
Eixo A.1.1	<i>Seção 3: Primeiro contato, reconhecimento e adaptação.....</i>	<i>59</i>
Eixo A.2	<i>Seção 3: O retorno 100% presencial, um tempo de esperança e de enfrentamento das dificuldades.....</i>	<i>60</i>
Eixo A.3	<i>Seção 3: Impactos negativos na saúde mental dos alunos, observados no retorno presencial</i>	<i>63</i>
Eixo B	<i>Seção 3: Percepções docentes e a elaboração do vivido no retorno 100% presencial.</i>	<i>66</i>
5.4	SEÇÃO 4: PARA ALÉM DA PANDEMIA: A ESCOLA, OS DOCENTES E A SAÚDE MENTAL DOS ALUNOS	67
Eixo A.1	<i>Seção 4: Fatores negativos que influenciam na saúde mental dos estudantes.</i>	<i>67</i>
Eixo B.1	<i>Seção 4: Estratégias de acolhimento e cuidado dos entrevistados para com as crianças</i>	<i>68</i>
Eixo C.1	<i>Seção 4: Entraves para dar suporte aos estudantes</i>	<i>70</i>
Eixo D.1	<i>Seção 4: Rede de cuidado das crianças, sugestões e comentários livres</i>	<i>72</i>
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Educadora/Educador.....	87
	APÊNDICE II – Formulário de identificação dos participantes.....	90
	APÊNDICE III - Roteiro de perguntas para educadoras e educadores de identificação de demandas relativas à saúde mental infantil no período pandêmico:.....	91
	ANEXO I – PARECER COMITÊ DE ÉTICA	94

APRESENTAÇÃO

“O lado certo da história não tem sangue nas mãos.”

Dead Fish

O interesse pelo campo da saúde mental infantojuvenil deu-se no início da minha carreira como pedagoga, quando então ingressei como trabalhadora do SUS na cidade de Rio Claro - SP, em 2015. Entretanto, hoje compreendo que, como indivíduo multifacetado, venho trilhando um caminho de militância em prol das crianças, adolescentes e suas famílias muito antes da faceta laboral de minha vida. Assim, tentarei me apresentar como pesquisadora concomitante as minhas outras facetas.

Na intenção de me apresentar como pesquisadora, irei descrever brevemente minha trajetória acadêmica e profissional, que se passou entre os municípios de Santo André, São Carlos, Rio Claro e Marília, no estado de São Paulo.

Peço licença aos leitores já de início, pois, ao longo do processo de escrita da minha dissertação, notei que não há como separar a ‘Nattany pesquisadora’ da ‘Nattany indivíduo’ e de outras tantas partes de mim. Somos um todo multifacetado, e meus primeiros contatos com a leitura e a escrita foram em Santo André, mais precisamente no Centre Ville que, na década de 80, foi de um condomínio de luxo ao que se transformaria na maior ocupação de casas da América Latina.

Em meados de 1996, aprendi a ler e a escrever, concomitantemente à minha avó, que na época era empregada doméstica, frequentava aulas do EJA e me levava com ela a suas aulas enquanto minha mãe trabalhava. Vivíamos em cerca de dez pessoas numa casa dentro de um bairro de ocupação, em meio a conflitos familiares e regras estabelecidas visando minha ‘segurança’. Assim, meu refúgio eram os livros.

Em 2001, me mudei com minha mãe para Rio Claro - SP, município em que vivi grande parte da minha adolescência e em que atualmente trabalho e moro. Ainda seguindo uma linha temporal, estudei em escolas públicas e participava de Encontros Municipais de Adolescentes - EMAs que, além contribuir para minha formação crítica, serviu de incentivo para prestar vestibular em uma universidade pública e em um curso que me possibilitasse pensar a educação de forma ampliada. Assim, minha formação inicial aconteceu no curso de Pedagogia, na UNESP/FFC de Marília, onde também tive minha Iniciação Científica, no ano de 2013 - pesquisa financiada pela FAPESP.

Após minha conclusão de curso, no ano de 2015, iniciei, no município de Rio Claro, minha jornada como profissional da Saúde Mental infantojuvenil no extinto ambulatório de Saúde Mental - CRIARI, no qual segui trabalhando até 2019, quando ocorreu o seu fechamento. Paralelamente, cursei, entre os anos 2016 e 2017, o curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, sempre sentindo a necessidade de buscar novos conhecimentos.

Passei a trabalhar no CAPSij do município no ano de 2018, ao mesmo passo que trabalhava no ambulatório. Por incontáveis vezes refleti sobre minha atuação como representante da classe de pedagogas em meio à saúde mental e fui consultada por colegas de trabalho sobre as percepções da relação entre escola, educação, educadoras¹ e estudantes. Assim, também tive a oportunidade de me aprofundar e de vivenciar a atuação de grandes terapeutas ocupacionais, tanto na lida direta com a população, como enquanto participante da pesquisa acadêmica da então doutoranda Bruna Taño.

O contato mais próximo com essas profissionais me inspirou a refletir sobre as crianças e os adolescentes em sua totalidade, como indivíduos integrais, o que me trouxe inquietações sobre as esferas da vida que as compunham. E para imergir nessa totalidade, sentia falta de diálogos acadêmicos.

Assim, em 2020, elaborei um projeto inicial e me aventurei a participar do processo seletivo para ingresso na pós-graduação da UFSCAR, na linha de “Cuidado, Emancipação Social, e Saúde Mental.” Com imensa alegria fui selecionada para compor a turma de 2021, além de descobrir que seria orientada pela Prof.^a Dr.^a Thelma Simões Matsukura.

As aulas iniciaram-se em meio ao auge da pandemia de COVID-19, inflamando questionamentos em relação à saúde mental infantil e docente. Como estariam os estudantes e a comunidade escolar em meio ao distanciamento físico que se fez necessário?

Assim, o interesse pela temática da pesquisa que desenvolvi surgiu mediante o cenário pandêmico que vivenciamos, no Brasil e no mundo, e, também, por ser uma pedagoga atuante na saúde mental. As indagações se intensificaram pelo distanciamento social, já que foi necessário o fechamento de instituições de ensino públicas e particulares.

Se posso aprender emergindo no mundo da terapia ocupacional, também poderia me aproximar da vivência docente. E como numa colcha de retalhos, dialogar, escutar e construir

¹ O uso da terminologia educadoras (es) é priorizado no sentido de não se tratar apenas de uma escolha profissional, mas de que “profissões e vocações são como plantas, onde florescem em nichos ecológicos, situações precárias e necessárias” (Alves, 1980). Foi utilizado também docentes e professores como sinônimos de educadores ao longo do trabalho apresentado.

de forma horizontal parte, mesmo que singela, dessa história de luta das educadoras e dos educadores.

Apesar de ter encerrado minha atuação no CAPSij de Rio Claro em agosto de 2023, e iniciar no Centro de Reabilitação de Rio Claro - CER Princesa Victória, tenho clareza e convicção de que a saúde mental infantojuvenil nunca será extinguida das minhas reflexões e ações, tanto laborais quanto do meu cotidiano pessoal. Encerrei uma atuação em um serviço, mas não uma de minhas facetas.

Portanto, ao observar a história dessa perspectiva, me vejo como pedagoga, observadora, aprendiz e indivíduo participante e atuante na Saúde Mental. Tecendo teias/redes com histórias e relatos reais, à luz de estudos realizados a partir de material teórico sobre saúde mental infantil e acesso à educação em tempos pandêmicos, e de entrevistas que tiveram por enfoque a compreensão da saúde mental infantil, mais precisamente reflexões sobre a percepção das educadoras e dos educadores da rede pública de Rio Claro - SP em relação às consequências da pandemia para seus alunos e para os próprios docentes.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A COVID-19, uma pandemia mundial e seu enfrentamento no Brasil

No início do ano de 2020, a Organização Mundial de Saúde - OMS (2020) afirmou que ocorria um surto em escala mundial por COVID-19² e assumiu, em 11 de março daquele mesmo ano, a ocorrência de uma pandemia. O número de casos aumentava rapidamente, e notícias alarmantes advindas da Europa e Ásia se difundiam em todo o mundo (Pineda; Saraiva, 2022).

Por se tratar de um vírus transmissível pelas vias aéreas, uma das estratégias adotadas foi o uso de máscaras de proteção em espaços comuns. Outras estratégias envolveram quarentenas, com suspensão de aulas, distanciamento social e toques de recolher. Estas foram algumas medidas adotadas pelos países a fim de tentar barrar a propagação do vírus³ para que, de modo concomitante, se buscasse um prazo razoável que garantisse estudo, análise e produção de seus imunizantes de maneira segura e com o máximo de eficácia (Pineda; Saraiva, 2022).

A pandemia da COVID-19 trouxe significativas mudanças ao cotidiano de inúmeras pessoas, gerou desafios em várias esferas da vida e impactou a saúde física e biológica dos indivíduos. Desde o seu início, a COVID-19 surpreendeu as nações, manifestando-se com elevada mortalidade e morbidade e afetando a qualidade de vida das pessoas. Diante desse cenário, foram implementadas estratégias emergenciais nos sistemas de saúde pública nos âmbitos internacional e nacional (OMS, 2020; Fiocruz, 2020; Santos, 2022; Pineda; Saraiva, 2022).

Após o efeito surpresa, os países foram assumindo o controle da pandemia dentro do que era possível. O desafio estava em reduzir, conviver e superar a dita retração na economia global⁴. Apenas poucos países, alguns governantes e donos de grande montante de capital adotaram uma postura negacionista⁵ da realidade pandêmica. Nesses poucos países, as direções governamentais “mantiveram compulsivamente, como prioridade intocável, a acumulação de

² Nome dado à infecção pelo novo coronavírus.

³ A Covid-19 é uma doença respiratória que se propaga por gotículas salivares ou nasais. Desta forma, pode ser propagada pela exposição às gotículas salivares no contato entre humanos ou por superfícies contaminadas, à medida que são direcionadas para as mucosas dos indivíduos (BVS, 2020).

⁴ Estimava-se que 10% da economia global estava sofrendo retração por consequência da necessidade de distanciamento social, especialmente por conta do fechamento de estabelecimentos comerciais (Santos, 2022, p. 27).

⁵ O negacionismo é um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o conhecimento objetivo, a crítica pertinente, as evidências empíricas, o argumento lógico, as premissas de um debate público racional, e tem uma rede organizada de desinformação. Consiste em um ato sistemático e articulado de negação para ocultar interesses político-ideológicos, que tem sua origem nos debates do Holocausto, foi então inédita no Brasil no período da pandemia por Covid-19 (Napolitano, 2021).

renda e riqueza no processo produtivo, e desdenharam o controle da pandemia como condição para a retomada da economia” (Santos, 2022, p. 27-28).

Segundo Aquino *et al.* (2020), no Brasil, o então presidente⁶ foi um dos governantes que minimizou a gravidade da pandemia e a letalidade do vírus, sendo um dos poucos dirigentes mundiais que se recusou a reconhecer a ameaça que ela constituiu. Foram publicados e disseminados incontáveis materiais jornalísticos em que este presidente se posicionou contrário às medidas implementadas nos estados e municípios. Nesse cenário, um conflito político aberto se estabeleceu entre o presidente e o Ministro da Saúde - naquele momento, Luiz Henrique Mandetta - que se posicionou em defesa das orientações da OMS - Organização Mundial da Saúde - apoiando e implementando iniciativas mais rigorosas a fim de controlar a propagação da COVID-19 (Aquino *et al.*, 2020).

Assim, em março de 2020, Luiz Henrique Mandetta salientava a necessidade e a importância da quarentena e das medidas de distanciamento social. Todavia, o posicionamento do ministro, que pactuou com a OMS, gerou desarmonia com o então presidente da república e, também, com outras lideranças políticas do governo. As divergências e a recorrente pressão exercida pelo ex-presidente para que o Ministério da Saúde adotasse medicamentos que não tinham comprovação de eficácia e, ainda, a recomendação de isolamento vertical, levaram, em 16 de abril, à demissão do ministro, passando a assumir o cargo Nelson Teich. O novo ministro, oncologista, também pediu exoneração do cargo após um mês. Em 16 de maio de 2020, Eduardo Pazuello, um general especialista em logística, tomou posse como ministro. Logo após sua nomeação, Pazuello se posicionou, por meio de uma nota, a favor da prescrição do uso da hidroxicloroquina para casos leves, conferindo ao médico a atribuição de prescrevê-la mediante assinatura de um Termo de Consentimento. O general continuou no cargo de ministro até meados de 2021, quando então ocorreu a sua substituição por Marcelo Queiroga (Matta *et al.*, 2021).

Segundo Pineda e Saraiva (2022), frente à lógica governamental negacionista, o território brasileiro sofreu grandes prejuízos e milhões de pessoas sofreram com a desassistência estatal. O distanciamento social quase sempre dependeu de iniciativas individuais e voluntárias; com a reabertura de serviços e comércios, ocorreram elevados índices de contágio; a curva de mortes se estabilizou em números elevadíssimos, permanecendo assim ao longo de meses. Nas palavras dos autores, “a população ficou à própria sorte (e à própria morte)” (Pineda; Saraiva, 2022, p. 9-10).

⁶ Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil de 01/01/2019 a 01/01/2023.

A postura negacionista que guiou o Governo Federal também foi responsável pelo aumento descomunal no volume de trabalho. Foi notável o crescimento das desigualdades, considerando que parcelas significativas da população se encontravam na impossibilidade de ficarem em casa em distanciamento social. Somou-se a isto a falta de um plano de vacinação com critérios consistentes; doentes acometidos pela COVID-19 submetidos a duvidosas terapias farmacológicas; e o aguardo pelo efeito rebanho de imunização, exacerbando a negligência e a irresponsabilidade com as vidas da população (Santos, 2022; Pineda; Saraiva, 2022).

A gritante ineficiência governamental foi acentuada pelo atraso na aquisição de vacinas, mesmo que naquele momento estivesse ocorrendo uma corrida de imunização entre nações, gerando disparidade de acesso no mundo todo. Ao mesmo passo em que o ex-presidente do Brasil incentivava o descumprimento de medidas sanitárias mínimas e fomentava o negacionismo, além de propagar manifestações contrárias à obrigatoriedade da vacina, também demonstrava escárnio diante de incontáveis mortes. Tais fatos ilustram algumas das especificidades do território brasileiro, “que pode ser resumido no encontro aterrorizante da pandemia com o pandemônio” (Pineda; Saraiva, 2022, p. 10).

Assim, o cenário apresentado era de divergência política e ausência de uma liderança que apontasse um caminho coerente para lidar com a COVID-19. Isso ficou mais nítido em 15 de abril de 2020, quando o Supremo Tribunal Federal - STF se valendo do art. 23 da Constituição de 1988⁷, declarou que providências em relação à pandemia deveriam ser de responsabilidade e autonomia dos estados. Essa decisão foi usada como pretexto para o governo federal não se posicionar e não assumir a responsabilidade pelas decisões relacionadas à contenção e ao enfrentamento da pandemia por COVID-19 (Ramos, 2020).

Contudo, antes mesmo da decisão do colegiado do STF, no Estado de São Paulo, por meio de Decreto Estadual n. 64.862, de março de 2020, o governo impôs medidas de contenção e prevenção contra o contágio da COVID-19 (São Paulo, 2020).

Em maio de 2020, via Decreto Estadual n. 64.994, o governo do Estado de São Paulo implementou um plano estratégico para lidar com a pandemia de COVID-19, nomeado como “Plano São Paulo”. O plano consistiu em diferentes fases, representadas por cores, cada uma

⁷ A Federação Brasileira é composta pela União, estados, Distrito Federal e municípios, entidades autônomas organizadas a partir do princípio da subsidiariedade de competências. A União é responsável por questões de interesse nacional, enquanto os estados, o Distrito Federal e os municípios têm autonomia para legislar e administrar seus próprios assuntos. O princípio da subsidiariedade de competências estabelece que as entidades autônomas devem ser responsáveis por questões que possam ser resolvidas de forma mais eficiente em nível local, enquanto a União deve se concentrar em questões de interesse nacional.

indicando o nível de restrições e medidas de distanciamento social. As fases variavam de vermelha (mais restritiva) a azul (mais flexível)⁸, dependendo dos indicadores de saúde e capacidade hospitalar. A progressão entre as fases era determinada pela análise constante da situação epidemiológica. O plano visava equilibrar a contenção do vírus com a manutenção das atividades econômicas (São Paulo, 2020).

Um exemplo de município do referido Estado que adotou o direcionamento político do governo estadual foi a cidade de Rio Claro, município em que foi desenvolvida a presente pesquisa, motivo pelo qual se apresenta focalizado a seguir.

1.2 O panorama de Rio Claro

Seguindo as diretrizes do Governo do Estado de São Paulo, a Secretaria de Educação do município de Rio Claro, via Decreto Municipal nº 11875, em 17 de março de 2020, declarou estado de emergência em decorrência da pandemia pela COVID-19. As medidas adotadas através desse decreto suspenderam as aulas presenciais nas escolas da rede municipal de ensino a partir de 23 de março de 2020. Desse modo, a comunidade escolar e os estudantes sofreram um abrupto rompimento de contato no início daquele ano letivo (Rio Claro, 2020).

Frente ao inusitado cenário pandêmico e às indefinições em relação ao tempo que se estenderia o estado de emergência declarado, em 19 de março de 2020, a governança de Rio Claro tomou a decisão de transferir, para o atendimento social das famílias de baixa renda, cinco toneladas de alimentos, que seriam da Secretaria de Educação, para a Secretaria de Solidariedade e Desenvolvimento Social, com o intuito de distribuir os alimentos para a população mais vulnerável. Outra medida tomada para combater a insegurança alimentar de alunos do município se deu em abril de 2020, quando a prefeitura de Rio Claro criou o programa de Alimentação Escolar Direito em Casa⁹, quando cartões foram entregues às famílias de estudantes que se encontravam em extrema vulnerabilidade (Rio Claro, 2020).

Por meio de comunicado, em 15 de junho, a Secretaria da Educação de Rio Claro - SME esclareceu que estava produzindo um plano para a retomada do ano letivo de 2020, e que o

⁸ O Plano São Paulo envolveu diferentes fases, classificadas por cores, cada uma indicando o nível de restrições e medidas de distanciamento social. As fases incluíam: Fase Vermelha com restrições mais rigorosas, permitindo apenas o funcionamento de serviços essenciais; Fase Laranja estabelecida como uma fase de transição, com liberação controlada de algumas atividades econômicas não essenciais; Fase Amarela, era menos restritiva, permitindo uma maior abertura de setores não essenciais; Fase Verde, possuía maior flexibilização, com a retomada de diversas atividades não essenciais, e, Fase Azul, consistindo em um 'normal controlado', com a maior parte das atividades econômicas liberadas, mas mantendo protocolos sanitários. (São Paulo, 2020).

⁹ O auxílio foi criado por meio de decreto nº11.812 de 06 de abril de 2020, assinado pelo prefeito João Teixeira Júnior, e visou auxiliar financeiramente os estudantes em situação de pobreza e extrema pobreza. Através do programa, a prefeitura destinou R\$60,00 por mês por aluno filho de família com renda per capita de até R\$178,00.

expediente era composto por um protocolo de saúde, por um novo calendário escolar e por um planejamento didático geral, com princípios e diretrizes operacionais que fundamentaram e orientaram os trabalhos, aguardando, assim, definição por parte das autoridades sanitárias (Rio Claro, 2020).

Entretanto, em julho de 2020, o ex-prefeito de Rio Claro anunciou que as escolas não iriam retornar, naquele ano, com as aulas presenciais, argumentando que o município contava com quase vinte mil alunos. Assim, a decisão visou garantir a saúde dos estudantes e familiares, dos professores e dos funcionários de escolas municipais, e foi proposta como medida de enfrentamento e prevenção ao novo coronavírus. A prefeitura não optou por trabalhar com aulas on-line, por considerar uma modalidade excludente de ensino para a realidade da maioria da população naquele momento (Rio Claro, 2020).

Embora as aulas presenciais não tenham retornado, um novo calendário escolar foi definido pela Secretaria da Educação, em que a estratégia adotada envolvia a entrega de materiais impressos, concomitantemente à entrega de Cestas Verdes¹⁰. Contando com este novo planejamento, foi implementado um rodízio presencial de profissionais da educação no ambiente escolar, a fim de evitar aglomerações de pessoas nas instituições (Rio Claro, 2020).

Após o período inicial de distanciamento social, em setembro de 2020, com este retorno dos professores de maneira rodiziada, a Secretaria de Educação de Rio Claro - SME, fomentou a retomada do contato e do vínculo da comunidade escolar com os estudantes e seus familiares, via cartas, meios digitais e, também, por meio da entrega de materiais impressos, sendo estas últimas estratégias especialmente utilizadas pelos docentes (Rio Claro, 2020).

Posteriormente, apenas em 15 de outubro de 2021, a Resolução n. 020/2021 da SME de Rio Claro permitiu que o Ensino Fundamental, após 20 meses sem frequentar o ambiente escolar, retomasse o ensino de forma rodiziada. O rodízio ocorria quinzenalmente, recebendo agrupamentos de crianças com no máximo de trinta por cento de lotação em sala de aula. Esses agrupamentos foram denominados “bolhas de convivência” (Rio Claro, 2021).

¹⁰ A Secretaria do Desenvolvimento Social, é responsável, no município de Rio Claro, pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), programa do governo federal que libera recursos para que estados e municípios adquiram alimentos dos pequenos agricultores. Em Rio Claro, por intermédio do PAA, a prefeitura forneceu alimentos que compuseram as cestas verdes que foram entregues às famílias de alunos da rede municipal e estadual de ensino em situação de vulnerabilidade social e insegurança alimentar.

Figura 1: Ilustração Gráfica “Bolhas de Convivência.”



Fonte: Elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro.

Contudo, somente no ano de 2022 os estudantes do município em questão retornaram às salas de aula em sua totalidade.

1.3 Escola e escolares: a relevância da escola para a sociedade

Os ambientes familiares e escolares desempenham papéis imediatos e profundamente significativos na vivência das crianças. Nesse sentido, é crucial que esses contextos proporcionem experiências que favoreçam o desenvolvimento saudável nos aspectos motores, emocionais, afetivos, sociais e cognitivos. Destaca-se que o contexto escolar emerge como um dos fatores mais influentes nesse processo de desenvolvimento infantil, dada a extensa permanência da criança nesse ambiente (Matsukura; Fernandes; Cid, 2012; Cid; Gasparini, 2015).

Para Arendt (2019) a escola, embora não seja o mundo em sua totalidade, o representa de certa forma. Desde o nascimento, o ser humano vive sob alternâncias de ambientes, de rotina, de necessidades vitais, de sensações e de experimentações. Por isso, supõe-se que a interrupção desse movimento pode interferir no desenvolvimento das crianças (Katz, 2022, p. 130). Nesse contexto, o ambiente escolar se destaca por sua relevância para a sociedade, sendo resguardado legalmente.

A Constituição Federal de 1988 assegura a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, além de destacar a gratuidade e a obrigatoriedade do Ensino Fundamental, com atendimento garantido em creches e pré-escolas. O documento também enfatiza o direito à igualdade de oportunidades, a valorização dos profissionais da educação, a gestão democrática nas escolas e a liberdade de aprender, ensinar e pesquisar. Assim, esses princípios fundamentais orientam o sistema educacional brasileiro (Brasil, 1988).

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, instituído pela Lei nº 8.069/1990 no Brasil, estabelece diretrizes e garantias aos direitos das crianças e dos adolescentes, assegura o direito à educação, a proteção contra a violência e a discriminação no ambiente escolar e destaca a participação ativa de crianças e adolescentes em decisões que os afetem. O documento também estabelece a prioridade absoluta de seus direitos, proíbe práticas punitivas abusivas, garante acessibilidade a pessoas com deficiência e enfatiza a responsabilidade compartilhada entre família, sociedade e Estado na promoção e na efetivação dos direitos infantojuvenis. Assim, reforça-se a importância da escola como um espaço seguro, inclusivo e propício ao desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, respeitando e promovendo seus direitos fundamentais (Brasil, 1990).

Ainda em relação a aspectos legais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB¹¹, promulgada em 20 de dezembro de 1996, no Brasil, estabelece as bases para o sistema educacional. Entre suas principais diretrizes para as escolas, destaca-se a definição dos objetivos da Educação Básica, a estruturação da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio, a promoção da gestão democrática, a determinação do currículo escolar obrigatório, as diretrizes para a formação de professores e os critérios para avaliação da aprendizagem. A lei visa garantir uma educação de qualidade, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes (Brasil, 1996).

A escola é crucial para o desenvolvimento das crianças, proporcionando educação formal, desenvolvimento social e emocional, habilidades cognitivas e intelectuais, preparação para a vida adulta, inclusão e diversidade, estímulo à criatividade, educação moral e cívica, prevenção do analfabetismo, da exclusão social, e, também na promoção da saúde mental¹²

¹¹ Estabelece as leis de diretrizes e bases da educação nacional, definindo todos os princípios, diretrizes, estrutura e organização do ensino abrangendo todas as suas esferas e setores.

¹² No Brasil, o cuidado com a saúde mental de crianças e adolescentes é conhecido como atenção psicossocial, este campo é fundamentado por uma abordagem comunitária, territorial e intersetorial, promovendo o cuidado em liberdade, assim essa perspectiva orienta todas as políticas públicas de saúde mental no país. O conjunto de diferentes serviços disponíveis nas cidades e comunidades, que articulados formam uma rede que se denomina RAPS – Rede de Atenção Psicossocial-, esta rede deve ser capaz de cuidar das pessoas com transtornos mentais e com problemas decorrentes do uso de substâncias, bem como seus familiares em suas diferentes demandas (PAULINO *et al.*, 2024)

infantojuvenil. Além de transmitir conhecimento acadêmico, a escola desempenha um papel fundamental na formação global das crianças, preparando-as para uma participação ativa na sociedade. É um ambiente que vai além da simples obtenção de conhecimento, promovendo não apenas a interação social e o desenvolvimento físico, cognitivo e social, mas, também, oferecendo oportunidades para o engajamento na sociedade, no exercício da cidadania e na prática da democracia (Lins *et al.*, 2021).

Nesse contexto Oliveira (2021) demonstra como a escola emerge como um ambiente crucial para promover também a saúde mental entre crianças e adolescentes, revelando-se um espaço privilegiado nas dinâmicas psicossociais por diversos motivos. Primeiramente, por sua natureza política universal que permite o acesso à grande maioria da população infantojuvenil de comunidades, facilitando a implementação de intervenções de saúde mental em larga escala. Além disso, a escola desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes, indo além dos aspectos acadêmicos para cultivar uma postura cidadã e participativa, esta abordagem educacional visa desenvolver um olhar crítico e autônomo diante dos desafios que permeiam tanto os indivíduos quanto suas comunidades.

Em resumo, a escola desempenha um papel multifacetado na promoção da saúde mental das crianças, fornecendo um ambiente estruturado, oportunidades de socialização, apoio emocional e recursos para lidar com desafios emocionais e cognitivos.

Além das inúmeras mudanças e tensões geradas pela pandemia, como o isolamento, a exposição a situações de violência e os desafios econômicos, que ampliaram as chances de experiências estressantes para as crianças, a impossibilidade de participar do ambiente escolar (interação com professores, colegas e demais elementos desse contexto) retirou delas um componente essencial para a promoção e a prevenção de sua saúde mental no dia a dia.

1.4 Escola e a Pandemia: Os alunos e docentes

A emergência sanitária desencadeada pela COVID-19, declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no início de 2020, levou a uma das principais estratégias para conter a propagação da doença: o distanciamento social entre as pessoas. Nesse contexto,

Ainda, a Política Nacional de Saúde Mental Infantojuvenil se baseia em princípios fundamentais: 1 - Acolhimento universal, considerando que todos os serviços de saúde mental devem estar disponíveis e acolher todas as demandas; 2 - Encaminhamento implicado, levando em conta que serviços que encaminham demandas devem se responsabilizar por monitorar o processo; 3 - Construção permanente da rede, contando com a oferta de cuidado de forma estratégica, incluindo colaboração com outros serviços e equipamentos do território; 4 - Território como conceito psicossocial: considerando o território onde o indivíduo vive é composto por aspectos pessoais e institucionais que influenciam sua experiência. 5 - Intersetorialidade na ação do cuidado: Ampliar o trabalho para além dos serviços clínicos, envolvendo outros contextos como escola, lazer e cultura. Estes princípios ressaltam a importância da atenção psicossocial em rede, de forma ampliada e intersetorial (BRASIL, 2005).

as escolas foram fechadas, gerando impactos psicossociais na saúde de crianças e adolescentes. A importância da escola na vida desses jovens vai além do aspecto educacional, sendo especialmente relevante para aqueles em situação de vulnerabilidade social. Essa parcela da população depende do ambiente escolar não apenas para sua formação educacional, mas, também, para suprir necessidades nutricionais e de proteção, destacando-se, ainda, como a principal instituição identificadora de situações de violência (OMS, 2020; Oliveira *et al.*, 2022).

Assim, considerando a necessidade do distanciamento social frente ao cenário pandêmico, estima-se que 1,57 bilhão de estudantes em 191 países tenham sido afetados pelo fechamento de escolas ou universidades (UNESCO, 2020). De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU, o fechamento das escolas teve impactos negativos, já que: as crianças sofreram com a interrupção da socialização e dos processos de aprendizagem; ocorreu o aumento de estresse dos docentes com a demanda de trabalho; os pais e responsáveis não estavam preparados para lidar com as dificuldades e desafios do ensino remoto; poderia ocorrer o comprometimento nutricional dos estudantes longe do ambiente, entre outras consequências (UNESCO, 2020, p. 7).

Os escolares e educadores no Brasil estão em meio às deficiências da educação escolar que antes já existiam. No contexto da pandemia, enfrentaram, ainda, os impactos gerados pela pandemia da COVID-19, atravessados por uma educação demarcada por “desigualdades, exclusões, elitismo, facilitação e superficialidade, permeada por uma política do negacionismo, cortes de verbas e sucateamento” (Veiga-Neto, 2020).

Associando o distanciamento social e o sentimento de solidão enfrentados pela população, mais especificamente em crianças e adolescentes, Loades *et al.* (2020) investigaram o impacto que estes dois elementos tiveram sobre a saúde mental infantojuvenil. Para isso, elaboraram uma revisão sistemática utilizando os bancos de dados MEDLINE, PsycInfo e Web of Science em busca de artigos publicados entre 1º de janeiro de 1946 e 29 de março de 2020. Selecionando 63 estudos que envolveram 51.576 participantes, os pesquisadores encontraram uma clara associação entre a solidão e os problemas de saúde mental que afligem crianças e adolescentes. Para essa população, a solidão foi associada a problemas futuros de saúde mental até 9 anos depois do evento que determinou a situação de isolamento. Os autores apontam que a depressão foi o problema de saúde mental mais associado à solidão e, consistente com achados de estudos envolvendo esta faixa etária, consideram que podem existir diferenças entre os sexos, “com algumas pesquisas indicando que a solidão foi mais fortemente associada a sintomas de depressão elevados em meninas e com ansiedade social elevada em meninos” (Loades *et al.*, 2020, p. 17).

Loades et al. (2020) concluíram que crianças e adolescentes são mais propensos a apresentar elevadas taxas de ansiedade e depressão durante e após a finalização da ruptura do contato social, e que essas demandas poderiam aumentar à medida que a necessidade de isolamento permanecesse necessária. Assim, os autores apontaram que as então medidas de distanciamento social exigidas às crianças por causa da COVID-19 poderiam levar a um aumento de problemas de saúde mental, bem como a um possível estresse pós-traumático. Na ocasião, os pesquisadores também alertaram que os serviços de saúde mental de diferentes países deveriam oferecer apoio preventivo, e para além disso, ofertar intervenção precoce sempre que possível, além de preparar-se para um aumento dos problemas de saúde mental (Loades *et al.*, 2020).

Buscando identificar os impactos psicológicos da pandemia em crianças e adolescentes, Boris (2021) analisou 37 artigos que tratavam da temática da saúde mental e o impacto da pandemia por COVID-19 em âmbito internacional. Em seu artigo, a autora pontua os fatores de risco e vulnerabilidades psicossociais, como idade, gênero, estrutura familiar, nível educativo, origem étnica e condições físicas e mentais. Nesse bojo, a autora destaca a população infantil, que imbrica os desafios aos responsáveis e cuidadores. Os maiores impactos observados foram o medo de infectar-se, frustração e aborrecimento, dificuldade de lidar com os sentimentos de irritabilidade, dentre outros. No âmbito mais amplo, Boris aponta a violência intrafamiliar, o comprometimento da supervisão dos pais e as condições de vulnerabilidade social agravadas nesse processo. Frente aos fatores expostos, a autora ressaltou que é essencial oferecer às crianças um repertório de recursos pessoais, emocionais e sociais desde os primeiros anos de vida, juntamente com um ambiente adequado que lhes permita enfrentar com assertividade situações críticas como a que vivenciaram, isto é, seriam imprescindíveis estudos voltados às políticas públicas tendo por público-alvo os infantes.

Aydogdu (2021) também investigou sobre o impacto da pandemia causado pelo coronavírus, ainda considerado recente à época do estudo, na saúde mental das crianças, a partir de uma revisão integrativa internacional com buscas nas bases Medline, Lilacs, BDENF, IBECs e BINACIS. A autora observou que a pandemia e os fatores relacionados a ela podem impactar negativamente a saúde mental das crianças e ressalta que “quarentena, infecção pelo vírus, contágio ou morte dos pais devido à doença, crise econômica e uso prolongado da internet são alguns dos motivos que podem afetar a saúde mental infantil” (Aydogdu, 2021, p. 1).

Assim, Aydogdu (2021) destaca que o afastamento da criança, tanto da escola como de seus familiares e comunidade, acentua as alterações na sua saúde mental. Nesse contexto, reforça-se a necessidade de se refletir sobre meios para minimizar tais impactos. A autora

pontuou como limitações do estudo a escassez de pesquisas com níveis mais elevados de evidência científica. Além disso, uma outra limitação foi relacionada à restrição de possíveis aspectos em relação à saúde mental das crianças durante esse período, uma vez que a pandemia estava em andamento. Portanto, novos riscos e transtornos poderiam ser observados posteriormente (Aydogdu, 2021, p. 11).

Em outro estudo, Adachi *et al.* (2022) procuraram analisar a relação dos níveis de depressão em crianças e o tempo de exposição às telas. O estudo epidemiológico longitudinal, que ocorreu com todas as escolas de uma comunidade no Japão, contou com 5.204 estudantes de 9 a 12 anos, matriculados de quarta a sétima série. A coleta de dados ocorreu em quatro momentos: setembro de 2019 (Onda 0), julho de 2020 (Onda 1), dezembro de 2020 (Onda 2), e, por fim, março de 2021 (Onda 3), por meio de aplicação de Questionário de Saúde do Paciente para Adolescentes - PHQ-A (Adachi *et al.*, 2022).

O estudo revelou que, em comparação com o período não afetado pela pandemia de COVID-19 (Onda 0), a depressão foi maior no grupo de proprietários de smartphones em relação ao grupo de não proprietários nas Ondas 2 e 3. Embora a percentagem de escores de sintomas depressivos que excederam o valor de corte fosse inicialmente semelhante entre proprietários e não proprietários de smartphones na Onda 0, aumentou entre os proprietários e diminuiu entre os não proprietários na Onda 3. No entanto, a pontuação média total de sintomas depressivos não aumentou entre os proprietários de smartphones, sugerindo que a posse não piorou os sintomas depressivos. Ao contrário, os sintomas depressivos no grupo de não proprietários tenderam a melhorar da Onda 0 para a Onda 3, indicando um possível impacto positivo de não possuir um smartphone nos sintomas depressivos durante a pandemia de COVID-19 (Adachi *et al.*, 2022).

Analisando os resultados por nível de série, essas tendências foram particularmente evidentes na quarta série, onde as diferenças nos sintomas depressivos entre os dois grupos, ausentes antes da COVID-19, tornaram-se significativas durante a pandemia. Isso sugere que a posse de smartphones em uma idade mais jovem pode ser um fator de risco para problemas de saúde mental sob a pandemia de COVID-19. No entanto, o estudo não conseguiu determinar se a posse em si ou outros fatores ambientais contribuem para a disponibilidade precoce de smartphones eram os principais fatores de risco (Adachi *et al.*, 2022).

Embora a investigação de Adachi *et al.* (2022) tenha sido a primeira a examinar as transições de saúde mental de médio prazo durante a pandemia de COVID-19, conduzida em grande escala com uma taxa de retenção relativamente alta, ela apresentou limitações. Era específica para a região do Japão, e a generalização dos resultados para outras áreas com

impactos diferentes da COVID-19 pode ser incerta. O estudo observou a menor incidência de casos e mortes por COVID-19 no Japão e a ausência de lockdowns rigorosos, o que pode ter influenciado os resultados. Além disso, os fatores de fundo que influenciam os efeitos da posse de smartphones não foram adequadamente controlados, e o pequeno tamanho do efeito sugeriu cautela na interpretação dos resultados. O estudo reconheceu que é a utilização problemática de smartphones em vez da simples posse que afeta a saúde mental, destacando a complexidade de entender a relação entre o uso de smartphones e o bem-estar mental (Adachi *et al.*, 2022).

Em âmbito nacional, Rocha *et al.* (2021) realizaram um estudo no qual tiveram como objetivo analisar impactos da pandemia para a saúde mental infanto-juvenil. Para isso, realizaram estudo quali/quantitativo por meio de questionário elaborado através do Google Forms e disponibilizado em rede social. Participaram da pesquisa duzentos responsáveis por crianças e adolescentes, a maioria entre 8 e 12 anos (38,5%), mas as outras faixas etárias tiveram porcentagens próximas, sendo a de 3 a 7 anos com 29% e a de 13 a 18, com 32,5%. No que diz respeito ao estado onde residiam os responsáveis, estavam distribuídos da seguinte forma: Paraíba (65%), Ceará (20%), Pernambuco (5,5%), Rio de Janeiro (5%) e outras localidades (4,5%) (Rocha *et al.*, 2021).

Rocha *et al.* (2021) referem que os sentimentos centrais relatados consistiram em: “preocupação, medo, tristeza, ansiedade, irritabilidade e saudades da rotina.” (Rocha *et al.*, 2021). Os autores apontam aspectos em relação a alterações comportamentais das crianças ou adolescentes. Desde o período inicial pandêmico, 73% dos participantes afirmaram ter observado variações comportamentais - a principal foi o aumento do tempo de uso do celular (77%). Ainda, outras diferenças identificadas no questionário foram: dificuldade de dormir (43%), queda no rendimento escolar (42,5%) e agitação/irritação (42%). Entre as limitações do estudo, destaca-se a falta de especificação quanto à seleção entre responsáveis por crianças e adolescentes que frequentam o ensino público ou privado. Além disso, não foram feitos registros nem foram considerados dados referentes à classe econômica e social das famílias dos entrevistados (Rocha *et al.*, 2021).

Também em território brasileiro, Vasquez *et al.* (2021) buscaram analisar os efeitos da pandemia por COVID-19 sobre a saúde mental dos estudantes durante a suspensão das aulas presenciais. O estudo envolveu uma região periférica da grande São Paulo e a cidade de Guarulhos. Seu desenvolvimento ocorreu no período de outubro a dezembro de 2020, e o estudo contou com a participação de 401 estudantes que acompanhavam as atividades escolares remotas, com idade variando entre 13 e 20 anos, vinculados a 21 escolas públicas e que responderam a um questionário online de autorrelato. Dentre os resultados do estudo, além dos

escores relativos à ansiedade e depressão, indicou-se que 86,5% dos participantes tiveram sua rotina alterada e, destes, 27,3% estavam sofrendo com alterações na qualidade do sono, já que estavam invertendo o dia pela noite. Destaca-se que 74% relataram que sentem falta das aulas presenciais e de seus professores, e mais da metade dos participantes concordam que os conhecimentos aprendidos na escola ajudam na vida cotidiana (Vasquez *et al.*, 2021).

No estudo de Vasquez *et al.* (2021), foi verificado que o tempo de exposição às telas, as alterações nos padrões de sono e o fator de ser do sexo feminino, juntamente com as dificuldades inerentes ao ensino remoto e outros indicadores sociais (como cor/raça e casos de COVID-19 no ambiente doméstico), estavam correlacionados com sintomas de depressão e ansiedade, principalmente durante a primeira onda da pandemia de COVID-19 na região metropolitana de São Paulo. Isso ressalta a relevância da rotina escolar na vida desses jovens e destaca os desafios enfrentados pelas escolas na promoção da saúde mental dos estudantes no período pós-pandemia. Os autores apresentam propostas de intervenção territorial, especialmente considerando o retorno às aulas. Ressaltam, ainda, que os achados do estudo devem ser considerados como alerta para os gestores da educação “sobre os recursos e a preparação a serem mobilizados para fazer frente a esta nova realidade” (Vasquez *et al.*, 2021).

Ainda nesse âmbito, Oliveira *et al.* (2022) buscaram compreender as percepções de docentes sobre as violências infligidas contra crianças e adolescentes, dentro do contexto da pandemia de COVID-19. A pesquisa foi conduzida em um município de médio porte, considerado um polo tecnológico no centro do estado de São Paulo, e o estudo concentrou-se em um distrito específico com cerca de 80.000 habitantes. Foi selecionada uma escola nesse distrito, identificada como um grupo exposto a alta vulnerabilidade social em um contexto urbano, classificado como categoria 5 (cinco) de acordo com o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) de 2010. A instituição atende alunos desde os primeiros anos do Ensino Fundamental até os últimos anos do Ensino Médio, totalizando 18 turmas em ambos os turnos, com um total de 578 matrículas regulares. Os participantes da pesquisa foram profissionais da educação que tinham contato com os estudantes do Ensino Fundamental e Médio e possuíam acesso à Internet (Oliveira *et al.*, 2022).

Ademais, na pesquisa de Oliveira *et al.* (2022), os resultados destacaram que a violência contra crianças e adolescentes é percebida como um fenômeno multidimensional pelos participantes, sendo a pandemia, especialmente o distanciamento social, associada ao aumento de casos e à dificuldade na identificação dessas violências, dadas as particularidades de sua ocorrência nas famílias. O afastamento escolar, agravado pela dificuldade de acesso remoto das crianças e adolescentes pelos professores, foi identificado como um fator crucial, aumentando

a vulnerabilidade às violências. Os impactos na saúde mental desses jovens, decorrentes de experiências conflituosas e/ou violentas, foram ressaltados, destacando a necessidade de cuidado interprofissional e intersetorial para enfrentar esse desafio e propor ações a curto e médio prazo. Os pesquisadores ressaltaram fatores limitadores para a elaboração da pesquisa, como não ter comunicação verbal, a impossibilidade de contato visual e o uso da saturação por códigos (Oliveira *et al.*, 2022, p. 7).

Para o presente trabalho, é de suma importância trazer a reflexão de que grande parte da população apontada pelos participantes da pesquisa estava submetida a vulnerabilidades diversas e pobreza. Segundo a UNICEF¹³, a pobreza não se refere apenas à monetária, ela é multidimensional e abarca facetas como: alimentação, saúde, educação, saneamento básico, renda, trabalho infantil, moradia, água e informação. A pobreza multidimensional propriamente dita é resultado da “inter-relação entre privações, exclusões e diferentes vulnerabilidades a que meninas e meninos estão expostos” (UNICEF, 2023, p. 1).

A educação escolar tem centralidade na vida da população, seja para os estudantes, seja para os seus familiares, além dos profissionais que atuam direta ou indiretamente nas escolas. Nesse sentido, a pandemia desvelou problemas estruturais da sociedade e ressaltou a importância da escola para com o coletivo (Santos; Lima; Sousa, 2020).

Compreendendo que os docentes eram os principais atores imersos na realidade da educação durante a pandemia, Santos, Lima e Sousa (2020) entrevistaram, por meio de WhatsApp¹⁴, treze docentes que atuavam na educação básica das redes públicas do estado do Ceará e Paraíba, buscando entender como compreendiam seu trabalho e como vivenciaram tempos pandêmicos. Por meio de narrativas escritas e orais, foram revelados diversos desafios enfrentados pelos docentes, tais como: confrontar frequentemente discursos e situações que os desvalorizam; condições precárias de ensino e aprendizagem; desafios ligados à incorporação de novas tecnologias em suas atividades laborais durante a pandemia; dificuldade em separar a vida pessoal da profissional, entre outros.

O texto de Santos, Lima & Sousa (2020) foi finalizado com questões profundas e amplas, como: “Que sociedade e educação são necessárias para termos uma vida que valha a pena ser vivida?”; “Que outra escola é necessária e possível?”. Assim, apontaram que a temática

¹³ A UNICEF é o Fundo das Nações Unidas para a Infância. A organização trabalha em mais de 190 países e territórios para ajudar crianças e adolescentes a sobreviver, crescer e alcançar seu máximo potencial, desde a primeira infância até a adolescência.

¹⁴ O WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones, permite que os usuários enviem mensagens de texto, imagens, vídeos e documentos em formato digital, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

em questão merece ser aprofundada em investigações futuras, especialmente em relação às experiências e vivências docentes (Santos; Lima; Sousa, 2020). Apesar dos autores não apontarem limites do estudo, ressalta-se que entrevistas via WhatsApp e outros meios eletrônicos possuem limitações, como a falta de controle sobre o ambiente do entrevistado, possíveis distrações e a dificuldade em captar expressões não verbais. Além disso, a qualidade da conexão pode afetar a comunicação e é crucial garantir a privacidade e a confidencialidade dos dados, considerando a natureza sensível de algumas informações e relatos.

Em relação as demandas laborais, Medeiros (2021) realizou um estudo refletindo sobre o trabalho de docentes, trabalho este que já apresentava intensificação mesmo antes da pandemia e, objetivou assim identificar indicadores de aumento do trabalho de professoras e professores da rede pública de ensino do Distrito Federal durante a pandemia da COVID-19. Para esta análise, no segundo semestre da pandemia, foi utilizado um questionário com questões abertas e fechadas, que foi distribuído através do formulário Google e enviado via WhatsApp, e, 94 respostas de professores da Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal foram analisadas.

Os resultados do estudo de Medeiros (2021), apontaram que a pandemia resultou na impossibilidade das aulas presenciais, alterando a dinâmica temporal e espacial do trabalho docente, associando-o mais estreitamente à vida privada dos professores. Assim, sua pesquisa revelou que organizar as horas semanais de trabalho tornou-se uma tarefa ainda mais desafiadora, especialmente ao tentar separar as responsabilidades entre a docência e as tarefas domésticas. Durante esse período, as atividades profissionais e pessoais se entrelaçaram, demandando atenção simultânea para questões como cuidados domésticos, educação dos filhos e cuidados com a saúde mental. Destacaram-se relatos de professoras que, além das atribuições docentes, assumiram novas responsabilidades, como acompanhar o ensino remoto de seus filhos. Os professores utilizaram termos como "exaustiva" e "estressante" para descrever a nova rotina, evidenciando o aumento significativo de demandas. Relataram também um acréscimo expressivo no tempo de trabalho durante o ensino remoto, gerando uma exaustão decorrente do excesso de tarefas e da dificuldade em estabelecer limites entre trabalho e vida pessoal.

Ainda no contexto brasileiro, em estudo realizado no primeiro ano da pandemia, Comelli e Tavares (2021), em pesquisa de natureza qualitativa, buscaram explorar, sob a perspectiva afetiva do aluno, a experiência de vivenciar a educação remota durante a pandemia da COVID-19. Para isso, utilizaram um questionário online composto por 41 perguntas fechadas e abertas que foi transmitido a 363 alunos, entre 11 e 15 anos de idade, de uma escola pública no sudeste do Brasil. Os alunos foram convidados a compartilhar os sentimentos que

surgiram ao refletirem sobre o período de ensino remoto durante a pandemia. Através dos discursos, compreenderam quatro campos afetivos mais relevantes para os alunos - relacionado aos amigos; às aulas; aos seus lares; e aos professores (Comelli; Tavares, 2021).

Comelli e Tavares (2021) concluíram, especificamente sobre a relação entre alunos e professores, que o período da pandemia gerou nos entrevistados duas facetas afetivas: ansiedade e expectativas. Os autores ressaltam que os docentes figuram para os alunos, conforto e cuidado e precisam ser reconhecidos e valorizados em seu papel positivo, entretanto, considerando o contexto pandêmico em que a pesquisa foi desenvolvida, os alunos poderiam estar captando informações distorcidas emitidas pelos professores, como tristeza e outros sentimentos negativos, interferindo no papel positivo que representam e desempenham. Assim, além de ser importante ressaltar a escassez de pesquisas que abordam a relação professor-aluno, dentro do campo afetivo, em tempos de pandemia pela COVID-19, a pesquisa referida tem por limitação a ausência de abordagem dos docentes, mesmo que tenha como objeto de estudo os alunos.

Frente ao exposto, este estudo propõe-se a compreender as condições socioemocionais de alunos e professores do Ensino Fundamental Público ao longo da pandemia, a partir da perspectiva de educadoras e educadores, tendo por intuito contribuir tanto para a compreensão desta complexidade como, também, para a reflexão de estratégias de ação necessárias que podem somar possibilidades na melhoria da vida e da saúde de estudantes, docentes e comunidade escolar.

2 OBJETIVO

O objetivo do presente estudo é compreender as condições socioemocionais de alunos e professores do Ensino Fundamental Público ao longo da pandemia, a partir da perspectiva das educadoras e dos educadores de um município de médio porte¹⁵ do estado de São Paulo.

¹⁵ Rio Claro, localizado no estado de São Paulo, é um município com uma população que pode ser considerada de médio porte em comparação com outros municípios do estado. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não possui uma definição específica para "município de médio porte." No entanto, em análises demográficas e socioeconômicas, o termo "município de médio porte" geralmente se refere a cidades que não são nem grandes metrópoles nem pequenos municípios.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com caráter exploratório e abordagem qualitativa. A escolha desta metodologia de pesquisa possibilita que ocorra um maior reconhecimento com o problema, permite a elaboração de hipóteses e um planejamento flexível (Gil, 2002).

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, recorreremos a Demo (1998) para explicitar sobre a escolha metodológica, já que o autor explora o qualitativo partindo de uma abordagem epistemológica. Considerando que todo fenômeno qualitativo é histórico, este fenômeno está dentro de um contexto material, temporal e, também, espacial.

Ainda para Demo (1998), a qualidade é fundamentada na participação e, considerando uma história participativa, chegaremos o mais próximo da sociedade que desejamos, portanto, a participação pode ser sinônimo de qualidade (Demo, 1998, p. 5).

3.1 Participantes

Participaram do estudo 16 docentes da rede pública municipal de Ensino Fundamental I de Rio Claro - SP com idades que variam entre 30 e 60 anos. Como critérios de inclusão para participação, foi considerado o fato de o professor estar em função do exercício de atividade docente por no mínimo três anos¹⁶, e com turmas de 3º a 5º ano¹⁷.

3.2 Local

A pesquisa foi conduzida no município de Rio Claro, que está situado no Estado de São Paulo e faz parte da Região Administrativa de Campinas. Localizado no centro-leste do Estado, o município fica a 190 km da capital paulista (Rio Claro, 2021).

Em 1845, Rio Claro conquistou sua autonomia administrativa, tendo seu surgimento vinculado ao ciclo do café no final do século XIX, com o desenvolvimento econômico impulsionado pela expansão da cultura cafeeira na área. A chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1872, facilitou o transporte do café, o que acabou por desempenhar um papel crucial no crescimento urbano. Ao longo dos anos, a cidade diversificou sua economia, incorporando setores industriais e educacionais, consolidando-se como um centro urbano significativo no interior paulista (Rio Claro, 2021).

¹⁶ Critério de inclusão adotado por considerar a experiência docente anterior à pandemia, o tempo de vinculação dos docentes com os alunos e o conhecimento do território.

¹⁷ Considerando que alunos do 3º ao 5º ano possuem uma experiência escolar mais consolidada do que os anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Em 2023, Rio Claro celebrou seu 193º aniversário. A cidade tem média populacional de 201.418 habitantes, o salário médio mensal em 2020 era de 2.7 salários-mínimos - ocupando o 89º lugar dentre 645 cidades da região em relação a rendimentos, e, em território nacional, o 284º lugar de 5570 municípios. Sua taxa de escolarização de crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos de idade, em 2010, era de 98,2 % (IBGE, 2022).

O quadro educacional de Rio Claro é composto por sistemas de ensino público e privado. Os serviços públicos são ofertados da Educação Infantil até o Ensino Superior. Portanto, a cidade conta com escolas municipais (que oferecem Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos), estaduais (que oferecem o Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano e Ensino Médio) e particulares (em todos os níveis de ensino), e unidades do Centro Paula Souza – ETEC e do SESI, SENAI, SENAC, SEST/SENAT¹⁸, com cursos extensivos e profissionalizantes. Quanto ao Ensino Superior, no município localiza-se um campus da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e atuam instituições de ensino privadas (Rio Claro, 2021).

A Rede Municipal de ensino de Rio Claro é composta por 63 escolas públicas de Ensino Fundamental, nas quais são ofertadas Educação Infantil, compreendendo a Etapa I (para crianças de quatro meses a três anos) e a Etapa II (referente ao ensino de quatro e cinco anos); o Ensino Fundamental, com Etapa I (ofertando do 1º ao 5º ano) e Etapa II (oferecendo do 6º ao 9º ano); e Educação de Jovens e Adultos. Segundo o IBGE (2021), existiam 22.737 matrículas no Ensino Fundamental do município (Educação Rio Claro, 2023; IBGE, 2021)

O município tem, atualmente, seis Centros de Referência de Assistência Social - CRAS, e um CRAS volante, nos quais a população atendida consegue orientações e informações referentes a programas, serviços e benefícios da assistência social, além do Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS - que oferece serviços de proteção social especial para famílias e indivíduos em situação de violação de direitos.

Atualmente, a cidade dispõe de quatro Pronto Atendimentos públicos: Pronto Atendimento Ginecologia e Obstetrícia; Pronto Socorro Municipal; Unidade de Pronto Atendimento Cervezão; Caps III. Conta, também, com quatro Unidades Básicas de Saúde - UBS, dezoito Unidades de Saúde da Família - USF, cinco ambulatórios de especialidades, três Centros de Atenção Psicossocial – CAPS¹⁹ e um Centro Especializado em Reabilitação - CER,

¹⁸ ETEC – Escola Técnica Estadual; SESI – Serviço Social da Indústria; SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; SEST/SENAT - Serviço Social do Transporte (SEST) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT).

¹⁹ Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas - CAPS AD; Centro de Atenção Psicossocial InfantoJuvenil – CAPSij

além de contar com o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU. Além disso, oferece serviços de saúde coletiva, incluindo vigilância sanitária, vigilância epidemiológica, centro de zoonoses, núcleo de combate à dengue, assistência farmacêutica, dispensário de medicamentos, entre outras unidades de saúde²⁰. Destaca-se que se encontra em fase de construção um Hospital Público Municipal.

3.3 Instrumentos e Materiais

Para a coleta de dados, utilizou-se um formulário de identificação dos participantes e um roteiro de entrevista semiestruturada.

Os materiais utilizados foram um gravador de áudio e um computador pessoal de acesso restrito às pesquisadoras.

A escolha por utilizar entrevistas semiestruturadas com os docentes se deu pela versatilidade e abordagem abrangente das perspectivas dos entrevistados (Manzini, 2019). Esse procedimento visa conhecer fenômenos sociais que possuem um problema de pesquisa bem delimitado. Não se trata apenas de uma técnica, é um procedimento que deve proporcionar um processo de interação e envolvimento entre entrevistadora e entrevistados, possibilitando à(ao) entrevistadora(o) contribuir para a reflexão das(os) entrevistadas(os) (Manzini, 2004; 2019).

3.3.1 Formulário de identificação dos participantes

(APÊNDICE 1): composto por 9 questões, visando a identificação dos participantes quanto à caracterização geral, formação e atuação profissional.

3.3.2 Roteiro de Entrevista Semiestruturada

(APÊNDICE 1): composto por 14 questões que visam compreender as condições socioemocionais de alunos e professores do Ensino Fundamental público, ao longo das diferentes fases da pandemia até a regularização do retorno presencial, a partir da perspectiva dos entrevistados. Além disso, buscou-se identificar como as educadoras e educadores lidam com os estudantes frente a situações de sofrimento emocional.

²⁰ UBS Jardim Chervezon; UBS Vila Cristina; UBS Wenzel; UBS 29; CER - Centro Especializado em Reabilitação "Princesa Victória"; USF Ajapi; USF Mãe Preta I/II; USF Palmeiras I/II; USF Jardim Novo I e II; USF Benjamin de Castro; USF Bonsucesso/Novo Wenzel; USF Jardim das Flores; USF Guanabara; USF Panorama; USF Terra Novo; USF Jardim Progresso; USF Santa Elisa; USF Assistência; USF Nosso Teto/Boa Vista; USF Ferraz; USF Brasília; USF São Miguel; USF Bela Vista.; Centro de Atenção Psicossocial "18 DE MAIO" CAPS III; UPA Cervezão.

O roteiro foi dividido em 4 seções. As três primeiras seções abordaram as 3 etapas identificadas através das portarias da Secretaria da Educação de Rio Claro em relação às resoluções da educação ao longo da pandemia: a 1ª fase representa o período de distanciamento social, quando as aulas foram suspensas e materiais impressos foram entregues; a 2ª fase foi relativa à retomada do contato presencial das crianças no convívio escolar rodiziado em “bolhas de convivência” - com no máximo 30% dos estudantes em cada semana -, a continuidade da entrega de materiais de forma rodiziada e os plantões das educadoras e dos educadores; a 3ª fase correspondeu à retomada de 100% dos alunos presencialmente, com a vacinação de parte do público infantil e o retorno às aulas presenciais em meio ao surgimento de variantes do vírus; a 4ª seção abordou a saúde mental dos alunos, os recursos e as dificuldades que se observam regularmente no cotidiano escolar; ademais, solicitaram-se, nesta fase, comentários e sugestões adicionais sobre o estudo e/ou a entrevista, de acordo com o desejo dos participantes em fornecê-los.

4 PROCEDIMENTOS

4.1 Procedimentos Éticos

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP – UFSCAR) e, após aprovação, em 18 de maio de 2022, com parecer numerado em 5.416.600 (ANEXO A), norteando-se pelas orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conselho Nacional de Saúde), foi feito contato com a gerente de projetos das escolas da rede pública de ensino de Rio Claro, com o intuito de protocolar a proposta da pesquisa e dar continuidade aos procedimentos éticos.

Esclarece-se que foi entregue para todos os participantes uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguido de explanação sobre objetivos, procedimentos e análises deste estudo.

4.2 Elaboração e Validação dos Instrumentos

A partir da revisão de literatura da área, as pesquisadoras elaboraram uma primeira proposição do roteiro de entrevista que explorou as opiniões e reflexões das educadoras e dos educadores em relação à saúde mental e à vivência de seus estudantes ao longo da pandemia.

Após a primeira versão ser aplicada junto a duas educadoras, foi obtida a segunda versão do roteiro. Para a implementação das demais etapas de validação do roteiro, 5 juízas com experiência científica e acadêmica comprovada no campo em questão foram convidadas para avaliar o instrumento, indicando sugestões para sua complementação e/ou modificação.

A terceira versão do instrumento, obtida após a avaliação das juízas, foi aplicada junto a três educadoras e, após os ajustes que se verificaram necessários, foi obtida a última e definitiva versão do roteiro aplicado no estudo.

4.3 Entrada em Campo

Após a autorização para início da pesquisa pela Secretaria de Educação de Rio Claro e a indicação de 10 escolas de Ensino Fundamental I, dentre as 28 existentes a serem contatadas e convidadas a participar da pesquisa, foram indicadas 6 escolas periféricas e 4 de localização central do município.

Primeiramente, a pesquisadora entrou em contato com gestoras e gestores das escolas para apresentar a proposta de pesquisa, esclarecer os critérios de inclusão dos participantes e

entregar cópia da autorização da Secretaria de Educação e cópia do TCLE. Após o convite e esclarecimentos, 8 escolas aceitaram a realização do estudo, 5 periféricas e 3 centrais.

A apresentação mais detalhada sobre a pesquisa foi feita para as representantes das escolas, coordenadoras e coordenadores pedagógicas, diretoras e vice-diretoras. Nesta ocasião, foi solicitado a estes representantes que apresentassem o convite de participação a todos os docentes, orientando aos interessados em participar, que se manifestassem.

4.4 Entrevistas com os docentes

Os docentes que manifestaram interesse foram contatados pela pesquisadora, que reapresentou a proposta de pesquisa, esclareceu dúvidas, enviou cópia do TCLE - para que pudessem ter acesso aos direitos dos participantes da pesquisa - e agendou os encontros para a realização das entrevistas.

Antes das entrevistas, todos os direitos dos participantes foram novamente esclarecidos - conforme Resolução N° 510, quanto ao consentimento livre e esclarecido - em relação a confidencialidade, armazenamento de dados, privacidade, benefícios, riscos, dano imaterial, participação não obrigatória, respostas às perguntas também não obrigatórias, assistência ao participante da pesquisa e oportunidade de desistência de participação na pesquisa a qualquer momento, dentre outros (conforme consta no TCLE). A pesquisadora destacou que permaneceria disponível para esclarecimentos de quaisquer dúvidas ou demandas dos participantes através de contato telefônico/e-mail/WhatsApp.

Após o convite, foram agendadas 21 entrevistas presenciais nas escolas, e foi possível realizar 16²¹. As entrevistas foram realizadas em horário de HTPI²² das educadoras e educadores, tiveram duração de 40 minutos a 1 hora e foram realizadas entre os meses de maio e junho de 2022²³. Cada escola ofereceu o espaço disponível e adequado para que as entrevistas ocorressem de forma a responder aos protocolos relativos ao COVID-19, em ambiente sigiloso e sem interrupções.

O quadro a seguir apresenta os participantes da pesquisa, nomeados em siglas a fim preservar as identidades dos docentes, as escolas em que lecionam, legendadas por letras²⁴, e se estão localizadas em região periférica ou central a cidade²⁵.

²¹ Cinco docentes confirmados acabaram por desistir e/ou não compareceram nas entrevistas agendadas.

²² Horário de trabalho pedagógico individual.

²³ Totalizando cerca de 11 horas e 28 minutos de gravações.

²⁴ Todas as escolas foram nomeadas com letras em ordem alfabética para preservar a privacidade dos participantes; assim também foram modificadas no roteiro de entrevista, que seguirá no anexo.

²⁵ Classificação dada pela Secretaria de Educação do Município em conjunto com as indicações das escolas.

Quadro 1 - Docentes participantes e região das escolas

Educador	Escola	Tipo
Su4	A	PERIFÉRICA
Ad10	B	PERIFÉRICA
E5	B	PERIFÉRICA
C11	B	PERIFÉRICA
Ja15	B	PERIFÉRICA
D8	C	CENTRAL
T9	C	CENTRAL
S3	C	CENTRAL
K2	D	CENTRAL
P6	E	PERIFÉRICA
R1	E	PERIFÉRICA
M14	F	CENTRAL
Ad13	G	PERIFÉRICA
G12	G	PERIFÉRICA
F16	H	PERIFÉRICA
H7	H	PERIFÉRICA

Fonte: Quadro elaborado pela autora

As entrevistas gravadas foram armazenadas em total sigilo e assim permanecerão por, no mínimo, cinco anos após a conclusão da pesquisa, como previsto na Resolução CNS N°510 de 2016, o que também consta no TCLE - Educadora/Educador.

4.5 Tratamento e Análise de Dados

Para analisar os dados coletados, todas as entrevistas foram transcritas e utilizou-se a técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC (Lefèvre, 2014).

A técnica foi desenvolvida com o intuito de ser utilizada em pesquisas de representação social. Seu objetivo é representar a opinião de um coletivo de indivíduos por meio de um discurso único, sem deslegitimar a natureza qualitativa de cada depoimento analisado. Assim, a técnica almeja resgatar, por meio das opiniões dos participantes, os elementos associados à dimensão coletiva presentes em cada expressão verbal (Lefèvre; Lefèvre, 2001, 2005, 2010).

No DSC, elaborados “blocos de discursos redigidos na primeira pessoa do singular, compostos por trechos de falas de diferentes sujeitos, que apresentam os mesmos sentidos e significados sobre o tema” (Lefèvre, 2010). A técnica baseia-se na Teoria das Representações Sociais - TSC, que revela um modo coletivo do pensar humano em um determinado momento histórico (Lefèvre, 2017, p. 15). Trata-se, assim, de um conjunto de instrumentos destinados a

expor as representações sociais. Consequentemente, os DSCs, ou depoimentos coletivos, são “construtos confeccionados com fragmentos literais do conteúdo mais significativo dos diferentes depoimentos que apresentam sentidos semelhantes” (Lefèvre, 2010, p. 17).

O DSC possibilita a expressão direta da coletividade. A proposta da técnica é organizar e a tabular os dados qualitativos verbais, reconstruindo fragmentos de relatos individuais que encapsulam o pensamento representativo de um determinado grupo social. Dessa forma, a estratégia discursiva inerente ao DSC visa elucidar uma representação social, revelando a maneira de pensar dos indivíduos por meio do discurso como expressão. Os depoimentos coletivos, na forma de DSC, permitem a transmissão de opiniões distintas, com o resultado composto por tantas variações de DSC quantas forem encontradas na população pesquisada (Lefèvre, 2010; Lefèvre, 2000).

Ademais, o DSC alinha-se às correntes contemporâneas que valorizam a multiplicidade, a complexidade e a diferença, reconhecendo a coexistência desses elementos em tensão dialética com a similaridade, a simplicidade e a unidade. Dessa forma, a técnica evidencia a presença de diferentes tipos ou categorias de pensamento coletivo entre as populações envolvidas em um tema específico (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010).

Os operadores empregados no DSC estão apresentados no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Operadores DSC

Operadores	Descrição
Expressões-chave (ECH)	Citações de trechos ou seguimentos literais dos depoimentos dos sujeitos entrevistados, que expõem a essência do discurso e expressam opiniões.
Ideias Centrais (IC)	Expressão linguística ou nome, que revela e expõe de maneira sucinta e precisa, o sentido das ECH de cada um dos discursos analisados.
Ancoragem (AC)	Tipo específico de IC, pode nem sempre estar presente no discurso, é uma expressão de uma determinada teoria ou ideologia que se encontra embutida no discurso como se fosse uma afirmação.
Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)	É um agrupamento de ICs, em um só discurso-síntese, redigidos na 1ª pessoa do singular.

Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir de Lefèvre, 2010

No DSC, os depoimentos são redigidos na primeira pessoa do singular, buscando criar o efeito de uma opinião coletiva expressa como um fato empírico pela voz de um único sujeito

do discurso (Lefèvre, 2010). Para a análise dos dados provenientes das entrevistas, realizou-se a transcrição integral de todas as conversas. Em seguida, cada pergunta foi analisada separadamente. Posteriormente, foram identificadas as expressões-chave, assim como as ideias centrais e ancoragens presentes nas falas de cada participante, conforme preconizado por Lefèvre (2010).

Conforme Lefèvre e Lefèvre (2010) preconizam, as Expressões-Chave (ECH) consistem em citações literais de partes, trechos ou segmentos dos depoimentos dos participantes, onde é possível discernir o conteúdo essencial do depoimento. As Ideias Centrais (IC) caracterizam-se como nomes ou expressões linguísticas que sintetizam, de maneira sucinta e precisa, os sentidos das ECH, ou seja, são afirmações identificadas pelo analista que traduzem o essencial do conteúdo de cada depoimento. Ressalta-se que as IC também são conhecidas como categorias. A Ancoragem é uma forma específica de ideia central, expressa como manifestação linguística de uma teoria, ideologia ou crença que o autor do discurso professa, podendo ser classificada como uma afirmação genérica.

Uma vez identificadas, as expressões-chave e as ideias centrais são agrupadas sob a forma de categorias, de modo que cada uma engloba ideias centrais semelhantes. Por fim, elabora-se o Discurso do Sujeito Coletivo. O objetivo do DSC é construir, por meio das falas obtidas nas entrevistas, um discurso que represente um determinado grupo social (Lefèvre; Lefèvre, 2010). Nesse contexto, de acordo com Lefèvre e Lefèvre (2003), o conteúdo do DSC é composto pelo que o sujeito individual disse e, também, pelo que ele poderia ter dito, considerando as contribuições de seu companheiro de coletividade, uma vez que ambos pertencem ao mesmo grupo social.

Dessa forma, cada pergunta do roteiro foi analisada sob duas perspectivas: uma relacionada ao conteúdo referente aos alunos e outra relativa às percepções dos professores sobre si mesmos.

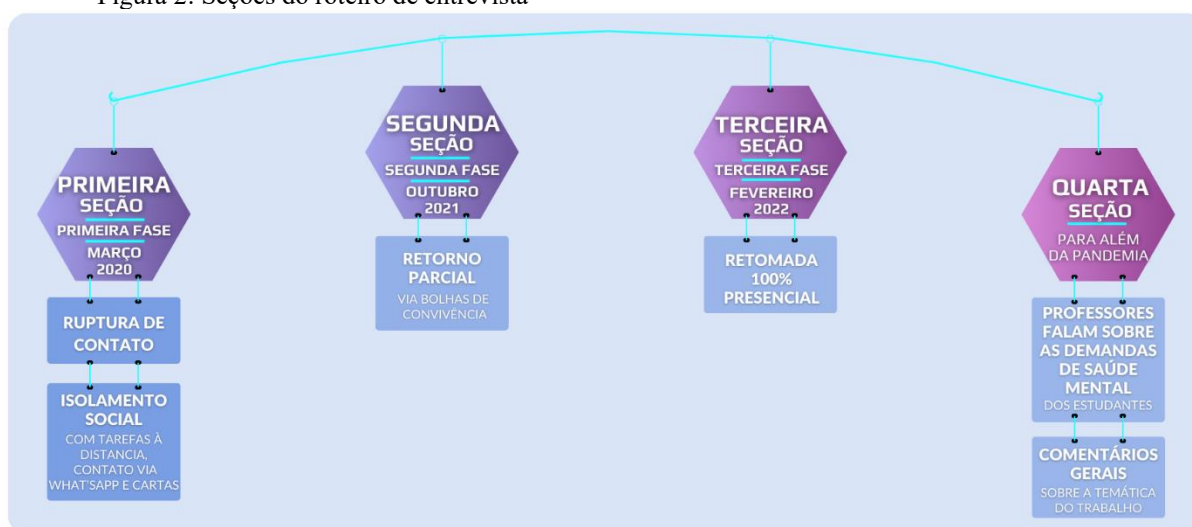
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das entrevistas com as educadoras e os educadores, foram produzidos 102 discursos do sujeito coletivo - DSCs. A seguir, serão apresentados os principais resultados advindos desta análise.

Os resultados e a discussão serão apresentados em quatro seções, sendo que as três primeiras se referem às três fases da pandemia (ruptura de contato; retomada de contato via “bolhas de convivência”; e retomada de 100% dos alunos); e uma quarta seção em que os participantes foram indagados sobre possíveis demandas de saúde mental dos estudantes para além da pandemia e em que foram, também, convidados a fazer comentários ou outras considerações sobre a temática da pesquisa e/ou sobre o roteiro de entrevista.

Visando facilitar a compreensão dos resultados considerando as seções e o períodos abordados nas diferentes fases, apresentam-se na figura 2, a seguir, a ilustração das 4 seções que compuseram o roteiro de entrevista utilizado no estudo.

Figura 2: Seções do roteiro de entrevista



Fonte: Elaborado pela autora

Em cada uma das seções, para facilitar a descrição e a compreensão dos resultados, foram distribuídos em *eixos* que buscam focalizar aspectos comuns encontrados nos discursos produzidos dentro de cada seção.

Relativamente às três primeiras seções, que correspondem às fases da pandemia, primeiramente serão apresentados os resultados relativos à perspectiva dos professores sobre a vivência de seus alunos e familiares em cada um dos períodos abordados e, em seguida, o ponto de vista dos professores sobre suas próprias experiências.

5.1 SEÇÃO 1: 1ª Fase – Distanciamento social e rompimento de contato

Duas questões nortearam a abordagem das entrevistas relativas ao primeiro momento pandêmico, as quais buscavam compreender como foi para os alunos e docentes o momento de distanciamento total e como se deu a reorganização para retomada de contato à distância.

5.1.1 Seção 1.1: Sobre os estudantes

Eixo A.1 Seção 1: A compreensão da realidade e vivência dos estudantes durante o período de quarentena

Neste momento, relativo à fase inicial da pandemia, os professores destacaram a abrupta ruptura do contato entre os indivíduos da comunidade escolar (estudantes, equipe escolar) e elencaram pensamentos e preocupações relativas aos seus alunos, que também envolveram o contexto e a realidade em que vivem, conforme ilustram os DSCs abaixo:

“Então, teve uma ruptura. No início a gente não tinha contato nenhum, ficou todo mundo em casa mesmo, a gente não tinha noção, a gente perdeu mesmo o vínculo com as crianças, totalmente. Eu fiquei em dúvida, eu pensava neles: ‘devem estar em casa’, talvez alguns estejam se cuidando. Então, nesse período eu fui deduzindo o que deveria ser trabalhado, porque era uma distância, não tinha contato.”

Considerando o relato, com a necessidade do distanciamento social, além do ineditismo daquele momento, ocorreram impactos no dia a dia dos entrevistados. Resultados semelhantes foram apontados por Vasquez *et al.* (2021), que afirmam que a pandemia da COVID-19 impactou significativamente a população em geral, pois o distanciamento social atingiu de forma inédita a rotina diária e as relações sociais de milhares de vidas (Vasquez *et al.*, 2021).

“A minha preocupação era eles ficarem em casa. Com quem vão ficar? Tem alguém para tomar conta? E a gente sabe que é, há uma limitação em casa né, que a família tem que trabalhar, muitos ficaram desempregados, muitos passaram fome. Se pra gente adulta já era difícil ficar dentro de casa, imagina para uma criança. Também a gente sentia medo das agressões aumentarem, a gente sabe que hoje em dia ela é grande, abuso psicológico...Sinceramente foi bem preocupante.”

Relacionando os resultados apontados em relação a violências sofridas e instabilidade financeira, estudos ressaltam que crianças que estão submetidas a convivência em “famílias que estão lidando com fatores estressores adicionais, como na pandemia - problemas financeiros, desemprego, aumento de uso de substâncias, maior carga de trabalho doméstico - estão mais vulneráveis a violências” (Oliveira *et al.*, 2022, p. 5).

Assim, o resultado acima, em relação à preocupação dos participantes sobre possíveis violências e abusos dos quais as crianças e os membros da família poderiam sofrer, parece ser justificada, e, ao longo do tempo, confirmada pela realidade. Isso também foi apresentado em nota técnica do Fórum de Segurança Pública (2020), em que foram levantados dados que apontaram que, apesar das notificações de ameaças e violência doméstica terem diminuído no período inicial da quarentena, os casos de feminicídios aumentaram, o que acusa subnotificações.

Ainda considerando a realidade vivida pelos familiares e cuidadores das crianças e, as educadoras, cientes da situação, apontaram preocupações relativas às mães trabalhadoras da saúde e, também, com cuidadores que eram do grupo de risco.

“Sabe, eu tenho alunos aqui que as mães são da rede pública de saúde e elas tinham que trabalhar e tinham contato com todo esse Covid. Vó, vó, eram grupo de risco. Então eu fiquei bastante preocupada com eles, pensava: “Com quem vão ficar? Tem alguém para tomar conta?””

O resultado apresentado se aproxima das conclusões obtidas em pesquisa de Santos *et al.* (2020), em que também foi verificado um cenário de incertezas, de amedrontamento, relativos aos outros e ao mundo. Estes sentimentos eram experienciados especialmente para quem se encontrava na linha de frente do atendimento em saúde. Desse modo, a pandemia se instaurou como um tempo paralisante, de suspensão, de reflexões, de problematizações, de questionamentos, especialmente para o campo da saúde, da economia e da educação (Santos *et al.*, 2020).

Eixo A.2 Seção 1: Crianças e suas famílias reveladas através das estratégias de contato

Após o súbito rompimento com a escola, os entrevistados procuraram estratégias de contato (via carta e WhatsApp) buscando manter o vínculo com as crianças. Para parte desses docentes, esse contato possibilitou ter uma dimensão de como estavam, o que será apresentado nos DSCs a seguir.

“Assim, a gente começou com uma carta, porque ficamos sem comunicação total. Então a gente queria que a partir dessa carta viesse uma devolutiva deles, e veio. Alguns falaram que não faziam nada, uns que ficaram na rua, na casa dos parentes, mas assim nada além disso.”

“Antes da entrega do material né, tinha que escrever uma carta falando quanto que a gente, mesmo distante, e que ia começar um processo de entrega de materiais, aí foi um processo bem devagar que foi vindo, foi pegando o WhatsApp, o número. Daí trabalhamos com vídeo chamada, fizemos grupo de WhatsApp com os pais, então tinha esse contato ali. Teve um colega que

enviou uma carta falando que estávamos com saudade. E assim, alguns escreveram devolutivas, alguns choraram.”

“Depois da carta a gente se colocou a fazer o contato com eles pelo WhatsApp. Então a gente trabalhou muito com chamadas de vídeo, fizemos grupos de WhatsApp com os pais e mães. Eu fazia ainda videochamada, então eu conseguia ver como que estava o andar de dentro de casa. Então, a gente tinha esse contato ali.”

Mediante o cenário pandêmico, com a ausência de posicionamento coerente da liderança presidencial do país, tal como apresentado na introdução do presente trabalho, cada município traçou planos estratégicos, a depender do posicionamento dos governos estaduais. O município de Rio Claro seguiu as orientações dadas pelo governo estadual que, naquele momento, era de manter o distanciamento social e as medidas de contenção da COVID-19. Assim, neste município, foi adotada a estratégia de envio de carta aos alunos, seguida de grupos de WhatsApp, entrega de materiais impressos e envio da versão virtual, o que perdurou até setembro de 2021, concomitante ao início do retorno rodiziado das aulas presenciais.

“Eles estavam muito ansiosos por alguma notícia, queriam saber se ia voltar às aulas ou não, como que iria ser, se iria voltar todo mundo, se não. Eu ligava, fazia vídeo chamada e a gente percebia como que eles queriam conversar mais, como que eles queriam ficar mais perto da gente e tinha criança assim que eu acabava de desligar, ele mandava mensagem para mim: ‘Professora eu já fiz isso, eu já fiz aquilo outro’, então assim em que o emocional deles mesmo fica bem afetado. E mexeu com tudo, a gente percebia a questão emocional, de ficar preso dentro de casa, de não socializar em um lugar com os colegas, a falta de estar com outras crianças, aquele convívio de estar com outras crianças. E as questões que traziam, sempre nervosas e irritadas, isso a gente percebia bastante. As crianças realmente sentiam muita saudade da gente.”

Os participantes da pesquisa, além de investirem na estratégia de contato por meio de cartas, buscaram, também, manter contato por WhatsApp. Esta interação foi uma ferramenta importante de comunicação e de fortalecimento de laços sociais durante o distanciamento social. As redes sociais e “outras mídias digitais possibilitam tanto a construção de vínculos, o compartilhamento de experiências e a oferta de apoio” (Fiocruz, 2020, p. 145).

A partir dos resultados apresentados, compreende-se que esses contatos (via WhatsApp, cartas, vídeo chamadas etc.) puderam dar uma nova perspectiva para as crianças e seus familiares. Para além de um acolhimento, o contato significou uma possibilidade de retomada da rotina de vida em meio às incertezas daquele momento de pandemia.

Após a tentativa de contato via carta, WhatsApp e chamadas de vídeo, houve a estratégia de entrega de material, para que as crianças realizassem algumas atividades escolares em casa

e, depois, retornassem este mesmo material com as tarefas concluídas. Os DSCs a seguir ilustram sobre este período.

“Os alunos entregavam as atividades, alguns faziam, outros a família ajudava, então não dava muito pra saber como eles estavam.”

“Nos preocupávamos porque as crianças estavam deixando de fazer as atividades que enviamos, eu não sei se por falta de conhecimento dos pais, já que um adulto teria que ajudar as crianças, mas não são todas que tem, e nem os pais também, não são todos que tem essa habilidade. Sei que para alguns a família correu atrás, e tem aqueles pais que têm paciência e conseguem, também alguns que não trabalham. Então algumas crianças eu observei que foram alfabetizadas pelos pais, e outros não, mas a maioria não foi.”

“Nem sempre aquilo que eles me devolveram era realmente aquilo que eles sabiam, também porque às vezes vinha atividade com uma letra diferente. A gente sabia que não eram eles que estavam fazendo, eu fiquei muito preocupada.”

O envio de material impresso foi um meio adotado com o objetivo de atenuar os prejuízos na aprendizagem e, também, de manter o vínculo possível com os alunos, que inevitavelmente estavam afastados do ambiente escolar. Entretanto, os professores entrevistados apontaram dificuldade em saber como os alunos realmente estavam. Em pesquisa que objetivou compreender o ensino-aprendizagem dos alunos durante o ensino remoto no momento do distanciamento social, foram obtidos resultados semelhantes aos apontados. Embora as metas iniciais traçadas, como a vinculação e a sondagem, pudessem ter alcançado resultados satisfatórios, alguns alunos aparentemente não compreendiam os assuntos abordados. Pode-se supor que os alunos, tanto da pesquisa de Delgado *et al.* (2021) como os referidos no resultado acima, poderiam também não estar compreendendo os materiais compartilhados, além do fato de que as atividades poderiam não serem feitas pelas próprias crianças (Delgado *et al.*, 2021).

Eixo A.3 Seção 1: Situações de perdas (luto) e vulnerabilidade das famílias

Relativamente aos aspectos relacionados à saúde mental dos alunos neste período, por meio de contato com os pais, os docentes puderam ter acesso a informações inteirar-se sobre perdas de entes queridos e o luto²⁶ vivenciado, conforme pode ser verificado no DSC a seguir.

“Nesse primeiro instante eu pelo menos percebi que eles sofreram bastante com a pandemia, com tudo. Então, teve criança que perdeu parente, eu

²⁶ O processo de luto é uma experiência que transcende o indivíduo e é profundamente influenciado por uma variedade de elementos. Aspectos culturais, como rituais funerários e crenças religiosas, moldam a maneira como o luto é vivenciado e expresso. Da mesma forma, o contexto histórico e os eventos sociais podem impactar a percepção e a experiência do luto em uma comunidade ou sociedade (SANTOS *et al.*, 2023).

perguntei para uma mãe e ela: “E aí como você tá? Como a Vitória está?” E ela começou a chorar; ela falou: “Você não soube? Meu marido faleceu tem 15 dias.” Então o que a gente sabia era só notícia triste. Era assim bem pesado, infelizmente a gente tinha notícias: fulano de tal da família um pegou, um faleceu.”

Os resultados revelam impactos para além dos ocasionados pela necessidade da quarentena. O efeito negativo e insólito se deu, também, nas altas taxas de mortalidade durante a pandemia de COVID-19, comparada, inclusive, a tempos de guerra (Santos, 2022).

Outro destaque apresentado pelas participantes sobre ao momento de entrega dos materiais foi a preocupação com o agravamento da situação precária das famílias de seus alunos, conforme a pandemia prosseguia, conforme ilustra o DSC, a seguir.

“Sinceramente foi bem preocupante, a gente sabe que há uma limitação em casa, que a família tem que trabalhar, aí muitos ficaram desempregados, muitos passaram fome. Eu fui para o supermercado buscar cesta básica, incrementar com mais produtos de higiene pessoal, leite, coisas que as crianças precisavam porque a gente notava que eles tinham ficado sem emprego e que a situação estava muito complicada. Essa era uma preocupação muito grande nossa também porque deixou de ter a nossa merenda, então até tentar suprir outras necessidades básicas para que a criança tivesse condição de poder pegar aquele bloco, não ia ler a nossa proposta e não ia acontecer porque estava com fome. A escola também esteve atenta a isso.”

Segundo dados compartilhados sobre território brasileiro pela UNICEF (2023), a população de crianças e adolescentes já chegava a cerca de 32 milhões antes da pandemia de COVID-19, e, antes mesmo deste momento, a pobreza multifacetada assolava um terço desta população. Indubitavelmente, ao longo da pandemia, esse número sofreu aumento significativo. Os dados disponíveis relativos a diversas dimensões indicam um aumento no número de crianças e adolescentes privados de seus direitos durante a pandemia. Assim, compreende-se que os entrevistados trouxeram relatos e preocupações que refletiram os dados na prática, já que ilustram a realidade precária vivida por crianças ao longo da pandemia (UNICEF, 2023, p.1).

Eixo B Seção 1: O panorama dos docentes

Nesta etapa do trabalho, os DSCs a seguir são relativos à primeira fase da pandemia, conforme considerada neste estudo, e revelam a forma como os professores participantes foram também afetados em sua saúde mental. Ademais, a etapa ilustrará as demandas laborais gerais, tais como a pressão sofrida, o aumento na carga de trabalho, a dificuldade com as tecnologias, o manejo entre a vida pessoal e profissional e a ausência de suporte.

Eixo B.1 Seção 1: Experiências docentes dentro do cenário pandêmico

Especificamente sobre aspectos emocionais, nesse período, os professores referiram sentimentos de consternação, isolamento, incertezas, preocupações, dentre outros, como explicitam os DSCs abaixo.

“No primeiro instante a gente ficou bem em pânico, foi um momento assim... Angustiante né. Primeiro por conta do contexto de pandemia, a nossa própria saúde, a saúde das pessoas da nossa casa, depois, você sem poder trabalhar. Porque de repente parou tudo, você fica em casa, sem saber o que fazer, você fica até deprimida, ficar em casa me deu até depressão. Pela primeira vez a escola parou e pra gente foi muito difícil, porque assim, a gente está acostumada com aquele dia a dia, e aí demorou ainda um tempo, uns meses, só depois que a gente começou a entrar em contato com os pais.”

“Também foi uma coisa violenta para nós professores, a gente foi praticamente colocado para fora da escola sem opção. Assim: “você não pode mais voltar”, então foi um susto!”

“E essa fase da pandemia ela foi bem complicada para todos, como professora eu sofria muito porque assim tendo as minhas crianças, sabendo como elas estavam. Foi bastante difícil, ficamos preocupados, pra mim foi muito angustiante. “Como estão esses alunos, como estão em casa?”

“A gente sentia falta também, sentia falta do trabalho, das crianças, a gente estava com saudade. Então foi assim, um processo muito difícil e triste. Porque eles queriam vir para escola e não podiam.”

Os resultados ressaltam o desafio de ser docente, ainda mais em tempos pandêmicos, demonstrando ser um ofício ferrenho. Por um lado, estavam as fragilidades e as angústias de ser (um ser vivo e pensante) em meio a um tempo insólito e permeados por tantas problemáticas que escancararam a efemeridade da vida humana; de outro, as preocupações diárias com o outro (Santos *et al.*, 2020; UNICEF, 2023; Fiocruz, 2020).

Assim, os docentes estavam permeados por uma realidade dúbia, de tal modo que foram confrontados(as) à urgência para dar continuidade ao ensino-aprendizagem. Os(as) professores(as) se viram diante da obrigação de redefinir, ressignificar, reinventar e “desaprender” muitas das suas certezas teóricas e metodológicas quanto ao seu fazer. Esse tempo, marcado pelo ineditismo, pela urgência e pela potência em experiências de aprendizagem, interpelou a todos(as) - sociedade em geral, profissionais da educação e pesquisadores, em particular - a compreendê-lo para propor caminhos que apostem em um presente/futuro melhor em humanidade (Santos *et al.*, 2020).

“No começo a gente pensava que ia ser uma coisa breve, aí nós fomos percebendo que não, que o negócio só se agrava. Foi terrível e a gente com aquilo assim: “Vai voltar, não vai voltar, vai ter aula, não vai ter aula e as

crianças “como que tá, a gente vai ficar nessa informação? Quando a gente vai ter vai pegar o bloco? Vai ser quinzenal, como vai ser? Mas a mãe, o pai vai conseguir vir buscar? Porque a gente tem essa preocupação muito grande, ao contrário do que a sociedade pensa né, que a gente tava achando legal ficar em casa. Na verdade, a gente tinha uma preocupação gigante “Será que amanhã nós teremos algum retorno, alguma coisa, o que a gente vai fazer?”

Conforme o isolamento se prolongou, diferentes questões foram aparecendo e ampliando os desafios de ordem prática e emocional para os docentes. Dentre elas, os docentes fazem referência à pressão e às cobranças que foram direcionadas a eles, responsabilizando-os, de certa forma, pelo não retorno das crianças à escola.

“Foi muito difícil para a gente, mexeu muito com o emocional. Foi uma coisa muito maçante da gente não dormir, de tomar remédio, muita gente tomando remédio faixa preta, eu por exemplo cheguei a ficar esquecido na contramão pelas ruas aí. E não tínhamos ajuda de nenhum lado, aquela cobrança, eles nos culpam de tudo, a televisão culpava os professores, mas nós não queríamos ficar parados”

“Era gente querendo vir na minha casa largar criança, “já descobri seu endereço, tô deixando meu filho na porta da sua casa, você que se vire, você está recebendo pagamento.” Muita agressividade, eu já estava em pânico, descobriram minha casa e foram lá, eu moro a três quadras daqui e me ofendiam demais, passavam gritando na frente da minha casa. Então, assim, eu entrei em choque, tinha medo de telefone, não podia tocar telefone, não podia ter mensagem no WhatsApp, eu fiquei apavorada.”

Os resultados expressos acima acabam por revelar que os entrevistados enfrentam sentimentos de amedrontamento, angústia, preocupação, insegurança, cautela, sobrecarga e cansaço. Assim, a saúde mental dos docentes foi afetada pelo momento vivido, o que se assemelha ao que foi ressaltado em pesquisa de Cipriani *et al.* (2021), que objetivou analisar os pensamentos, sentimentos, desafios e perspectivas dos docentes neste período de calamidade. O estudo teve como achado principal que os “profissionais demonstraram estado de ansiedade, preocupação e angústia, culminados pela sobrecarga de trabalho na situação vivenciada, o que realça a importância do suporte voltado ao bem-estar psicológico dos docentes” (Cipriani *et al.*, 2021, p. 21).

Eixo B.2 Seção 1: Demandas e desafios laborais

Com o cenário pandêmico e a necessidade de reelaboração e reorganização das rotinas em geral, ocorreram impactos apontados pelos docentes na dinâmica de trabalho.

Eixo B.2.1 Seção 1: Respondendo a inúmeras demandas, ausência de suporte e aumento da carga de trabalho: pressão de todos os lados

A seguir, os DSCs revelam como os docentes se sentiram mediante as cargas laborais neste período. Dentre outras questões, pontuaram que as cobranças relacionadas à docência se intensificaram. Por isso, também tiveram que estender sua jornada de trabalho.

“Estávamos assustados, os pais também estavam, então fomos entrando em contato devagar, criamos grupos, conversamos, fizemos um vínculo, tudo de forma remota e tomando todos os cuidados. Passamos então a ver as crianças com todos os cuidados necessários, o material era entregue para a diretora e não podíamos levar para casa imediatamente. Então quando mandamos, ia em saquinhos separados para cada criança, quando retornava esse material ficava exposto ao sol e ficava por um tempo para que após isso levássemos para casa. Então foi trabalhoso, e também a maioria das famílias não entregaram todo o material.”

O resultado acima, também ilustra um período em que os entrevistados estavam amedrontados, além de sobrecarregados. A vacinação dos docentes teve início apenas em abril de 2021, mediante o recorte prioritário de pessoas entre 50 a 53 anos, ao qual deu-se continuidade por ordem decrescente etária. Portanto, não eram todos os docentes que estavam imunizados nesse período, o que se supõe ter sido um fator estressor e que poderia gerar insegurança nesses atores e, também, a possibilidade de diminuir o número de professores que poderiam estar nos encontros rodiziados. (Rio Claro, 2021).

“Foi muito tenso, o tempo era muito escasso, porque você tinha que ficar formulando atividades e enviando para essas crianças, enviando vídeos, fazendo chamada, às vezes você não conseguia falar. Então foi muito tenso, a gente nervoso sempre, não conseguia pensar direito, atrapalhou muito. A cobrança em cima da gente foi muito grande, alguns pais também não valorizavam.”

A realidade para os trabalhadores em geral naquele momento era dicotômica entre manter seus empregos e sua saúde ou até a vida. Especificamente na educação, os docentes se viam com diversas problemáticas, sendo que tinham um calendário a ser cumprido - tendo em vista a suspensão das aulas -, a preocupação com a aprendizagem de seus alunos e, como expressos nos resultados que foram aqui colocados, o anseio de criar formas para manter o vínculo com seus alunos (Santos *et al.*, 2020).

Além da sobrecarga e tensão já revelados nos DSCs anteriores, os docentes também descreveram o desafio de produzir um material em comum. A partir do DSC a seguir, se verifica o desafio colocado para os professores - dentre eles, a elaboração de um material que fosse comum e pudesse alcançar todas as crianças de uma determinada série, não mais apenas de sua

própria turma. Este agrupamento os levou a destacar, dentre os desafios, que nem todas as crianças estavam em um mesmo nível de aprendizagem.

“A escola foi passando para os professores a maneira como a gente ia ter que trabalhar, porque daí juntou todos os 5º anos da escola, então 5º ano A, 5º ano B e o 5º ano C, e nós fizemos uma atividade para todos os 5º anos. E aí a gente tinha que adequar a realidade de todas as crianças, então não era só da minha turma. A gente teve que juntar o grupo dos 5º anos dos Professores e preparar uma atividade que desse para que todos os alunos dos 5º anos conseguissem fazer. Foi um desafio muito grande, a gente tinha que pensar naqueles alunos com dificuldade, pensar também como esse pai, essa mãe que ia estar recebendo essa atividade, iam ajudar as crianças em casa, então, a linguagem que a gente ia ter que utilizar na atividade, a estratégia, o método, a gente quem teve que pensar em tudo isso. Tinha que adequar pensando no aluno e nos pais que iam pegar essa atividade e tentar ajudar o aluno, então foi um desafio muito grande, muito grande mesmo.”

Somado aos sentimentos e percepções referidos nos resultados acima, considera-se que o cenário pandêmico reforçou o que antes já existia na esfera da educação, que são os desafios e sobrecargas no exercício da docência. Assim, o resultado também revela aspectos sobre como exercer a profissão de educador pode ser compreendida como uma atividade altamente relacional, na qual o envolvimento emocional dos docentes com seus alunos, a preocupação e a dedicação com o seu progresso educacional é uma fonte de desgaste, mesmo que também seja fator de gratificação e realização (FILHO *et al.*, 2022, p.22).

“Então foi um período que a gente trabalhou mais do que quando a gente está em sala de aula. Estávamos sempre disponíveis pelo WhatsApp, porque claro, o pai, a mãe, já tinha retornado ao trabalho, a gente não tinha mais aquele horário de trabalho das 7 às 11:30, da 13:00 às 5:30, às vezes os pais mandavam mensagem de final de semana, ia nos chamar no sábado e no domingo. Eu atendi criança domingo à noite. Então a gente tinha que estar disponível o tempo todo. E muitas vezes eu tinha essa disponibilidade, eu fazia chamada de vídeo com a criança e fazia junto com ela, explicando e sanando as dúvidas dela. Eu ia na casa levar bloco, ia na casa buscar bloco, fui em casas de alunos daqui e a gente precisou fazer esse tipo de movimento. Então digo que foi mais estressante o trabalho remoto do que o trabalho presencial, mais cansativo em todos os sentidos. Muita cobrança, muito papel para a gente preencher e para mostrar que a gente de fato estava fazendo jus ao nosso salário, que a gente estava trabalhando. Então foi um período bem complicado.”

O presente estudo ressalta que, esse contexto, em que não havia tempo para estudo e aprendizagem sobre uso de novas tecnologias, sobretudo considerando as inadequadas condições de acesso e de uso da internet durante a pandemia, trouxe desafios significativos para o trabalho docente, impactando vários aspectos da prática educacional e demandando resiliência e flexibilidade por parte dos docentes entrevistados, que se adaptaram a essa nova realidade imposta. Nesse contexto, uma pesquisa de Santos *et al.* (2020) reflete sobre a

habilidade humana de converter vivências em experiências, moldadas pela passagem do tempo: “emergem das narrativas projeções, reflexões, inquietações, aprendizagens e possibilidades para um devir no campo pedagógico mais próximo das famílias e de um uso mais efetivo das novas tecnologias” (Santos *et al.*, 2020).

Para além de um período de adaptação ao uso de novas tecnologias, os resultados apontam a cerca de sobrecarga de trabalho e somam aos achados de pesquisas envolvendo a realidade dos professores na pandemia. De acordo com Medeiros (2021), a pandemia da COVID-19 intensificou a discussão sobre a duração da jornada de trabalho, tornando-se um problema social e de pesquisa crucial, especialmente devido ao impacto nas condições laborais na área da educação. Docentes frequentemente enfrentam jornadas exaustivas de dezenas de horas semanais, mesmo antes da pandemia, o que agrava significativamente os problemas de saúde física e emocional nessa categoria. Além disso, muitos docentes dedicam horas não remuneradas à preparação de aulas, correção de provas, apoio a familiares dos alunos e participação em atividades coletivas escolares, sobrecarregando ainda mais sua carga de trabalho e impactando sua qualidade de vida.

“Trabalhando remotamente a gente tinha que trabalhar o tempo todo, foi mais trabalhoso do que estar dentro da escola. Levava tempo, assim, às vezes eu pegava de manhã 2, 3, no dia né? 2 de manhã, às vezes 2 à tarde ou 1, conforme fosse, até criança à noite, que a mãe não tinha como atender durante o dia, também só tinha um celular. Então a mãe falava: “Só quando eu chegar em casa, depois das 6 horas, 7 horas”, assim a gente tinha que trabalhar o tempo todo.”

Segundo Troitinho *et al.* (2021), embora seja reconhecida a dimensão de alta demanda que o gerenciamento de estudantes exige, o trabalho também pode vir a acarretar alto estresse na condução do ensino à distância. A integralidade da experiência de lecionar à distância frequentemente é negligenciada, deixando de abordar os impactos sociais e pessoais do trabalho pedagógico remoto do ponto de vista dos professores.

Os resultados revelados acima denotam que a pandemia representou um desafio significativo para os entrevistados. Diante do contexto pandêmico e da necessidade de reestruturação e ajuste das rotinas em geral, ocorreram impactos na dinâmica de trabalho exigindo adaptação rápida, flexibilidade e resiliência dos docentes. Também foram ressaltados aspectos emocionais dos entrevistados em relação à dinâmica laboral e ao envolvimento com seus alunos (e familiares de alunos).

Eixo B.2.2 Seção 1: Dificuldade com tecnologias e ausência de suporte.

A seguir, os DSCs expõem as dificuldades com tecnologias e a ausência de suporte que os entrevistados enfrentaram no início desse período. Ademais, destacam-se as formas como os docentes puderam contar com os próprios colegas da equipe.

“Então para nós foi muito tenso, porque era uma coisa nova, nós tivemos que aprender bastante coisa, até mesmo o uso da tecnologia. A gente tinha que fazer no computador; a maioria dos Professores não tinha esse contato com internet né, de aula digital, preparar material, enviar. Eu mesma sempre mexia em computador num nível de usuário e eu tinha bastante dificuldades né, então pra mim foi uma adaptação, tive que comprar um notebook, tive que ir atrás de quem me ensinasse pra aprender o mínimo. Então foi uma fase bastante complicada por várias razões: principalmente o pessoal mais velho de idade não tem tanta habilidade com essa questão de computador, de vídeo, a gente não estava preparado; a gente que comprou chip, adquiriu um chip por nossa conta; a gente formou os grupos e eu não sou assim muito uma pessoa assim que tem facilidade com recursos tecnológicos, a maioria dos professores não têm acesso às tecnologias, de repente era tudo online, você tinha que usar Drive para enviar todas as atividades, aí tinha que postar no Drive, então foi bem difícil a adaptação. Eu tive vários problemas nesse sentido: “técnicos”, tive que aprender 1001 tecnologias, coisas que eu não dominava, e precisei aprender, pra mim foi uma aprendizagem.”

Os resultados apresentados permitem compreender que os docentes entrevistados não dependiam dos recursos tecnológicos para as aulas antes da pandemia, ao menos não da forma como subitamente foram obrigados a e utilizá-las e a elas se adaptar, apresentando dificuldades no acesso e no uso de tecnologias digitais. Tal como verificado nos resultados da presente pesquisa, outros estudos (Santos *et al.* 2020) também apontam que a maior parte dos professores faziam uso de recursos ditos tradicionais, “e que aqueles que se transformariam em padrão logo em seguida, como aulas ou reuniões por meio de plataformas virtuais, haviam sido experimentados por uma parcela muito pequena da amostra alcançada” (Filho *et al.*, 2022, p. 21).

“A gente viu o pessoal do Estado abrindo salas e dando aula remota, e aí a gente começou a solicitar isso também. Quem levou a educação adiante foram os professores, porque uma ajudava a outra, a gente trocava ideias, a gente preparava tudo, fomos nós que carregamos a educação nas costas, porque ninguém fez nada. A Secretaria não fez nada, essa é a verdade, nós trabalhamos, a Secretaria não fez nada, porque a Secretaria não pagou internet para ninguém, a escola não tinha internet. A internet que a gente utiliza é da gente, o notebook da gente, tudo, é celular, as ligações e tudo quem pagava era a gente, a gente que estava pagando... pagando para trabalhar!”

“Foi uma parceria muito grande, a escola aqui é muito parceira e o grupo que trabalha aqui, um ajudava o outro e até reuniões pelo Meet fizemos, e, era algo que nunca tinha sido feito antes.”

Ainda dentro desta fase, se apresenta o DSC que denota a exigência de adequação dos docentes fora do ambiente escolar (em casa) para que pudessem separar a vida profissional e pessoal.

“Foi bastante difícil lidar com essa separação do profissional e do pessoal, então pra mim foi uma adaptação essa questão emocional. Porque ter que realizar o trabalho em casa, com filha pequena também em casa, separar a questão de: “agora eu preciso fazer a aula, eu sou professora”, mas ao mesmo tempo minha filha me chamava, “mãe”! Foi bastante difícil lidar com isso, enquanto mãe, professora, dar conta de celular, era tudo junto e misturado.”

Os resultados obtidos neste estudo apontam que o trabalho remoto impactou a saúde mental de docentes. Resultados semelhantes foram pontuados em pesquisa que ressaltou que esta modalidade emergencial de trabalho abalou a vida de professoras e professores da educação básica no Brasil, seja por sobrecarregar os indivíduos, ou por promover a competição entre o trabalho doméstico e da atividade docente (Cipriani *et al.*, 2021).

Como ressaltado nos resultados, os professores participantes da pesquisa explanaram sobre como enfrentaram outros desafios em relação a “dificuldades técnicas no acesso à internet e ao uso de plataformas digitais, além da dupla jornada de trabalho, visto que alguns deles, além de realizarem as atividades inerentes à profissão, precisavam auxiliar seus filhos nas atividades escolares e desempenhar tarefas domésticas” (Costa *et al.*, 2021).

5.2 SEÇÃO 2: 2ª fase - Retomada das aulas de forma rodiziada

Seguindo a mesma organização adotada na Seção 1, nesta Seção focaliza-se o momento em que se retomou o convívio escolar de modo rodiziado, por meio de grupos pequenos de crianças, nomeadas como “bolhas de convivência” pela Secretaria de Educação do Município (2ª. fase).

Eixo A.1 Seção 2: Sobre os estudantes

As professoras foram solicitadas a falar sobre como percebem seus alunos neste momento de retorno rodiziado. Verificou-se que, em suas respostas, diferentes dimensões foram observadas, conforme os DSCs destacados no Eixo, a seguir.

Eixo A.1.1 Seção 2: O retorno em “bolhas de convivência”, sua dinâmica e um olhar de esperança sobre as crianças.

Os participantes abordaram a forma como explicaram aos pais sobre o sistema de rodízio para o comparecimento presencial dos alunos. Conforme é possível depreender pelos DSCs,

nesta fase, os professores prosseguiram com os contatos pelo WhatsApp e com a entrega de materiais e, a partir deste dispositivo já de uso habitual, foi possível esclarecer para alunos e familiares sobre a proposta das “bolhas”. Assim, os alunos puderam retornar às atividades presencialmente de forma parcial com mais tranquilidade. Destaca-se que apenas poucos alunos não retornaram presencialmente e, ao longo do tempo, ocorreu um decaimento de frequências.

“Quando os alunos retornaram em bolhas nós conversamos muito com os pais pelo WhatsApp, porque foi enviado para os alunos o material antes informando como seria o retorno, o que eles esperariam da escola, o que a gente esperaria deles, como que eles teriam que se portar dentro da escola. Todas as minhas bolhas tinham em média sete alunos por bolha né, mais ou menos isso e eu tinha uma bolha que vinha dois alunos.”

“Não era obrigatório voltar, às crianças que tinham problemas sérios de saúde não eram obrigadas a retornar; outras não retornaram, porque as famílias não quiseram mandar por N razões. Se eu não me engano da minha turma foram 3 ou 4 alunos que não retornaram presencial, o restante voltou todos.”

“Conforme foi passando, não sei se eles começaram a desanimar, porque era para vir uns 6, 7, e vinha 4, aí começou a decair e veio 3, chegando a vir 1 numa bolha.”

O retorno rodiziado, embora adotado por um curto período e com porcentagem máxima de trinta por cento de alunos por turma, demonstrou ser, pela perspectiva docente, benéfico para os estudantes, além da boa adesão às práticas de higiene necessárias.

“A gente percebia que eles tinham uma grande preocupação em estar cuidando, higienizando as mãos, preocupados com as questões do distanciamento, de fazer tudo que tinha que ser feito do protocolo. Não sei se em todas as salas, mas na minha sala eles queriam muito saber: ‘Como era o vírus? O que eles podiam fazer? Como era a contaminação? E o que acontecia?’ Eles eram muito bonitinhos, porque chegavam e ficavam cada um no seu cantinho. Então, não foi aquela agitação, foi bem tranquilo. E a gente percebia também a união deles, eles se comunicavam, ali cada um no seu lugar, eles já sabiam os lugares que eles iam sentar. Foi boa essa retomada, fez bem para eles.”

“Eu acho que a criança ela contorna melhor essas situações do que a gente, e era uma alegria deles na escola, porque eles ficaram dois anos com falta de rotina, então ela queria vir, não via a hora. Ao mesmo tempo com aquela vontade de aprender, aquela ansiedade. A gente falava: “Calma que nós vamos passar atividade, calma.” Aí terminava: “Tem mais atividade?”. Então, quando retornaram eles tinham muito interesse, vinham com prazer e queriam vir.”

“Quando eles voltaram tinham necessidade de estar em grupo, eles sentiam muita falta desse contato com o professor, contato físico, apesar da gente não poder se aproximar, não poder abraçar, mas a gente tava ali pra escutar eles. Eles tinham necessidade da escola, foi bom porque viram os amigos que

estavam distantes, as crianças que vieram e você vê a convivência com poucos alunos que estavam ali e mesmo com a gente.”

De acordo com Katz (2022), o fechamento das escolas impõe não somente uma simples rotatividade de endereços, mas, sim, uma abrupta mudança de rotina e de ambiente de convívio (Katz, 2022). Os resultados acima denotam que as crianças expressavam a necessidade do convívio social e, no retorno ao convívio escolar, as crianças apresentaram satisfação e boa adaptação, tanto aos protocolos de higiene quanto ao novo modo de se relacionar no que se refere ao distanciamento necessário. Para além disso, os DSCs apontam que, embora em número menor de crianças e por curto espaço de tempo, puderam retomar à rotina dentro do ambiente escolar.

Como não poderia deixar de ocorrer, frente à enorme quantidade de contaminações e de mortes, os relatos sobre perdas e situações vivenciadas também estiveram presentes, conforme ilustram os DSCs, a seguir.

“Eles vinham falando: ‘aí fulano morreu, beltrano morreu, ciclano pegou COVID, ficou não sei quanto tempo entubado.’ Então eles vinham comentando das perdas, e que perderam entes queridos.”

“Muitos alunos vieram com situações de perda de familiares e perda de amigos. As próprias crianças contavam e, então, a gente soube como é que eles ficaram e até quem perderam pelo Covid, que era uma preocupação nossa também.”

Os resultados apresentados ressaltam que os alunos acompanhados pelos docentes entrevistados passaram por perda de entes queridos. Vale enfatizar que este fator fatídico foi apontado em todas as fases abordadas no estudo.

“As próprias crianças acolhem esse amigo que está passando por questão de perda, a morte de alguém próximo por conta da pandemia. Então eles acolhem de uma maneira que você fica feliz de ver que apesar de tudo que passaram, continuam com a essência boa, não perderam aquela bondade e vejo isso como um ponto positivo também.”

“Eles tinham uma ansiedade grande, parecia que estavam desacostumados de estar na escola, alguns mais inquietos, aceleraram e outros ficaram mais isolados, tristes, quietos, meio perdidos, deslocados e se retraíram. Tinha criança que era mais alegre e ficou mais apática, quando a gente propunha uma brincadeira eles ficaram retraídos, bem acuados, tanto que eu falava “pode se soltar; pode conversar, pode brincar; pode levantar”, eles ficavam meio que observando o ambiente, acho que demorou mais de um mês para eles poderem começar a se soltar.”

“A gente via a ansiedade daqueles alunos, e até o relacionamento delas, ficou bem difícil trabalhar em grupo, dividir ou repartir. O comportamento de alguns tinha mudado voltaram bem tensos, estavam mais agressivos e também

bem assim desestimulados. Eles tinham necessidade de estar aqui na escola, mas assim com muitas dificuldades.”

“E eles vieram de uma maneira muito infantilizada, sem aquele traquejo, praticamente sem nenhuma autonomia, percebemos a imaturidade. Por exemplo, quando você pega uma sala de 4º, 5º ano que já são maiores, e que a gente está dando aula faz um tempo, sabemos como eles se portam, e eles pareciam crianças de 2º ano, foi bem difícil. Acho que essa questão da imaturidade foi o que mais a gente percebeu, essa questão de dependência.

Além do momento de acolhimento que foi ressaltado nos resultados com o retorno parcial para boa parte dos alunos, os professores entrevistados também apontaram sobre o que observaram na saúde mental das crianças, no que diz respeito às dificuldades e/ou sofrimento, como ansiedade, tristeza, retração, agressividade, pouca autonomia e dependência, dentre outros.

Os resultados apontaram, assim prejuízos, no desenvolvimento socioemocional, à medida que as crianças denotaram maior timidez, introversão, atraso e/ou dificuldade no desenvolvimento de habilidades sociais, o que pode somar para a compreensão dos resultados encontrados por Fonseca *et al.* (2022). A partir de uma de revisão sistemática, os autores analisaram os impactos sociais e individuais do fechamento das escolas durante a pandemia e encontraram que os principais desfechos relacionados ao fato indicaram que crianças e adolescentes apresentaram níveis mais elevados de ansiedade, hiperatividade e desatenção, além de prejuízos na cognição geral e no desenvolvimento motor e quedas significativas na prontidão e no desempenho escolar. Os professores relataram, por sua vez, índices mais elevados de estresse e burnout (Fonseca *et al.*, 2022, p. 81).

“Olha, a violência verbal aflorou. Nós percebemos que estavam presenciando a questão de abusos, violência doméstica, muitos fatos ali, então tudo isso mexeu com a cabecinha deles. Tinha alguns que chegavam chorando às vezes com os problemas e a gente começava a conversar. Isso é normal no nosso dia a dia, mas naquele período foi mais acentuado.”

Também na dimensão do que foi prejudicial à saúde mental dos estudantes, os professores indicaram que crianças retornaram demonstrando terem sofrido e/ou vivenciado situações de violências, além do aumento da exposição às condições vulneráveis, conforme ilustram os próximos DSCs.

“Eles vieram com gírias pesadas, vocabulário, viram coisas que não era para ter visto. Esse que ficou em casa apanhou, ouviu gritos, os pais sem paciência, você imagina ficar em 2 cômodos, 5, 6 pessoas?! Então aumenta a violência, começa a brigar mais. Cheguei a presenciar aqui o que antes eu não via, porque fui visitar uma família de extrema pobreza, eles estavam muito violentos, verbalmente e um agredindo o outro. Isso mexe com todos, e a criança vendo tudo aquilo, então a violência doméstica que essas crianças

sofreram não foi pouca. Era uma questão que pegava bastante nelas, já era antes e agora aumentou muito mais.”

“Em setembro quando esses alunos retornaram nas bolhas, eu me deparei com um aluno que não sabia escrever o próprio nome no 5º ano!”

Os resultados ilustram aspectos da violência escolar vivenciada pelos docentes, e, sobre o desconforto sentido por eles. Para Guerra & Tomassini (2024) a violência escolar é dada como fenômeno social, em vista do trabalho alienado²⁷ em que professores estão imersos. Esses elementos fornecem um quadro para analisar a violência escolar como um fenômeno social com dinâmicas específicas no ambiente escolar e na sociedade em geral. Em suas diversas dimensões, a violência escolar atua como um obstáculo à realização efetiva do trabalho docente.

O tempo distante da escola trouxe evidentes prejuízos para o desenvolvimento e o aprendizado das crianças. O baixo nível socioeconômico não impacta somente o acesso a dispositivos e conectividade. Nesse âmbito, os resultados ressaltam prejuízos semelhantes aos que foram encontrados no estudo de Araujo (2023), que observou que o ensino à distância pode intensificar a disparidade nas oportunidades educacionais entre alunos provenientes de distintas origens socioeconômicas (Araujo, 2023).

No estudo de Araujo (2023), o autor discute que tais prejuízos estão relacionados ao aprendizado remoto como “um grande desafio, especialmente para crianças pequenas e/ou famílias de baixo nível socioeconômico com acesso limitado a conectividade e dispositivos para permitir interações entre alunos e professores” (Araujo, 2023, p. 7).

“A gente percebeu que essas crianças que vieram nesse período queriam realmente estar aqui. Estavam sedentos, queriam saber mais, vinham dispostos a aprender, queriam aprender e tirar dúvidas, foi ótimo! “Ai professora, eu não entendi isso. Não tinha ninguém pra me ajudar na família, e eu ficava preocupada se eu ia entregar minha atividade e eu não tinha feito. Então notei na minha sala que eles tinham essa preocupação de querer pegar o roteiro e aprender, e nesse retorno eles quiseram tirar toda a dúvida. Nos blocos na semana em que eu lançava no WhatsApp um desafio de matemática diferente, eles ficavam alucinados, eles queriam. E depois que eles entendiam, eles queriam mais, e isso acontecia aqui também.”

“A gente atendia poucos alunos de cada vez, então era um atendimento mais individualizado, quase que aula particular. E aí a gente viu quanto o número de alunos presentes numa sala de aula faz diferença na qualidade do processo ensino-aprendizagem, porque você ali você conseguia trabalhar bem as dificuldades.”

²⁷ Caracterizado pela situação em que os trabalhadores se encontram desconectados do produto de seu próprio esforço, o que os impede de alcançar a plenitude de seu potencial humano (GUERRA & TOMASSINI, 2024)

Além dos resultados que apontam aspectos negativos da pandemia, no retorno também foram registrados aspectos positivos, em que os alunos demonstravam interesse em aprender, além da possibilidade ter um olhar mais individualizado por parte dos professores entrevistados.

“Eu tenho alunos que leram uma coleção inteira de livros, por exemplo: uma delas disse que ele se acalmou, passou a se concentrar melhor.”

“Foi bom ter um maior tempo de convivência com a família, porque ficaram mais afastados, então foi um momento positivo de curtição entre eles. Teve alunos aqui que aprenderam a ler com a família, é bonitinho, essa mãe sentou e ensinou, tem avó que foi comprar cartilha, ensinou a menina a ler, e agora ela lê fluentemente. Tive casos que na casa a família oferecia coisas diferentes, então eles me contavam assim: “Professora, eu jogava com meu pai, com a minha mãe jogos de tabuleiro e jogos diferentes de computador.” Então esse eu acho que teve um lado bom da família, que utilizou o tempo para aproveitar, em coisas lúdicas e estar mais ali juntos.”

Apesar de diversas vezes, ao longo do presente trabalho, serem apontados impactos negativos relacionados à necessidade do distanciamento social durante a pandemia, nos resultados acima são apontados aspectos positivos no ambiente familiar ainda durante o período do distanciamento social. Segundo Comelli, Costa & Tavares (2021), a família pode ser solo fértil no campo afetivo, podendo ser a casa um local que oferece segurança e cuidado, constituindo-se como âncora afetiva central (Comelli; Costa; Tavares, 2021).

Verifica-se que o retorno, ainda que parcial, trouxe alento e a oportunidade de retomar o contato tanto entre alunos-professores quanto alunos-alunos. Ademais, o retorno parece ter sido fundamental para atenuar os impactos do isolamento e para fortalecer elementos fundamentais para o desenvolvimento e o aprendizado, não somente de conteúdos, mas, também, de experiências de sociabilidade, como trocas e compartilhamentos.

5.2.1 Seção 2.2: Os docentes

Eixo B.1 Seção 2: Experiências docentes do vivido no retorno dos alunos em rodízio.

Os discursos a seguir colocam a dimensão da vivência dos professores como um momento de desafio. Denotam-se inseguranças e adversidades ligadas às condições de trabalho e à necessidade de reorganização, ressaltando a falta de suporte frente às suas necessidades e vulnerabilidades. Apesar disso tudo, os docentes relataram esperança.

“A gente não sabia como iria ser na verdade, como ia ocorrer na prática esse retorno, o que iria acontecer né foi aquela apreensão, aquele medo, eu falava assim “Como vai ser né? Como que é meu aluno? Parecia que tinha acabado de sair da faculdade, dava até aquele friozinho na barriga, parecia que eu estava indo para escola pela primeira vez! E também para os alunos! Na

primeira e na segunda semana eles ficaram meio apreensivos, eu percebia tanto pelo WhatsApp como pessoalmente. Foi um pouco assustador, porque, pandemia ali em alta, muitas mortes ainda, e os pais com bastante medo também. E você fica assim, estamos todo mundo de máscara, todo mundo tem que dar aula de máscara e agora: “Posso chegar perto? Não posso chegar perto? Posso pegar na mão? Não posso pegar na mão?” Então, foi complicado, foi muito complicado. Tinha uns 2 ou 3 que falavam “ai eu não quero, eu tô com medo”, porque tinha medo tanto do Covid e inseguro do que iriam encontrar aqui.”

“Nós como professores sofremos, porque a gente chegou e eles chegaram, foi tudo colocado assim, de repente, então não teve aquela colaboração e a gente ia trabalhando assim, não podia chegar perto, todo mundo tinha que ficar afastado. Não foi fácil também porque nossa escola é grande e tivemos uma redução de funcionários de uns 70%. Assim, foi um processo moroso, nós não tínhamos funcionários, nós não tínhamos material suficiente: como papel, giz, álcool em gel. Teve bolha que veio criança a semana inteira, eram bolhas lotadas e sem nenhum material.”

“Acho que o rodízio foi uma esperança, um ânimo porque a gente estava de volta, mesmo que grupos pequenos de crianças. Esse contato a gente sente muita falta e eram grupos pequenos e não era só falta deles, mas de estar entre nós também.”

Nesse contexto, o estudo de Saraiva *et al.* (2020) que objetivou analisar a trama discursiva que emerge da necessidade de transição das atividades presenciais para o formato remoto no Estado do Rio Grande do Sul durante o período de distanciamento social provocado pela pandemia de COVID-19. Ainda que falem de um momento anterior às vacinas, os autores fizeram apontamentos sobre as vivências que os docentes enfrentaram, expondo um processo de responsabilização e auto responsabilização que se intensificou. Tais sentimentos aumentaram o sentimento de exaustão que vinham referindo desde a retomada do contato com os alunos e famílias, ainda no modo virtual. Perpassou-se um processo moroso em que buscaram o “equilíbrio entre continuar as atividades letivas e administrar o momento atual que tem gerado estresse e ansiedade” (Saraiva *et al.*, 2020, p. 18).

Os resultados evidenciam, de forma semelhante à análise de Santos *et al.* (2020), a reinvenção do modo de se vincular dos docentes com seus alunos e de ministrar aulas, sem um projeto de ação mais detalhado, sem as condições efetivas de trabalho e, muitas vezes, sem suporte de órgãos públicos que deveriam se responsabilizar por organizar e executar políticas educacionais (Santos *et al.*, 2020).

A ausência de condições efetivas de trabalho para os docentes é um ponto crítico que merece atenção, pois pode impactar diretamente a qualidade do processo relacional com os alunos e do processo de ensino-aprendizagem. A falta de suporte por parte dos órgãos públicos encarregados de formular e implementar políticas educacionais também é apontada como um

fator limitante, o que sugere a necessidade de um engajamento mais efetivo dessas instâncias na promoção de condições adequadas para a prática educacional.

A análise de Santos *et al.* (2020) e os resultados apresentados destacam a urgência em abordar questões estruturais e de políticas educacionais para melhorar o cenário educacional. Isso implica não apenas em oferecer suporte efetivo aos docentes, mas, também, em repensar e reformular políticas que possam garantir um ambiente propício para a eficácia do processo educacional de forma ampla. O diálogo entre pesquisas acadêmicas e a implementação prática de políticas pode desempenhar um papel crucial na promoção de mudanças significativas no sistema educacional.

5.3 SEÇÃO 3: 3ª fase - Retomada 100% presencial

Para a abordagem da terceira fase, quatro questões compuseram o roteiro de entrevista, com o intuito de compreender a perspectiva dos docentes em relação: ao retorno 100% presencial; às principais demandas dos estudantes relativas à saúde mental; aos principais benefícios do retorno para as crianças; aos fatores que contribuíram e prejudicaram a saúde mental das crianças durante a pandemia; e aos apontamentos das docentes sobre suas próprias vivências.

Eixo A.1 Seção 3: As crianças

Eixo A.1.1 Seção 3: Primeiro contato, reconhecimento e adaptação

Primeiramente, foi destacado pelos participantes o fato de que, após tantos meses, muitos professores e alunos não se conheciam de fato - alguns, sequer virtualmente. Assim, este retorno também foi um momento do primeiro contato para muitos, além do reconhecimento e da adaptação, assim como ilustram os DSCs abaixo.

“Então, o mais difícil foi assim o refeitório, imagina nossa escola que tem em média, vou chutar mais ou menos, 400 crianças por período, se não for mais, até hoje nós estamos com três intervalos, tinha dois aumentou mais um. Mas, no geral, foi tranquilo, foi bem tranquilo, aprenderam rápido. Um ou outro que às vezes não trazia máscara para trocar, a escola forneceu, também cada um ficou com seu material, com os cadernos, coloquei uma ordem dentro da sala de aula. E aí as coisas foram fluindo conforme a pandemia foi melhorando.”

“Eles não sabiam como iria ser, se eles iriam aprender, se eles não iam, o que eles iriam aprender, se tinha muita coisa pra saber. Então, já outros, eles queriam andar na escola, eles queriam ver, queriam perguntar: “E a fulana, e a ciclana, e a professora tal, e a professora tal?”

“Primeiro foi a adaptação dos professores com crianças que não conheciam. Assim a sala demorou um tempo a mais para se organizar, para se adaptar, mesmo porque a professora precisava conhecer os alunos e eles entenderem o jeito da professora.”

“O número de evasão é muito grande, e eles não têm vindo porque acreditam que não é obrigatório o ensino. Assim, era para ser mais de 20, mas quando eu tenho 10 fico contente e o dia que veio 14 queria até estourar champanhe!”

No ano de 2021, Neri e Osorio (2021) analisaram os números de evasão escolar de crianças e adolescentes, apontando que houve um aumento com percentuais alarmantes retornando a números próximos aos do ano de 2007, ocorrendo notável aumento de evasão escolar de grupo de crianças de 5 a 9 anos em relação aos adolescentes de 15 a 19 anos. O grupo de pré-adolescentes e adolescentes (10 a 14 anos) ficou em nível de quase estabilidade. Enquanto isso, na faixa etária de crianças entre 5 e 9 anos, aconteceu um expressivo aumento de 290,8% na taxa de evasão ao longo do ano. Então, no ano de 2020, no Brasil, a taxa de evasão escolar subiu de 1,41% no começo do ano para 5,51% (Neri; Osorio, 2021, p. 44).

Desse modo, os resultados nos DSCs apresentados ressaltam um cenário de evasão escolar que, por si só, implica na interrupção não planejada do percurso educacional, com consequências individuais, sociais e de saúde mental. A pandemia de COVID-19 agrava esse problema, exacerbando a desigualdade educacional devido a desafios no acesso à educação remota. Nesse âmbito, alunos que não retornaram à escola enfrentam desvantagens educacionais e correm o risco de marginalização social, o que impactará seu futuro e sua qualidade de vida. Mitigar esses impactos requer estratégias que abordem a inclusão digital, o apoio psicossocial e a flexibilidade nos programas educacionais.

Eixo A.2 Seção 3: O retorno 100% presencial, um tempo de esperança e de enfrentamento das dificuldades

O momento de retorno ao convívio de maneira ampla entre pares, com um coletivo mais plural de pessoas (comunidade escolar, docentes, colegas da turma e outros), demonstrou ser um momento prazeroso para as crianças. Assim, o retorno cem por cento presencial foi um momento positivo, como retratado nos DSCs a seguir.

“Eu percebi que eles ficaram muito felizes com o retorno presencial, e a gente também porque voltamos num ritmo de trabalho que estávamos acostumados. Então, foi um reaprender das crianças no cotidiano escolar, foi passando o tempo eu fui criando uma rotina com eles, e eles foram se acalmando.”

“Na pandemia eles ficaram irritados, nervosos, queriam sair e não podiam, falaram que voltando para escola foi muito bom, puderam sair mais e

reencontrar os amigos. Essa questão de regras ficou perdida, uma questão social mesmo, de saber se comportar, de respeitar o amigo e saber a hora de falar, e agora esperam o outro falar. Então o benefício é o convívio social mesmo, das crianças entre si e com os adultos, estar ali junto né, sentem uma necessidade de falar, de contar o que acontece, de estar ali com o colega, de poder estar ali na alegria, nas coisas que acerta, estar ali junto né.”

“As crianças vieram muito tranquilas, felizes da vida, contentes demais né, super felizes. A gente procurou passar segurança e ensinar com calma “isso é pra gente se cuidar, que tem que levar a sério”, mas também não pode se desesperar, nos primeiros dias de aula a gente conversou sobre isso. Eu achei que eu fosse ficar mais preocupada, mas não, eles chegaram tão conscientes de tudo isso que foi máscara e álcool o tempo todo”

“Eles saem do convívio da família, que muitas vezes não é aquela família, não digo “nem mais Dorianana”, eles chegam aqui e eles têm essa harmonia. Porque é uma escola né, e a gente precisa ter um acolhimento, precisa tratar bem o aluno. Então eu vejo que eu acho tão importante eles estarem aqui dentro, é imprescindível eles na escola, eles na vida do professor e o professor na vida deles.”

“Tem essa questão da aprendizagem, e eles vão deslanchando, o comecinho foi mais difícil porque eles tinham até dificuldade de usar caderno, de escrever na linha, se virava a página. Não tem como dizer que a escola não faz bem para pessoa, ela faz muito bem, em questão de aprendizado, o salto que eles dão é gigantesca, são vários benefícios, né. E tem as atividades que eles adoram fazer, as atividades extracurriculares, educação física, coisas que eles, nossa, eles amam né!”

O estudo de Camargo (2023), que objetivou identificar impactos positivos e negativos da pandemia pela perspectiva das crianças, observou que elas tiveram dificuldades para acompanhar, realizar as atividades propostas e absorver o conteúdo de forma remota, dada a falta de equipamentos eletrônicos e acesso à internet (Camargo, 2023). Hipotetiza-se que o retorno das aulas pós-pandemia trouxe benefícios cruciais para as crianças, incluindo oportunidades de interação social, desenvolvimento emocional, aprendizagem presencial, estímulo cognitivo, estrutura e rotina, acesso a recursos educacionais, promoção da saúde mental, alimentação balanceada e participação em atividades extracurriculares. Esses aspectos contribuem para um desenvolvimento integral e saudável das crianças.

Os resultados deste trabalho ressaltam a importância da escola na vida das crianças, visto que apresentaram reações positivas quando puderam estar com os seus colegas, de maneira segura, seguindo as medidas de higiene necessárias para aquele momento. Para além disso, nos DSCs, sugere-se que o ambiente escolar também é um fator protetivo em relação a violências que podem sofrer e/ou presenciar.

Ainda sobre o momento inicial do retorno presencial, os resultados revelaram observações dos professores em relação às necessidades dos alunos.

“Olha, quando eles voltaram eles tinham muitas necessidades, alguns até do alimento da escola, alguns vem para se alimentar.”

Conforme discutido em resultados anteriores, a pobreza se manifesta de maneira complexa. Os dados acerca da pobreza na faixa etária infantojuvenil nos últimos anos indicam que, no período de 2016 a 2022, não houve um aumento expressivo. Contudo, é importante levar em consideração fatores individuais, como a deterioração da educação, e aspectos econômicos, como o aumento nos valores dos alimentos. Para uma compreensão mais aprofundada, torna-se necessário realizar pesquisas mais específicas que investiguem as diversas variáveis que exercem influência nesse contexto.

Ainda que solicitados a tecer considerações mais gerais em relação ao alunato, alguns docentes usaram como referência fatos ocorridos durante a pandemia para ilustrar seu ponto de vista sobre aspectos presentes na vida das crianças e que afetam sua saúde mental.

“As informações mentirosas através dos meios de comunicação e a religião também afetou bastante, porque a maioria participa de grupos, ficam colocando um monte de besteira na cabeça deles: “Que Deus quer, que isso aconteceu porque Deus quer”. Daí você vê que religião afeta e os meios de comunicação afetam em vez de ajudar, porque nos programas só violência, e tudo isso poluindo a mente. Acredito que vai virando um lixo a mente da pessoa, com certeza a saúde mental vai tendo vários problemas.”

Os DSCs a seguir apontam que, independentemente do momento pandêmico que se perpassou, existem fatores que interferem na saúde mental das crianças: fatores sociais, financeiros, familiares, violências vivenciadas (físicas, psicológicas e outras), entre outros.

“As crianças ficaram sozinhas e ficaram expostas a situações de risco em casa. Soubemos através de algumas falas do Conselho Tutelar que estavam resolvendo casos de violência sexual. Aconteceram questões bem graves nessa época, com certeza agravou bastante essa questão de violência. Teve crianças que ficaram muito sozinhas porque não tinha com quem ficar, crianças que ficaram expostas a situações de risco em casa, em várias questões, isso afeta muito a questão mental.”

A violência contra crianças acontece, em sua grande maioria, dentro de suas próprias casas. O resultado desta pesquisa, acima referido, reforça essa problemática e aponta a importância de estudos que se aprofundem no tema. Segundo dados do Disque 100 - um dos canais da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (ONDH/MMFDH) -, no primeiro semestre de 2021, o número de denúncias chegou a 53.533 (BRASIL, 2022).

“A questão financeira, a fome afeta, o desemprego. Porque os pais e responsáveis perderam os empregos e ficaram dependentes de auxílio. Isso prejudicou muito os alunos, eles não sabiam como que ia ser a vida deles, o

pai perdia o emprego, a mãe perdia o emprego, onde eles iam morar? O que eles iam fazer? Então, eu percebi que a falta de emprego foi assim o que mais pegou. A questão mesmo social, do trabalho, vários não conseguem dar um respaldo, então a criança tem que se tornar independente cedo, essa criança se torna adulta muito cedo.”

Eixo A.3 Seção 3: Impactos negativos na saúde mental dos alunos, observados no retorno presencial

Ainda que os professores tenham expressado e reconhecido a alegria dos alunos na situação de retorno 100% presencial, quando questionados sobre o que observaram na saúde mental das crianças, a maioria dos participantes expressou sua compreensão sobre os impactos negativos da pandemia por COVID-19 na saúde mental das crianças. Foram pontuadas mudanças no comportamento, perdas de entes queridos, choro fácil, necessidade de acompanhamento especializado, violências sofridas, atrasos na aprendizagem, dentre outros, o que é ilustrado nos DSCs a seguir.

“Então, eles chegaram assim muito dispersos, muito nervosos, a ansiedade era tremenda. Havia aqueles que voltaram mais quietos, e também aqueles mais infantis para a idade e qualquer coisinha chorava, qualquer coisa tem algum motivo ou para chorar ou para não querer fazer, se chama atenção aí fica emburrado. Por exemplo, eu pedi para o meu aluno fazer a leitura de um texto, aí ele não quis não quis ler, ficou nervoso, começou a chorar.”

Os resultados ilustram aspectos da saúde mental dos alunos que foram notados quando ocorreu o retorno ao convívio em ambiente escolar. Segundo Boris (2021), em revisão integrativa, o estado de alerta ocasionado pela COVID-19 representou um conjunto de novos estressores que provocaram alterações na população infanto-juvenil. O resultado apresentado acima ilustra, também, estas consequências de estresse psicossocial e de problemas psicológicos que podem ser resultantes do distanciamento social.

“Percebi alguns alunos extremamente ansiosos, eles ficam assim ‘o que nós vamos fazer depois?’, uma coisa que eu não percebia antes, criança ansiosa, então mais nesse sentido de querer as coisas rápidas.”

“Foi bem difícil, digo em termos assim psicológicos. Por exemplo: eu tenho uma aluna esse ano que desenvolveu depressão, a mãe falou que foi desde o ano passado, então foi muito difícil ela voltar pra escola, e até hoje ela ainda tá em tratamento, por isso ela falta. Um outro desenvolveu bipolaridade e está em tratamento, a mãe falou que os pais se separaram e afeta o psicológico de todo mundo. Então, foi difícil e está sendo difícil.”

“Eu tenho 5 alunos que voltaram muito abalados emocionalmente, nos primeiros dias alguma atividade que eles não conseguiam, chegavam a chorar. Um aluno, diante lá da avaliação, chorando copiosamente, a gente conversou mas assim muito nervoso, preocupado. Outro aluno, a mãe falou

que tinha depressão, e ele ficou agarrado na blusa o dia inteiro chorando e ele surtou aqui. Esses alunos chegaram muito abalados, parece que é essa dificuldade de conversar, de falar o que tá acontecendo e eles não conseguiam, não acreditavam neles mesmos.”

Os resultados acima destacam aspectos negativos sobre a saúde mental dos estudantes que foram expressos pelos entrevistados. Supõe-se que um dos principais fatores estressores, além da ausência do convívio escolar, também foi a ausência da rotina estabelecida quando se frequenta a escola, além da alternância de cenário de convívio (lares e escolas).

O estudo de Vasquez *et al.* (2022) reflete sobre a representação da escola como um espaço para além de um local de estudo, mas como um espaço para partilhar e conviver com outros indivíduos da mesma faixa etária. O estudo ainda aponta que o processo de aprendizagem se consolida em uma estrutura que demarca um tempo e um espaço distintos das atividades cotidianas, delineando a jornada da infância e da juventude entre o ‘tempo na escola’ e o ‘tempo fora da escola’. A vida sem escola durante a pandemia misturou essas fronteiras temporais e espaciais, influenciando de maneira significativa tanto o processo de aprendizagem quanto a saúde mental dos estudantes.

Assim, a partir dos DSCs, é possível inferir que certos alunos apresentavam maior vulnerabilidade emocional. Embora diversos motivos possam contribuir para a expressão emocional dessas crianças, parece incontestável que a situação pandêmica e todos os elementos que permeiam o cotidiano delas neste período adicionaram consideráveis desafios, tudo isso em uma fase precoce da vida.

“Parece que eles ficaram simplesmente ali, que ninguém se preocupou e é nítido que vão ter algum problema muito sério socialmente, não receberam estímulos nenhum, tanto pedagógico quanto social. Tenho duas alunas que estão com a situação familiar de separação e isso vem a refletir na sala de aula, porque elas ficam ansiosas, muito tristes. Tem um que ele é bem carente, no começo ele me deu muito trabalho, sabe aquela criança assim teimosa? Ele quer atenção e para ajudar fica o dia todo na escola, ele sai daqui e vai para o projeto, quase não tem contato com a família. E tenho um que é preocupante, ele apresentava muitas coisas assim, enforcamento, nos colegas, ele era agressivo e era de dar soco. E muitas vezes quando você falava, ele te olhava com um olhar preocupante, na outra escola tiravam sarro dele e ele chegou a machucar bem feio um amigo dele. Aqui ele chegou a falar que ele iria na outra escola, entrar e matar alguns alunos, eu peguei ele desenhando um menino com uma arma e ele gosta de dar risadas sarcásticas.”

Como referido em outras fases, o luto também é expresso na terceira fase, como relatado no resultado a seguir.

“Teve criança que perdeu avós, outra perdeu a mãe, perdeu família, foram algumas perdas que tiveram de pessoas próximas e queridas deles. Então, tem pelo menos uma ou duas crianças que a gente está sentindo que precisa ir

para um psicólogo, precisa ser encaminhado, porque está diferente, perdeu família né, e essa questão emocional dele está atrapalhando o aprendizado deles.”

“Os alunos tiveram perdas na família, isso deixa um trauma muito grande. Muitas vezes eles entram nesse assunto e acabam chorando e a gente não tem esse preparo para lidar com a situação.”

Segundo Fromm (2011), o luto é compreendido como uma experiência inevitável e imprevisível, inerente à condição humana. É um processo normal de ressignificação da relação com a pessoa perdida, que não busca restaurar a normalidade prévia à perda, mas sim integrar a vida do enlutado para possibilitar o avanço. É importante destacar que nem todos lidam com o luto de maneira saudável, podendo desenvolver condições patológicas, como depressão e melancolia. No entanto, este trabalho não aborda o luto pela perspectiva da patologização, considera-se que o luto é uma experiência humana complexa, influenciada por elementos culturais, históricos e psicológicos.

Assim, o retorno acentuou os impactos negativos do isolamento em diversas esferas de vida das crianças para além de aspectos de sociabilidade, com aqueles relativos a elementos fundamentais para o desenvolvimento e o aprendizado, o que não se restringe somente a conteúdos, conforme ressaltado nos DSCs a seguir.

“No geral a pandemia prejudicou a aprendizagem das crianças, pelo fato deles ficarem ausentes da escola. Porque na escola eles têm o convívio com os amigos, além disso, a relação professor-aluno se aproxima, cria um laço e ela facilita. Ai ficar em casa sem ter esse professor, eles ficaram perdidos, nervosos, preocupados e ansiosos. Fora a falta de rotina, é muito importante pra criança manter uma rotina, e não são todas as famílias que conseguem manter uma rotina com os filhos em casa. E quando você tem a escola você é obrigada a ter rotina, porque você tem horário de entrada e horário de saída, a escola é toda feita de horários, e isso a criança perdeu totalmente. E, claro, também em questão de aprendizado, não tem nem o que te dizer porque assim realmente o aprendizado deles caiu. Esses quase dois anos sem ter a escola, por exemplo, o segundo ano da tarde, que são os menorzinhos, prejudicou mais ainda, porque eles não tiveram pré-escola, não tiveram o primeiro ano e já vieram para o segundo. Isso prejudicou e vai prejudicar por um longo tempo.”

“Não teve uma aproximação da família que é o que a gente esperava. Não que isso tenha a ver com a minha aula, mas a aproximação familiar não houve. Eu percebia nas falas de alguns pais de alunos da minha sala, que eles não estavam preocupados com a educação. E sim: ‘onde eu vou deixar meu filho’ né? O que é que eu vou fazer com meu filho lá em casa? Então ficar com os pais esses dois anos em casa sem escola foi muito prejudicial.”

Embora o resultado acima soe como uma crítica aos pais e responsáveis, é necessário refletir que, para muitas famílias, também pode ter ocorrido a sensação de esgotamento, visto

que estavam submetidos a diversos fatores, como acompanhar as crianças no aprendizado remoto - um grande desafio, “especialmente para crianças pequenas e/ou famílias de baixo nível socioeconômico com acesso limitado a conectividade e dispositivos para permitir interações entre alunos e professores” (Araujo, 2023, p. 82).

“Percebi um grande número de crianças que os pais deram o celular e elas ficaram vidradas em celular. E muitos ficaram praticamente sozinhos no videogame, era um momento que ela estava entretida jogando com alguém que não estava ali, então teve quem deixou a criança isolada com o videogame, e eu acho que foi muito prejudicial.”

Ainda sobre a perspectiva dos desafios vivenciados pelas famílias durante a pandemia, supõe-se que o uso das telas pode ter ocorrido, também, por ser um dos poucos meios de lazer de incontáveis crianças no período de distanciamento social.

“A nossa clientela tem essa questão das necessidades materiais, de se alimentar e muito foi negativo, porque aqui eles comiam. Então, para eles só prejudicou, em todos os sentidos porque o desemprego foi demais, muitas famílias perderam emprego, tentaram fazer bico, e qualquer outra coisa para se manter. Imagina, primeiro mora numa casinha pequena, a grande maioria deles, tinha que ficar preso dentro daquela casinha, não podia sair na rua para brincar, não tinha acesso à internet, se eu te disser que alguns não tem televisão em casa, é a realidade. O pai com problemas financeiros, passando necessidades financeiras, de alimentos, necessidades básicas, são feridas na dignidade humana.”

Eixo B Seção 3: Percepções docentes e a elaboração do vivido no retorno 100% presencial.

Nos próximos DSCs, destaca-se que os docentes se preocuparam com os protocolos de prevenção contra contaminação da COVID-19 no ambiente escolar, pontuando que, no momento do retorno 100% presencial, o processo de vacinação dos adultos ainda estava ocorrendo e as crianças não haviam sido vacinadas.

“No começo a gente veio com um pouquinho de medo, porque a gente ainda estava tomando vacina, as crianças ainda não tinham tomado. Então, foi uma adaptação tanto para eles quanto para nós, porque tínhamos medo da própria doença, do contágio, assim a gente retornou naquela ansiedade. E eles não podiam entrar em contato com os outros, não podia isso, não podia aquilo, não podia aquilo outro, então eles também estavam muito apreensivos. Mas quem teve dificuldade de adaptação mesmo foi o adulto, para eles foi super adaptável. Eu mesma fiquei um pouco neurótica nessa questão, e até hoje eu faço higienização de mesa, todo dia.”

Mediante o resultado exposto, vale refletir sobre o retorno das aulas presenciais em um período em que as crianças ainda não haviam recebido a imunização. Informações veiculadas pela Fiocruz (2021) apontavam que a Anvisa havia recebido, no final do mês de julho daquele mesmo ano, uma solicitação do Instituto Butantan com o intuito de ampliar a faixa etária de

indicação da vacina CoronaVac. Assim, o público de crianças na faixa etária de 3 a 17 anos seria incluído em sua bula. Até aquele momento, a única vacina para COVID-19 aprovada para menores de 12 a 18 anos no Brasil era a *Comirnaty*, da *Pfizer*. O laboratório Janssen havia recebido autorização da agência (ANVISA) para realizar estudos de sua vacina com menores de 18 anos, e os estudos estavam sendo conduzidos pelo laboratório (Fiocruz, 2021, p. 16).

Outro tópico abordado junto aos participantes se referiu aos benefícios do retorno total para a qualidade de vida e a saúde mental. Nesta oportunidade, os professores se referiram aos benefícios a eles próprios e indicaram diversas dimensões, conforme pode ser verificado no DSC a seguir.

“Não tem nem como falar do benefício tanto pra eles quanto pra mim. Sou do grupo de risco então eu praticamente não vinha na escola, eu não via a hora de voltar pra sala de aula, de ter eles ali, de conversar, de saber realmente quem precisava de algo e do quê, tanto da parte emocional como intelectual.”

5.4 SEÇÃO 4: Para além da pandemia: a escola, os docentes e a saúde mental dos alunos

Nesta seção, seis questões integraram o roteiro de entrevista. A intenção foi de compreender: como os docentes lidam com demandas relativas à saúde mental das crianças (tanto dentro e fora da sala de aula); o que consideram como obstáculos para apoiá-los; se recebem alguma ajuda da rede de cuidado das crianças; se tinham sugestões do que poderia contribuir para ampliar e qualificar as ações da escola e dos docentes em prol da saúde mental infantil; comentários livres.

Eixo A.1 Seção 4: Fatores negativos que influenciam na saúde mental dos estudantes.

De acordo com os docentes, a saúde mental das crianças no ensino pode ser influenciada por fatores como pressão acadêmica, problemas familiares, isolamento social, dificuldades de aprendizado, exposição a traumas, mudanças significativas, entre outros. É essencial que educadores, pais e profissionais estejam atentos a esses aspectos, fornecendo um ambiente de apoio e conscientização desde cedo para ajudar as crianças a enfrentar desafios emocionais.

“A vida familiar ela reflete muito aqui na escola, as brigas na família, separação, infelizmente muitos alunos são filhos de pessoas que consomem drogas, as crianças ficam na rua, o pai chega e bate muito na criança. São várias violências e negligências, e a criança fica muito ansiosa e agressiva. Por exemplo: na minha sala o caso mais evidente é a B. que perdeu o convívio com os pais, porque eles não tinham estrutura para ficar com ela e com os irmãos, assim uma estrutura emocional, psicológica e financeira para estar com as crianças. E a participação da família na escola é muito importante,

eles veem quando a família não vem na reunião, no dia seguinte eles têm um desespero de querer justificar para a professora.”

Este DSC destaca a forte influência da vida familiar no desempenho escolar, mencionando problemas como brigas, separações e consumo de drogas pelos responsáveis, o que afeta a saúde mental das crianças. Um exemplo mencionado foi o caso específico de uma criança que perdeu o convívio com os pais devido à falta de estrutura familiar. A ausência dos pais em eventos escolares ressalta a importância da participação familiar. A narrativa destaca a necessidade de uma abordagem holística para lidar com desafios emocionais, evidenciando a importância da colaboração entre escola e família.

Conforme Matsukura *et al.* (2012) indicam, diversos elementos, como características pessoais, físicas e mentais das crianças, juntamente com o contexto e o ambiente em que estão inseridas, podem exercer tanto impactos negativos quanto positivos em sua saúde mental. Nesse sentido, determinados fatores ambientais têm sido identificados como diretamente associados à presença ou ausência de problemas relacionados à saúde mental infantil, sendo categorizados como fatores de risco e proteção (Assis *et al.*, 2009; Matsukura *et al.*, 2012). Além disso, cuidadores ausentes, ambientes desorganizados, hábitos familiares inconsistentes e elementos estressantes presentes nos contextos escolar, social e familiar também podem exercer influências negativas na saúde mental das crianças (Matsukura *et al.*, 2012).

Além dos fatores negativos para a saúde mental das crianças serem apontados pelos entrevistados, foram relatadas ações dos professores voltadas a amparar os estudantes, como expostas nos DSCs do eixo a seguir.

Eixo B.1 Seção 4: Estratégias de acolhimento e cuidado dos entrevistados para com as crianças

“E é na base da conversa mesmo, do acolhimento, quando a gente percebe alguma coisa eu chamo para conversar pergunto o que está acontecendo. Eu converso muito com meus alunos, sobretudo, chamo, falo “o que está acontecendo? E o aluno tem que ter essa confiança no professor, tem que saber que ele pode contar. Então num primeiro momento procuro um jeitinho de estar conversando, mais isolado, procuro conversar em particular, mas também não fico forçando a criança a falar. Porque às vezes eles se sentem constrangidos de falar perto dos outros, é muito importante ele saber que os outros não saberão. Então a gente se aproxima, e bem baixinho se coloca à disposição, e você não está ali para saber o que tá acontecendo para contar para ninguém, é para conversar com ele, tentar ajudá-lo e aliviá-lo.”

“No primeiro momento eu procuro conversar com a criança. Se ficar à vontade, ela fala para todos, aí a gente compartilha. Eles não sentem vergonha, eles comentam com os amiguinhos, um fala com o outro, e contribui.”

“Então a gente faz dinâmicas, conversa sobre isso e deixa eles à vontade para falar sobre o que eles gostariam de falar; a gente trabalha pelo menos uma vez por mês. A gente lê livros que eu escolho a dedo mesmo pra questões que eu estou trabalhando e pra também no caso aí questões emocionais, alguns vídeos relacionados bastante a essa questão. Trabalhamos também com livros paradidáticos que tinham relação com questões emocionais, e uma coleção, por exemplo: ‘Tem monstros dentro de mim’, e depois tem uma coleção que ‘Tem mais monstros dentro de mim’, e o menino vai falando de sentimentos que ele descobre dentro dele que tem dentro dele, à medida que ele vai passando pelas situações. Esse personagem do livro passou né, e outros colegas também da sala dividiram também o que passaram. Assim trabalhamos o emocional, conversamos e eles se sentem acolhidos e seguros, até pra contar algo que esteja acontecendo.”

“Eu abraço, eu sento, eu deixo a criança chorar, dou água, falo: ‘não, tudo bem, vem cá me dar um abraço, vai melhorar. E tento elevar a autoestima dessa criança o máximo possível.”

As educadoras referiram acolher os estudantes e propor dinâmicas, a fim de auxiliá-las e acalentá-las quando necessário, como ilustraram os DSCs acima.

Ao abordar o papel do professor, Rios (2011) destaca a importância de uma abordagem humanizada, centrada no aluno e com um processo educacional que vai além da simples transmissão de conhecimentos, visando o desenvolvimento integral e autônomo dos estudantes. Assim, pode-se notar que os entrevistados, além de buscarem os responsáveis pelas crianças, buscam a direção escolar e, também, utilizam de meios pessoais para ajudar os estudantes. Assim, é de suma importância refletir sobre os resultados na intenção de compreender que os docentes entrevistados são atores atuantes no espaço da escola, a qual compõe a sociedade e ocupa um papel dicotômico entre cumprir com regras estabelecidas e poder ter ações transformadoras para a cultura (interna e externa ao seu meio) (Rios, 2011, p. 49).

“Passo tudo para coordenação, eu chamo a diretora, explico para ela, ela conversa com a criança. Ou se for algo mais sério né daí a gente já repassa pra equipe gestora pra ver os encaminhamentos que vão ser feitos. E vamos lutando para ver se a gente consegue que essa criança tenha um atendimento psicológico.”

“Dependendo a gente chama a família para conversar. Às vezes quando eu tenho a chance de a mãe vir buscar, já aproveito e pergunto. Ou então, quando vejo alguma diferença do aluno eu já aproveito, chamando o responsável, converso com eles até para entender um pouquinho mais e ajudar na medida em que a família aceite.”

“Muitas coisas eu nem entrego para a direção, tem outros caminhos e eu resolvo. Por exemplo: já fui até a casa e percebi qual era o problema, acionei alguns dos meus amigos e consegui resolver o problema.”

As falas destacam a abordagem ativa da equipe escolar na identificação e na busca da resolução de problemas enfrentados pelos alunos. Nesses momentos, a coordenação e a equipe

gestora são envolvidas, especialmente em situações mais sérias e nas quais encaminhamentos sejam necessários, incluindo a possibilidade de atendimento especializado para as crianças. Além disso, a comunicação direta com as famílias é enfatizada, seja através de conversas regulares ou aproveitando momentos como a busca pelos pais. Ressalta, também, a iniciativa em resolver problemas sem necessariamente envolver a direção, com relato de visitas domiciliares e a mobilização de redes de apoio para encontrar soluções. Essas abordagens indicam um esforço ativo para compreender e enfrentar as necessidades emocionais e sociais dos alunos, enfatizando a importância da colaboração entre a escola, os alunos e suas famílias.

Eixo C.1 Seção 4: Entraves para dar suporte aos estudantes

Neste eixo, foram apontados desafios e obstáculos enfrentados pelos entrevistados para apoiar os estudantes que se encontravam em sofrimento, tal como não ter acesso a atendimento especializado, questões familiares e financeiras.

“Toda escola deveria ter um psicólogo, um terapeuta, ajudaria muito e seria muito interessante isso. Não só pros alunos, pros adultos também, porque querendo ou não você tem que tá bem, você psicologicamente tem que tá bem pra você poder ajudar o outro.”

As autoras Santos & Gondim (2021) analisaram, em revisão integrativa da literatura de 2015 a 2020, as contribuições da relação professor-aluno no cuidado à saúde mental de estudantes. Para as autoras, o desejo dos professores entrevistados de serem auxiliados por psicólogo e/ou algum profissional é perceptível.

É importante salientar que este estudo não visa transferir responsabilidades do psicólogo ou outros profissionais de saúde para o professor; ao contrário, busca-se promover a perspectiva da potência em promoção de saúde mental que a escola e a relação professor-aluno possuem, bem como manter uma perspectiva crítica sobre o olhar patologizador e medicalizador imposto por grande parte da sociedade (Santos & Gondim, 2021).

Ressalta-se a importância de que o educador seja cuidadoso e informado sobre fatores relacionados à saúde, especialmente à mental. Isso possibilita que, na ausência de um cuidador especializado, o professor consiga lidar de forma mais eficaz com situações desafiadoras, oferecendo apoio e encaminhamento antes e durante o processo enfrentado pelo aluno. Ademais, a informação e o cuidado propiciam um melhor suporte e cuidado ao próprio educador (Santos; Gondim, 2021).

“O maior desafio é a família, pois nem sempre ela está disposta a ouvir aquilo que você tem para falar. Muitas vezes a família não aceita certas situações, ou não aceita que a criança tem algum probleminha, é difícil para mãe sequer

pensar que possa ter alguma coisa. E às vezes aquela família está em tanto sofrimento que nem ela sabe mais por onde buscar ajuda. Assim muitas vezes é um obstáculo uma família não aceitar que essa criança precisa ser encaminhada para um especialista, tanto por uma ansiedade, por uma depressão ou alguma outra coisa, não vai adiantar, vai ficar amarrado, nós ficamos amarrados, tanto escola, quanto família. Às vezes compreendem, aceitam, mas têm que sair de casa para levar lá, e não fazem.”

“Você percebe que ele precisa de um encaminhamento, de um médico, um profissional, uma fono, um psicólogo, você não pode fazer nada, porque depende de outros profissionais, principalmente da área da saúde. E também se o profissional realmente vai atender, a demora pra eles ter atendimento que é muito grande. Precisava agilizar mais, ter atendimento especializado é um obstáculo.”

Os resultados acima evidenciam o cuidado e a preocupação dos entrevistados com os alunos. Entretanto, supõe-se que, em grande parte das escolas, o olhar patologizador se alastra ao categorizar as diferenças como desvios patológicos e ao estigmatizar e focalizar excessivamente os déficits. Em artigo, Tano & Matsukura (2020) ressaltam que é imprescindível que as diferenças não sejam marginalizadas, indo além dos discursos de tolerância. Isso requer um exercício democrático que reconheça os saberes de todos os envolvidos, abrangendo crianças, adolescentes, a comunidade e toda a rede intersetorial relacionada (Tano; Matsukura, 2020).

“Um obstáculo é você conseguir se aproximar desse aluno, porque a gente precisa formar um ambiente entre você e o seu aluno para que ele possa se abrir.”

“Não temos como ajudar porque não existe nenhum respaldo da Secretaria, não tem grupo de apoio.”

“O maior desafio começa pelo financeiro, é o que mais mexe. Porque o problema social é mais forte.”

“O relacionamento entre pai e mãe é uma questão que mexe muito com o comportamento da criança, e infelizmente a gente viu muita separação de pais durante esse processo, foram muitos casos. Então, as crianças que acabam ficando em meio a essa situação, às vezes, está com o pai, daqui a pouco está com a mãe, e ficam nesse vai e volta.”

Durante o auge da pandemia, a inter-relação de dimensões variadas destacou a complexidade dos desafios enfrentados pelas crianças e suas famílias, a pressão financeira, a falta de apoio educacional e a dificuldade em acessar serviços especializados podem ser agravadas. Após isso, a recuperação desses desafios pode exigir uma abordagem holística que envolva aspectos familiares, educacionais e financeiros para promover o bem-estar, o

desenvolvimento saudável e a promoção de saúde mental²⁸ das crianças. Assim, no próximo eixo apresentaremos os DSCs que evidenciam estratégias em rede (sendo ela intraescolar ou externa), voltadas ao bem-estar das crianças.

Eixo D.1 Seção 4: Rede de cuidado das crianças, sugestões e comentários livres

“A gente encaminha, passa pela sala de AEE e ela nos dá apoio.”

“Temos alguns projetos para trabalhar o emocional da criança.”

“Com relação à saúde, a gente chama o responsável e tenta encaminhar essa criança pro posto de saúde. E também que temos no município são os encaminhamentos, então tem o Princesa Vitória e o CAPS infantil.”

“A gente faz a documentação encaminha para a Assistência Social, para o CRAS, para o CREAS, e as meninas que estão na coordenação fazem reuniões com o Artevida que tem psicóloga.”

“A gente vê a necessidade do aluno e tem essa possibilidade de encaminhar, mas o profissional da Saúde na escola a gente não tem. Algo voltado para a saúde como um profissional dentro da própria escola, ter um psicólogo né que faz muita falta, isso a gente não tem.”

“Sempre tem a dificuldade ‘do tal do diagnóstico’, a gente vê a necessidade do aluno, a gente encaminha, é uma demanda muito grande para pouco profissional e fica muito demorado. Eu não sei o que é, eu preciso da parceria de médicos, porque tem que ter uma equipe multidisciplinar, a gente precisa da orientação. Porque a gente precisa e demora muito para acontecer. Outros casos como crianças que têm convênio, por exemplo, também tem ficado um pouco demorado. Mas a gente consegue um pedido, um relatório da escola que um médico encaminhe para uma avaliação com psicóloga, neurologista e qualquer outro profissional.”

“Com relação aos professores, a gente não teve muito suporte nessa questão psicológica. E também seria importante um trabalho nesse sentido com os profissionais.”

Em relação a promoção de saúde mental dos alunos, os discursos sugerem sobre uma perspectiva de cuidado centrada nos serviços de saúde que atendam os estudantes, e ressaltam a valorização dos diagnósticos, o que não dialoga na lógica da atenção psicossocial.

²⁸ Segundo editorial Araújo *et al.* (2024, p.11), a promoção efetiva da saúde mental deve priorizar três determinantes-chave, que são: a Inclusão Social, que visa desenvolver redes de suporte e facilitar o pleno exercício da cidadania promovem a inclusão social, elementos essenciais para a saúde mental; a Defesa da Liberdade: a cerca da valorização da diversidade e garantia da autonomia, que são fundamentais para proteger a liberdade individual, um aspecto crucial da saúde mental; e, a Participação Econômica Efetiva, que busca garantir uma distribuição equitativa de recursos e promover o acesso à educação, habitação adequada e emprego contribuem significativamente para a saúde mental das pessoas. Esses três pilares formam a base para abordagens abrangentes na promoção da saúde mental, visando uma sociedade mais saudável e equitativa.

Oliveira (2021) argumenta sobre os processos de trabalho das equipes de atenção psicossocial, e, sobre o objetivo de articular os fundamentos da promoção da saúde mental, não tanto como iniciativas específicas de cuidado, mas como uma lógica epistemológica e ética que subjaz nas premissas de atuação de todos os processos de trabalhos psicossociais, em seus desdobramentos clínicos e políticos.

Em editorial Araújo *et al.* (2024, p.11), aponta que é necessário se ancorar em um modelo de intervenção que vai além do atendimento recuperativo individualizado para os indivíduos que procuram os serviços (como os CAPSi e outros), objetivando ampliar o nível de intervenção para a dimensão macroestrutural das comunidades, requerendo assim a proposição efetiva de uma agenda territorial que seja de fato democrática e intersetorial. Contudo, a participação social se torna o elemento central e decisivo em todas as etapas deste processo.

Por fim, no Quadro 3, estão as sugestões que, segundo os entrevistados, contribuíram para a ampliação e a qualificação de ações (da escola e dos docentes) direcionadas à saúde mental das crianças.

Quadro 3 - Tentativas de ampliar a rede de cuidado

Título	Falas
Suporte emocional para os profissionais	<p>A10: “Com relação aos professores a gente não tem também apoio nenhum psicológico, também seria importante o trabalho desse sentido com os profissionais né. Porque os profissionais quando adoecem e isso é muito comum acontecer, vão por conta própria né, mas eu acho que não esperar adoecer né. Fazer toda essa questão de prevenção né de adoecimento, porque isso não existe né, não existe nem na Rede Municipal nem na Estadual.”</p> <p>Ed11: “Não só as crianças, nós professores também.”</p>

<p>Educadoras(es) gostariam de ter profissionais da Saúde Mental nas escolas</p>	<p>A1: “ter esses profissionais dentro da escola”</p> <p>G2: “que tenha psicólogos nas escolas”</p> <p>T13: “ a gente queria um psicólogo na escola (...) a gente precisava demais de um psicólogo na escola. (...) pelo menos para cada escola ou cada duas escolas, acho que seria tão benéfico.”</p>
<p>Núcleos de apoio</p>	<p>A10: “Núcleos de apoio psicológico para tratar questões mentais e psicológicas. (...) se tivesse um psicólogo, um grupo, (...) Que atendesse esse grupo, aí determinado bairro um outro, precisava haver núcleos que pudessem fazer esse atendimento”</p> <p>ED11: “precisava de um grupo mais próximo da escola já que a educação não pode contratar, firmasse um convênio, porque esses profissionais nos ajudariam muito.” (...) “a secretaria tem que conhecer a realidade da sua cidade, as dificuldades que as escolas encontram e firmar um convênio com a secretaria de saúde para que nós tenhamos acesso a esses profissionais, fonoaudióloga, psicóloga, psiquiatra, neurologista”</p> <p>S12: “Então isso faz muita falta (...) um lugar para atendimento em que criança no primeiro momento ela fosse e tivesse atendimentos individuais, num outro momento o profissional viesse e fizesse no coletivo, faz falta, seria muito bom.”</p> <p>Ca15: “a gente tem um posto de saúde ao lado né, então poderia ter profissionais ali para nos ajudar”</p>

<p>Curso de formação</p>	<p>F3: “poderia ter algum curso de capacitação, um profissional que pudesse vir de tempos em tempos na escola para conversar sobre isso. Algum especialista que possa falar de saúde mental infantil”</p> <p>H7: “Em relação a nós professores eu sinto falta de uma melhor formação”</p> <p>Ca15: “seria interessante um curso em saber como lidar, mostrar para nós quais são, o que a gente pode lidar, o que poderia falar para esse aluno para ir ajudando, porque às vezes a gente fala mas não engrandece”</p>
<p>Formação para pais</p>	<p>D5: “a escola precisaria abrir as portas e oferecer para esses pais mais conhecimento. Então palestra com o pessoal da saúde, da saúde mental. (...) A partir do momento que eles tivessem maior conhecimento e compreendessem que é direito da criança, é dever da família e do Estado, eu acho que eles procurariam mais. (...) mais conhecimento ia evoluir nessa parte.”</p>
<p>Ter os profissionais da SM e o CAPSij mais próximo da comunidade escolar</p>	<p>Ro8: “a minha sugestão era esse tratamento estar mais próximo, sabe? É muito distante, olha eu fui lá, eu sei que o tratamento que é realizado no CAPS é maravilhoso, só que é muito pouco, aqui na nossa cidade olha tinha que ter um CAPS por região, aqui nessa região um CAPS pra essas escolas, pra esse povo. (...) eu gostaria de ter mais próximo o CAPS da escola, eu acho que seria essencial. Nós precisamos do CAPS e da Assistência Social também, só a escola, sozinho a gente não anda, a gente não faz milagre né. A gente precisa de uma parceria.”</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Contudo, a rede de cuidado das crianças no contexto da saúde mental e da intersectorialidade é uma abordagem integrada que busca promover o bem-estar emocional e mental das crianças. Isso envolve a colaboração entre diferentes setores, como saúde, educação e assistência social, com ênfase em prevenção, participação familiar, acesso a serviços especializados, criação de ambientes escolares e comunitários saudáveis, além da cooperação entre profissionais de diversas áreas. A abordagem visa uma atenção holística e cooperativa para garantir o desenvolvimento saudável das crianças e, ao ser apontado um enfoque tão grande no cuidado no setor de saúde, sem refletir de maneira crítica sobre o cuidado compartilhado, pode-se correr o risco de cair em um olhar patologizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste estudo, destaca-se a complexidade das condições socioemocionais enfrentadas por alunos e professores do Ensino Fundamental público ao longo das diferentes fases da pandemia até a regularização do retorno presencial.

A pesquisa buscou compreender essas experiências a partir da perspectiva dos entrevistados, com especial atenção ao papel crucial dos educadores no enfrentamento das situações de sofrimento emocional vivenciadas pelos estudantes.

Durante o período analisado, percebeu-se uma notável lacuna na escuta dos docentes, especialmente nos encontros presenciais, evidenciando a importância de proporcionar espaços para que suas vozes fossem ouvidas diretamente. Hipotetiza-se, a partir da literatura, que a realização remota do estudo teria limitado a participação ativa dos professores, relegando suas experiências a representações intermediárias.

O estudo ressalta o impacto profundo da pandemia nas vivências dos estudantes e dos educadores, destacando o vínculo afetivo entre eles como uma rede de proteção crucial. A escola, por sua vez, emergiu como um contexto protetivo fundamental, desempenhando um papel vital na mitigação das adversidades enfrentadas.

Ao analisar os dados, as quatro seções delineadas permitiram uma compreensão mais aprofundada das diferentes fases do cenário pandêmico. A fase inicial expressou desafios consideráveis, incluindo a ruptura de contato, a necessidade de distanciamento social, a exposição a violências, os sentimentos de insegurança, as perdas e as vulnerabilidades das famílias. A ausência de suporte, o aumento das demandas laborais e a dificuldade em separar o pessoal do profissional foram aspectos que se destacaram, permeados, também, pelo medo.

Na segunda seção, observou-se o prejuízo no desenvolvimento socioemocional dos estudantes, enquanto a escola se consolidou como um importante fator protetivo. A terceira seção abordou o reconhecimento e a adaptação, destacando a importância do tempo de esperança, embora tenham sido observados impactos negativos significativos.

A quarta e última seção concentrou-se nas estratégias dos professores para lidar com as demandas socioemocionais das crianças. Essas estratégias se revelaram elementos essenciais para enfrentar os desafios identificados, evidenciando a resiliência e a criatividade desses profissionais diante das adversidades.

Em síntese, considera-se que este estudo contribui não apenas para a compreensão aprofundada das condições socioemocionais durante a pandemia, mas, também, destaca a importância de valorizar as vozes dos professores, reconhecendo o papel crucial da escola como

um contexto de proteção e desenvolvimento integral dos estudantes. As estratégias identificadas oferecem insights valiosos para futuras intervenções e políticas educacionais, visando fortalecer ainda mais o suporte socioemocional no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

1ª MORTE por coronavírus no brasil e mais notícias da tarde de 17 de março.

Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/1-morte-por-coronavirus-no-brasil-e-mais-noticias-da-tarde-de-17-de-marco/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

81% DOS CASOS de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa.

Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/81-dos-casos-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-ocorrem-dentro-de-casa>. Acesso em: 2 ago. 2021.

ADACHI, M. *et al.* Longitudinal association between smartphone ownership and depression among schoolchildren under COVID-19 pandemic. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 57, n. 2, p. 239–243, 12 nov. 2022.

AMARAL, L. H.; CAPONI, S. Novas abordagens em psiquiatria no século XXI: a escola como locus de prevenção e promoção em saúde mental. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp 5, p. 2820–2836, 2020. DOI:

10.21723/riaee.v15iesp5.14560. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14560>. Acesso em: 17 out. 2023.

AQUINO, E. M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. 2020. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(Supl.1): 2423-2446, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ARAÚJO, E. F. Socioeconomia no ensino durante a pandemia: como as diferentes classes responderam ao processo de ensino e aprendizagem. **Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [S. l.], v. 6, p. 76–84, 2023. Disponível em:

<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/100>. Acesso em: 17 set. 2023.

ARAÚJO, R. *et al.* Saúde Mental de Crianças e Adolescentes. **Revista Proteção Integral IBDCA**, março. 2024. Disponível em:

https://www.academia.edu/117272890/REVISTA_PROTE%C3%87%C3%83O_INTEGRAL_publ_IBDCRIA. Acesso em: 9.abril 2024.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8ed. São Paulo: Perspectiva: 2019. Disponível em:

extension://ngphehpfehdmjellohmlojkplilekadg/pages/pdf/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fedisciplinas.usp.br%2Fpluginfile.php%2F7920085%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FHannah%2520Arendt%2520-%2520Entre%2520o%2520Passado%2520e%2520o%2520Futuro%2520%2528livro%2520completo%2529.pdf Acesso em: 14.abril.2024

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de COVID-19. **Em Rede - Revista de Educação a Distância**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 257–275, 2020. DOI: 10.53628/emrede.v7i1.621. Disponível em:

<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; OLIVEIRA, R. V. C. Desigualdades socioeconômicas e saúde mental infantil. **Revista de Saúde Pública**, [S. l.], n. 43, p. 92-100, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000800014>. Acesso em: 05. Jan. 2024.

AYDOGDU, A. L. F. Saúde mental das crianças durante a pandemia causada pelo novo coronavírus: revisão integrativa. **Journal Health NPEPS**, v. 5, n. 2, p. e-4891, 2021.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Novo Coronavírus (COVID-19): informações básicas** | MS. 2020. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/ultimas-noticias/3135-novo-coronavirus-COVID-19-informacoes-basicas>. Acesso em: 17 dez. 2023.

BORIS, I. M. S. Impacto psicológico de la COVID-19 en niños y adolescentes. **MEDISAN**, Santiago de Cuba, v. 25, n. 1, p. 123-141, fev. 2021. Disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1029-30192021000100123&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2023.

BRASIL. Governo. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei federal, v. 8, 1990.

BRASIL. L. D. B. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 76 p. – (Série B. Textos Básicos em Saúde). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/05_0887_M.pdf. Acesso em: 06 abr. 2024.

BRASIL. Supremo Tribunal *et al.* **Constituição da república federativa do Brasil**. Supremo Tribunal Federal, 1988.

CÂMARA de Santo André aprova projeto de regularização do Centreville. Disponível em: http://cmsandre.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9733:2017-06-21-12-41-13&catid=13:noticias-em-destaque&Itemid=49. Acesso em: 17 dez. 2023.

CAMARGO, A. P. **O cotidiano e a pandemia da COVID-19 na perspectiva das crianças**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

CARNEIRO, A. K. P. *et al.* A Influência Do Isolamento Social Devido à COVID-19 Na Saúde Mental Do Público Infantil. **Revista Baiana De Saúde Pública**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 217–227, 19 maio 2022.

CID, M. F. B. *et al.* Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 30, p. 1–24, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8656529>. Acesso em: 14 out. 2023.

CARVALHO, M. R. V. DE. **RELATOS DE PESQUISA PERFIL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA**. INEP, 2018. Disponível em: <http://relatos.inep.gov.br/ojs3/index.php/relatos/article/view/4083>. Acesso em: 17 dez. 2023.

CÁSSIO, F.; CARNEIRO, S. O DESCASO GENOCIDA E O CINISMO: é hora de falar da educação como bem público. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 25 fev. 2023.

CENTREVILLE: luta, resistência e conquistas na região do ABC. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/centreville-luta-resistencia-e-conquistas/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

CID, M. F. B. *et al.* Saúde Mental Infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. **Pro-Posições**, v. 30, n. 93, 18 abr. 2019.

CID, M. F. B.; GASPARINI, D. A. Ações de promoção à saúde mental infantojuvenil no Contexto Escolar: Um Estudo De Revisão / Promotion Actions to Mental Health Children Youth Inschool Context: Literature Review. **Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)**, v. 13, n. 1, p. 97-114, 18 dez. 2015.

CIPRIANI, F. M.; MOREIRA, A. F. B.; CARIUS, A. C. Atuação Docente na Educação Básica em tempo de Pandemia. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 2, 9 jun. 2021.

COMELLI, F. A. DE M.; COSTA, M. DA; TAVARES, E. DOS S. “I Don’t Know If I Can Handle It All”: Students’ Affect during Remote Education in the COVID-19 Pandemic in Brazil. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 22, n. 4, p. 53–71, 21 nov. 2021.

COSTA, K. M. R. *et al.* Promoção Da Saúde Mental De Professores No Contexto Da Pandemia Do Novo Coronavírus. **Cadernos Do Aplicação**, v. 34, n. 2, 23 set. 2021.

DELGADO, I.; BRITO, M. S. D.; SANTOS, P. P. DOS. Percepção dos Professores do Ensino Fundamental I quanto aos Impactos da Pandemia do COVID-19 no Processo de Aprendizagem Infantil. **Revista ProLíngua**, [S. l.], 25 ago. 2021.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 89–104, abr. 1998.

ESCOLAS municipais de rio claro não terão aulas presenciais no restante de 2020.

Prefeitura Municipal De Rio Claro. Disponível em:

<https://rioclaro.sp.gov.br/secretarias/gabinete-do-prefeito/escolas-municipais-de-rio-claro-nao-t-erao-aulas-presenciais-no-restante-de-2020/>. Acesso em: 17 out. 2023.

FILHO, I. P. L.; GONÇALVES, D. N.; SANTOS, H. R. R. O Trabalho Docente e a Pandemia da COVID-19: Uma investigação com professores do Ensino Fundamental e Médio. **Teoria E Cultura**, v. 17, n. 1, p. 11–23, Maio de 2022.

FIOCRUZ. **Recomendações para o planejamento de retorno às atividades escolares essenciais no contexto da pandemia de COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

Disponível em:

https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/recomendacoes_2021-08.pdf. Acesso em: 17 out. 2023.

FIOCRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações gerais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>. Acesso em: 17 out. 2023.

FONSECA, R.P *et al.* Impactos desenvolvimentais de saúde mental e aprendizagem em crianças, adolescentes, pais e professores pós-fechamento das escolas: uma revisão sistemática. **Debates em Psiquiatria**. Rio de Janeiro, 2022;12:1-68. DOI: <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2022.v12.416>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19**. [PDF]. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/violencia-domestica-COVID-19-v3.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

FROMM, E. (2011). A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. **Acta Paulista de Enfermagem**, 24(3), 7-8.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE SAÚDE DE RIO CLARO. **Endereços das Unidades de Saúde de Rio Claro-SP**. Disponível em: <https://www.saude-rioclaro.org.br/enderecos.htm>. Acesso em 20 dez.2023

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. Atlas, 2002. Disponível em: https://www.fc.unesp.br/Home/helber-freitas/tcci/gil_como_elaborar_projetos_de_pesquisa_-_anto.pdf. Acesso em: 17 dez. 2023.

GUERRA, T. C; TOMASSINI, M.G. O estranhamento do trabalho docente e a violência escolar: interfaces. **Educação: Teoria e Prática/** Rio Claro, SP/ v. 34, n.67/2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v34.n.67.s16889> Acesso em: 06.abril.2024

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Plano São Paulo: retomada consciente**. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Regional, 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/PlanoSP-apresentacao-v2.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto nº 64.994**, de 28 de fevereiro de 2022. São Paulo, 2022. Página 35.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354390>. Acesso em: 15 nov. 2022.

INSTITUTO INTERNACIONAL PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMÉRICA LATINA E CARIBE E REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL. Consequências adversas do fechamento das escolas COVID-19 e educação superior: Análises de impactos, respostas políticas e recomendações dos efeitos imediatos ao dia seguinte. **WHO/2019-nCoV/MentalHealth/2020**. 2020.

KATZ, I. Lições das infâncias em pandemia. In: PINEDA, D.; SARAIVA, L. F. de O. S.; KATZ, I. **Clínica e (A)normalidade: Interpelações Pandêmicas**. São Paulo: Blucher, 2022.

LANA, R. M. *et al.* Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 3, p. e00019620, 13 mar. 2020.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. Os novos instrumentos no contexto da pesquisa qualitativa. In: LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C; TEIXEIRA, J.J.V. (org). **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, p.11-35, 2000.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul, 2001.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LEFEVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. **O discurso do sujeito coletivo**. Andreoli, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **Pesquisa de representação social: um enfoque quali quantitativo: a metodologia do discurso de sujeito coletivo**. Brasília: Líber livro, 2010.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discourse of the collective subject: social representations and communication interventions. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 502–507, jun. 2014.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social: Um enfoque quali quantitativo: metodologia do discurso do sujeito coletivo**. 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-940348>. Acesso em: 14 dez. 2023.

LINS, S. R. A. *et al.* Professores, escola e saúde mental infantojuvenil: elementos para reflexão. In: Fernandes, A. D. S. A; Taño, B. L. T.; Cid, M. F. B. *et al.* (Org). **Saúde Mental de Crianças e Adolescentes e Atenção Psicossocial**. Santana de Parnaíba: Manole, p. 48, 2021.

LOADES, M. E. *et al.* Rapid Systematic Review: The Impact of Social Isolation and Loneliness on the Mental Health of Children and Adolescents in the Context of COVID-19. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 59, n. 11, p. 1218–1239, jun. 2020.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MATSUKURA, T. S.; FERNANDES, A. D. S. A.; CID, M. F. B. Fatores de risco e proteção à saúde mental infantil: o contexto familiar. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade**

de São Paulo, 23(2), 122-129, 2012. Acesso em: 05. jan. 2024 Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v23i2p122-129>.

MARIN, A.H. *et al.* Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 13, n. 2, p.92-103, jul./dez. 2011. Acesso em: 24.março 2024. Disponível em: DOI: 10.5935/1808-5687.20170014

MATTA, G. C. *et al.* Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. **Observatório Covid 19**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2021, pp. 87-97. Informação para ação na COVID-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0.

MEDEIROS, D.M. O teletrabalho durante a pandemia da covid- 19: indicadores da intensificação do trabalho docente. **REPOD - Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 10, n. 3, p. 1158-1171, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REPOD-v10n3a2021-62304>. Acesso em 06. Abril.2024

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Acolher vidas para fortalecer emoções e criar estratégias pós-pandemia - COVID-19**. Brasília, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/novembro/Guia_de_Orientacoes_.pdf. Acesso em: 17 out. 2023.

NAPOLITANO, M. **Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI**. Novos combates pela História: desafios, ensino. Tradução. São Paulo: Contexto, 2021. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Napolitano_M_3123219_NegacionismoERevisionismo.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

OLIVEIRA, A. P. F. de *et al.* Violência contra crianças e adolescentes e pandemia – Contexto E Possibilidades Para Profissionais Da Educação. **Escola Anna Nery**, v. 26, n. esp., 2022.

OLIVEIRA, B. D. C. Promoção da saúde mental de crianças e adolescentes na rede escolar: desafios para atenção psicossocial e a intersetorialidade. 2021. (Tese de Doutorado em Saúde Mental) – Programa de Pós-Graduação em doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 198. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Considerações sobre saúde mental e psicossocial durante o surto de COVID-19. **WHO/2019-nCoV/MentalHealth/2020.1**. 2020.

PAULINO, D. *et al.* A atenção psicossocial de crianças e adolescentes: compromissos coletivos e intersetoriais para a proteção integral. **Revista Proteção Integral IBDCA**, março. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/117272890/REVISTA_PROTE%C3%87%C3%83O_INTEGRAL_publ_IBDCRIA. Acesso em: 9.abril 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO. **Prefeitura faz nova transferência de alimentos da educação para área social**. Disponível em: <https://rioclaro.sp.gov.br/desenvolvimento-social/prefeitura-faz-nova-transferencia-de-aliment-ou-da-educacao-para-area-social>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO. **Alimentos Que Não Serão Usados Nas Escolas Começam a Ser Entregues Para Área Social.** Disponível em: <https://rioclaro.sp.gov.br/desenvolvimento-social/alimentos-que-nao-serao-usados-nas-escolas-comecam-a-ser-entregues-para-area-social/>. Acesso em: 16 out. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO. **Alunos Vão Receber Em Casa Cartão Do Programa De Alimentação Escolar.** Disponível em: <https://rioclaro.sp.gov.br/educacao/alunos-vaio-receber-em-casa-cartao-do-programa-de-alimentacao-escolar/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO. **Apresentação município.** Disponível em: <http://www.rioclaro.sp.gov.br/municipio/municipio-localizacao.php>. Acesso em: 25 set. 2022.

RAMOS, E. M. B.; RAMOS, P. R. B.; COSTA, L. L. S. Pandemia e federalismo: reflexões sobre as decisões do supremo tribunal federal na apreciação de conflitos de competência entre os entes federativos no enfrentamento à COVID-19. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais - IURJ**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 46–61, 2020. DOI: 10.47595/2675-634X.2020v1i1p46-61. Disponível em: <https://revista.institutouniversitario.com.br/index.php/cjsiurj/article/view/7>. Acesso em: 21 fev. 2024.

RESENDE, R. **Dois anos do primeiro caso de coronavírus no Brasil.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/02/23/dois-anos-do-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 29 out. 2022.

RIO CLARO (SP). **Resolução 020/2021 de 15 de outubro de 2021.** Acesso em: 29 out. 2022.

RIO CLARO (SP). Secretaria Municipal da Educação. **Comunicado.** Rio Claro, 15 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.educacaorc.com.br/media/biblioteca/7005472/COMUNICADO%2015-06%20-%20PLANO%20RETOMADA%20ANO%20LETIVO%202020.pdf>. Acesso em: 17 out. 2023.

RIO CLARO (SP). Fundação de Saúde. **Profissionais de Educação começam a ser vacinados contra a Covid na segunda-feira.** Rio Claro, 15 de junho de 2020. Disponível em: <https://rioclaro.sp.gov.br/fundacao-de-saude/profissionais-de-educacao-comecam-a-ser-vacinados-contr-a-covid-na-segunda-feira/>. Acesso em: 18. Dez. 2023.

RIOS, T. A. **Ética e competência: Política, responsabilidade e autoridade em questão.** Cortez Editora, 2014.

ROCHA, M. F. de A. *et al.* O impacto da pandemia do COVID-19 na saúde infanto-juvenil: um estudo transversal / The impact of the COVID-19 pandemic on child-youth health: a cross-sectional study. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3483–3497, 23 fev. 2021.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–24, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289>. Acesso em: 17 set. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO CLARO. **Comunicado à Comunidade escolar**: Publicada em 10/06/2020. Disponível em: <https://www.educacaorc.com.br/?r=biblioteca/view&biblioteca=7005470>. Acesso em: 14 set. 2023.

SANTOS, A. *et al.* Transformações do luto: uma análise interdisciplinar de sua evolução e impacto na saúde coletiva. **Revista FT**. Disponível em: <https://revistaft.com.br/transformacoes-do-luto-uma-analise-interdisciplinar-de-sua-evolucao-e-impacto-na-saude-coletiva/>. Acesso em: 16 abr 2024.

SANTOS, E.; LIMA, I. DE S.; DE SOUSA, N. J. “Da noite para o dia” o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 16, p. 1632–1648, 29 dez. 2020.

SANTOS, M. M. DOS; GONDIM, L. S. DE S. Contribuições da relação professor-aluno no cuidado à saúde mental de estudantes: revisão da literatura de 2015 a 2020. **Construção psicopedagógica**, v. 30, n. 31, p. 82–100, 1 dez. 2021.

SANTOS, N. R. DOS. **SUS e Estado de bem-estar social**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2022. p. 281.

TAÑO. B. L.; MATSUKURA. T. S. Compreensões e expectativas de educadores sobre saúde mental de crianças e adolescentes. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 12, n. 31, p. 166–192, 2020.

TROITINHO, Maria C. R. *et al.* Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da COVID-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, 2021, e00331162. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00331.

UNESCO. Relatório anual da UNESCO no Brasil, 2022. **WHO/2019-nCoV/MentalHealth/2020.1**. 2020.

UNICEF. **As Múltiplas Dimensões Da Pobreza Na Infância E Na Adolescência No Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/as-multiplas-dimensoes-da-pobreza-na-infancia-e-na-a-dolescencia-no-brasil>. Acesso em: 18 out. 2023.

VASQUEZ, D. A. *et al.* Schoolless life and the mental health of public school students during the COVID-19 pandemic. **SciELO Preprints**, 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.2329. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2329>. Acesso em: 17 dec. 2023.

VEIGA-NETO, A. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, 2020.

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Educadora/Educador

(Resolução CNS 510/2016)

ESCOLA E ESCOLARES: A PANDEMIA POR COVID-19 E O SOFRIMENTO PSÍQUICO INFANTIL PELA PERSPECTIVA DE EDUCADORAS E EDUCADORES DA REDE PÚBLICA DE RIO CLARO - SP.

Eu, Nattany Ribeiro de Moraes, estudante do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa **“Escola e Escolares: a pandemia por COVID-19 e o sofrimento psíquico infantil pela perspectiva de educadoras e educadores da rede pública de Rio Claro - SP”** orientada pela Profa. Dra. Thelma Simões Matsukura. O objetivo da pesquisa é identificar a compreensão das educadoras e educadores sobre a saúde mental de seus alunos ao longo da pandemia.

Você foi convidada (o) por ser profissional do sistema municipal de ensino de sua cidade, onde o estudo será realizado. E por ser educadora/educador de 3º à 5º ano do Ensino Fundamental I da Rede Pública de Ensino do município participante no mínimo há três anos. Sua participação consiste em responder uma entrevista semiestruturada que abordará assuntos relacionados à temática de saúde mental infantojuvenil, além de questões que envolvem diversos aspectos, como: sua formação profissional; o trabalho na escola; a população com quem você atua; seu entendimento sobre a saúde mental infantil; identificação de estudantes com queixas de saúde mental em sua sala; dificuldades em trabalhar com esses estudantes bem como suas possíveis dúvidas sobre o tema; quais as principais demandas dos alunos relativas à saúde mental durante: a 1ª. fase do isolamento social, onde as aulas foram suspensas e foram entregues materiais impressos; a 2ª. fase relativa a retomada de contato presencial rodiziado em “bolhas” – máximo de 30% - das crianças ao convívio escolar e continuidade da entrega de materiais de forma rodiziada e plantão das educadoras e educadores; a 3ª. Fase retomada 100%, com a vacinação de parte do público infantil e o retorno às aulas presenciais em meio ao surgimento de variantes do vírus; e a 4ª. fase que se refere ao momento atual.

A sugestão dada é que sejam feitas durante o horário de HTPI na escola, ou que sejam feitas em horário a combinar com a pesquisadora que seja adequado para sua participação. Será respeitado o distanciamento físico orientado para o período pandêmico e utilizaremos máscara de proteção, se necessário a entrevistadora irá disponibilizar máscara para uso sistemático. A previsão de duração da entrevista é de 40 minutos a 1 hora, e em caso de interrupção da entrevista, ela será reagendada. Solicito sua autorização para gravação de áudio das entrevistas, com o intuito de que sejam transcritas para análise dos dados, e serão armazenadas em total sigilo por no mínimo cinco anos após a conclusão da pesquisa como previsto em Resolução CNS N°510 de 2016. Informo que nenhum material relativo a sua participação será salvo em nuvem ou em qualquer dispositivo que possa sofrer risco de vazamento de informações. Observa-se que a sua participação não é obrigatória. A qualquer momento poderá desistir de participar da pesquisa, podendo ser retirado seu consentimento, além disso, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com o equipamento da educação ao qual pertence, e ao retirar o consentimento todos os áudios serão excluídos. O desenvolvimento de uma pesquisa deste tipo é muito importante, pois a pesquisa pode produzir conhecimento científico necessário para que os equipamentos da educação, da saúde, e profissionais possam

desenvolver tecnologias e legislação que contribuam na construção de estratégias e intervenções voltadas a Saúde Mental Infantojuvenil.

As perguntas a serem respondidas não serão invasivas à sua intimidade, e não trarão riscos de ordem física, entretanto, você não é obrigada (o) a responder nenhuma das perguntas. Além disso, a participação na pesquisa pode gerar algum desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas. É garantido aos participantes a liberdade de não responder as perguntas, e o direito de terem pausas ou de interromper a coleta de dados a qualquer momento. Ressalta-se que cuidados e esforços serão tomados pela pesquisadora para reduzir qualquer possibilidade de desconforto ou constrangimento, sendo esclarecidas todas as informações referentes ao estudo, e clarificando a liberdade de participação na pesquisa. Porém, caso ocorra algum dano psicológico resultante de sua participação na pesquisa que gere a necessidade de orientação e/ou acompanhamento, a pesquisadora se compromete a realizar o encaminhado para serviço especializado sem nenhum custo para o participante.

Essa pesquisa oferece riscos de baixa magnitude, como constrangimento ou cansaço ao responder aos questionamentos. Havendo um ou mais desses riscos para o participante, serão de duração transitória, porém a pesquisadora se compromete em atentar-se à segurança e privacidade dos participantes, bem como se coloca à disposição para contato por e-mail e telefone celular divulgado no início TCLE, a fim de, qualquer esclarecimento ou suporte ao entrevistado(a). Ainda que nenhum dano de baixa magnitude esteja relacionado à sua participação nesta pesquisa você tem o direito de ser indenizado de acordo com a Resolução n°510 2016, está prevista assim indenização nos casos de danos materiais e imateriais. Ao final desta pesquisa você terá acesso aos dados coletados que se referem a sua participação.

A pesquisadora declara estar com a vacinação regularizada, e propõe-se a apresentar os comprovantes se o entrevistado solicitar. E em caso de algum dos envolvidos na coleta de dados apresentarem sintomas gripais, a entrevistadora se responsabiliza por informar todos os envolvidos.

A participação na pesquisa não acarretará em despesas para o participante, assim como não haverá nenhuma forma de remuneração. Você receberá uma via deste termo, rubricada por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento. Ao concordar em participar desta pesquisa a pesquisadora solicita gentilmente o envio da cópia do TCLE assinada via e-mail. As entrevistas só ocorreram após a pesquisadora e entrevistados tiverem posse de cópia deste termo com a assinatura de ambos.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Nattany Ribeiro de Moraes.

Endereço: Av. 84A, 495 Cond. Primavera, Rio Claro – SP

Contato telefônico: (19) 98363- 2096 E-mail: nattany.ribeiro@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data:

Nome do Pesquisador

Nome do Participante

APÊNDICE II – Formulário de identificação dos participantes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome (Se preferir você pode indicar apenas suas iniciais):

Idade:

SOBRE SUA FORMAÇÃO:

Formação: Ano de conclusão do curso:

Indique o curso e o tempo de formação:

Tipo de formação complementar	Marcar com X (se tiver realizado)	Informar a área em que realizou o curso
Curso de formação (curta duração, etc)		
Especialização		
Mestrado		
Doutorado		

Qual escola(s)²⁹ você tem vínculo atualmente:

Escola A ()

Escola B ()

Escola C ()

Escola D ()

Escola E ()

Escola F ()

Escola G ()

Escola H ()

Outra: _____

Tempo de atuação como professor:

Você é responsável pela série/turma:

Quantos alunos(as) você tem nesta sala:

²⁹ Nomeação das escolas substituídas por Letras a fim de preservar a identidade das entrevistadas e entrevistados.

APÊNDICE III - Roteiro de perguntas para educadoras e educadores de identificação de demandas relativas à saúde mental infantil no período pandêmico:

Cara (o) educadora(or) você está participando da pesquisa “Escola e escolares: a pandemia por COVID-19 e o sofrimento psíquico infantil pela perspectiva de educadoras e educadores da Rede Pública de Rio Claro - SP”, que tem como objetivo identificar a compreensão de educadoras(es), sobre as principais demandas dos alunos(as) relativas à saúde mental³⁰ ao longo da pandemia de COVID-19, considerando as diversas etapas pelas quais passamos.

Para abordarmos as diferentes situações que estiveram envolvidas ao longo deste período de pandemia, distribuimos as perguntas que compõem esse roteiro em 4 fases: a 1ª. fase relativa ao período de isolamento social, onde as aulas foram suspensas e foram entregues materiais impressos; a 2ª. fase, relativa a retomada de contato presencial das crianças ao convívio escolar rodiziado em “bolhas” – máximo de 30% -, continuidade da entrega de materiais de forma rodiziada e plantões das educadoras e educadores; a 3ª. fase, correspondendo a retomada 100% presencial, com a vacinação de parte do público infantil e o retorno às aulas presenciais em meio ao surgimento de variantes do vírus; e, finalmente, a 4ª. seção, abordando sobre a saúde mental dos alunos e os recursos e dificuldades que observam regularmente no cotidiano escolar e, ainda, solicitou comentários e sugestões adicionais sobre o estudo e/ou a entrevista, de acordo com o desejo dos participantes em fornecê-los

Pedimos sua colaboração para responder as perguntas a seguir e, lembramos que você não está sendo avaliado, não existe certo ou errado. Fique à vontade para fazer comentários, dar exemplos e/ou utilizar a melhor forma que considerar para falar sobre o que lhe foi perguntado.

1ª fase – Isolamento social e entrega de materiais

No início da pandemia COVID 19, em março de 2020, fez-se urgente o isolamento social e o município de Rio Claro rapidamente adotou medidas de isolamento necessárias.

³⁰ [...] Compreende-se que a saúde mental infantojuvenil é dinâmica e resultado da relação complexa entre os recursos e habilidades pessoais, fatores contextuais e determinantes sociais, que na dimensão do cotidiano estão diretamente implicados nas possibilidades de participação, fruição, reconhecimento e enfrentamento de desafios [por parte da própria criança ou adolescente] O que, dentre outras, envolve a possibilidade de experienciar prazer, frustração, afeto, motivação e proatividade implicados nas descobertas e aprendizados genuínos da infância e adolescência. (FERNANDES, p. 107, 2019)

Assim, a comunidade escolar e os alunos (as) tiveram um rompimento de seu contato diário. E em setembro de 2020 iniciaram a entrega de material impresso para parte dos alunos(as).

1. Nesta primeira fase, transcorreu ao longo do 1º. Semestre de 2020, ou seja isolamento total e distribuição de materiais, como você percebia ou achava que seus alunos(as) estavam, considerando que você os conhecia, bem como conhecia a realidade vivida por eles?
2. Como foi para vocês educadoras (es) a etapa de retomada com o preparo e distribuição de material?

2ª fase – Retomada das aulas de forma rodiziada

Frente ao desafio de retomar a reabertura das escolas com os protocolos sanitários de prevenção à COVID-19, a partir de outubro de 2021 o município passou a receber no máximo 30% dos alunos(as) nas salas de aulas “em bolhas”, e continuaram a entrega de materiais para os alunos(a) que não puderam retornar.

1. Como foi o retorno ao convívio na escola? Tanto o convívio entre vocês (professor-alunos(as)) como entre eles (alunos(as))? Fale sobre isso
2. O que você observou sobre a saúde mental dos alunos(as) nas “bolhas” e da entrega das atividades retornando às aulas presenciais?

3ª fase – Retorno 100% presencial

Em 2022, Rio Claro propôs a retomada do ensino 100% presencial. É uma fase de grandes readaptações e desafios visto que contamos com a vacinação do público infantil, entretanto, estamos ainda em meio a um período de pandemia pela COVID-19 e enfrentamos o surgimento de variantes do vírus.

1. Como foi o retorno integral ao cotidiano escolar, tanto entre você e os alunos(as), como entre os alunos(as) e seus pares/colegas?
2. Do total de alunos(as) com quem você atua, em sua opinião, aproximadamente quantos apresentaram queixas ou problemas de saúde mental no retorno às aulas presenciais? Você pode relatar quais eram as principais necessidades apresentadas por esses alunos(as) na escola?
3. Em sua opinião quais os principais benefícios na qualidade de vida e saúde mental dos alunos(as) ao retornarem para a escola e para as salas de aula?
4. Na sua opinião, quais fatores podem ter contribuído ou prejudicado a saúde mental dos escolares ao longo da pandemia?

Saúde mental dos alunos (as) na pandemia	
Contribuído para uma boa saúde mental	Prejudicado a saúde mental

4ª seção – Saúde mental dos alunos – ações, recursos e limitações e comentários adicionais dos participantes

1. Além da pandemia, quais outros fatores você considera que têm afetado a saúde mental dos alunos(as)? Fale sobre isso.
2. O que você costuma fazer quando percebe que algum aluno(a) está em sofrimento psíquico? Fale sobre isso (tanto dentro da sala, quanto fora)
3. Em sua opinião quais são os maiores obstáculos/desafios para efetivar o apoio para alunos(as) em sofrimento psíquico?
4. A escola onde atua tem ações voltadas à saúde mental dos alunos(as)? Ela recebe algum tipo de apoio de outros setores e profissionais (assistência social, saúde, etc) para desenvolver atividades e/ou parcerias voltadas à saúde mental das crianças? Fale sobre isso.
5. Você tem sugestões do que pode contribuir para ampliar e qualificar as ações tanto da escola como dos professores, voltadas à saúde mental de seus alunos(as)?
6. Você gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade para fazer considerações ou sugestões de qualquer natureza.

ANEXO I – PARECER COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Escola e escolares: a pandemia por COVID-19 e o sofrimento psíquico infantil pela perspectiva de educadores e educadoras da Rede Pública de Rio Claro - SP.

Pesquisador: NATTANY RIBEIRO DE MORAIS

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 51452321.0.0000.5504

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - PPGTO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.416.600

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1925511_E1.pdf, de 05/05/2022).

Desenho:

O presente estudo objetiva identificar a compreensão dos educadores e educadoras sobre a saúde mental de seus estudantes ao longo da pandemia. Para isso serão realizadas entrevistas com docentes do Ensino Fundamental I da rede pública de ensino do município de Rio Claro – SP. Pretende-se contribuir tanto para o aprofundamento da compreensão da saúde e sofrimento emocional de escolares brasileiros, como também na reflexão de estratégias de ação, que se supõem urgentes, para as atuais e próximas etapas que envolvem a questão pandêmica e seus impactos. Para responder aos objetivos propostos serão convidados professores vinculados às escolas e pretende-se contar com a participação de vinte docentes. Serão participantes da pesquisa as educadoras e educadores da rede pública de ensino do município de Rio Claro – SP que atuam com 3º ao 5º ano. Como critério de inclusão para participação será considerado o fato do professor estar em função do exercício de atividade docente a no mínimo três anos. Serão feitas entrevistas semiestruturadas de forma presencial com as docentes disponíveis para participação da presente pesquisa. Utilizaremos também um formulário de identificação dos

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.416.600

participantes, diário de campo para anotações pertinentes a pesquisa, gravador de áudio e computador pessoal de acesso restrito as pesquisadoras.

Método de recrutamento:

Será agendada reunião com a Secretaria da Educação para que seja feita a apresentação da proposta do projeto para as escolas. Assim, por meio da Secretaria será solicitada listagem de sugestões das escolas para a divulgação da pesquisa junto aos docentes do ensino fundamental I. Será feito contato com as escolas sugeridas e a proposta do projeto será apresentada em HTPC para que os interessados em participar do estudo possam se manifestar.

Tamanho da Amostra no Brasil: 20

Centro Coparticipante: Secretaria Municipal de Educação - Rio Claro - SP

Justificativa da Emenda:

A Emenda proposta ao Comitê de Ética objetiva a garantia ao acesso democrático da comunidade escolar à pesquisa, visando à participação de escolas que possuem dificuldades ao acesso de qualidade a conexão com internet e aparelhos multimídia. Considerando o retorno 100% presencial dos alunos, a significativa baixa no número de internações ocasionadas pela Covid-19 no Brasil e recomendações de flexibilização do uso da máscara de proteção. (SÃO PAULO, 2022) E também as orientações do CONSUNI publicadas em 25 de abril de 2022. Contudo, consideramos viável que a coleta de dado seja de forma presencial.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O presente estudo objetiva identificar a compreensão das educadoras e educadores sobre a saúde mental de seus estudantes ao longo da pandemia.

Objetivo Secundário:

Compreender sob a perspectiva das educadoras e educadores, quais as principais demandas dos estudantes relativas à saúde mental durante o isolamento social, retorno rodiziado ao convívio escolar e retomada ao ensino presencial; Identificar como as educadoras e educadoeas lidaram com os estudantes frente a situações de sofrimento emocional;

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.416.600

Identificar estratégias e demandas das educadoras e educadores para lidarem com os próximos tempos colocados para o cotidiano escolar e a saúde mental de seus estudantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Essa pesquisa oferece riscos de baixa magnitude, como constrangimento ou cansaço ao responder aos questionamentos. Havendo um ou mais desses riscos para o participante, serão de duração transitória, porém a pesquisadora se compromete em atentar-se à segurança e privacidade dos participantes, bem como se coloca à disposição para contato por e-mail e telefone celular divulgado no início TCLE, a fim de, qualquer esclarecimento ou suporte ao entrevistado(a).

Benefícios:

O desenvolvimento de uma pesquisa deste tipo é muito importante, pois a pesquisa pode produzir conhecimento científico necessário para que os equipamentos da educação, da saúde, e profissionais possam desenvolver tecnologias e legislação que contribuam na construção de estratégias e intervenções voltadas a Saúde Mental Infantojuvenil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de Pesquisa inseriu ANEXO I – Formulário de identificação dos participantes e ANEXO II - Roteiro de perguntas para educadoras e educadores de identificação de demandas relativas à saúde mental infantil no período pandêmico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Desenvolvimento do trabalho de campo e pesquisa bibliográfica de 09/05/2022 a 26/06/2022, com término do protocolo em 01/03/2023.

Apresenta Folha de Rosto da submissão inicial (30/08/2021) com descrição de 20 participantes e assinada pela pesquisadora Nattany Ribeiro de Moraes e pela Diretora do CCBS Profa. Dra. Maria da Graça Gama Melão.

Apresenta orçamento do tipo custeio para recursos gráficos no total de R\$340,00 para materiais gráficos, transporte e máscara.

Apresenta Carta de Autorização da Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro assinada por Ligia BZ Carrasco, Coordenadora Geral CAP da submissão de 30/08/2021.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.416.600

Recomendações:

Para garantia de celeridade no processo de análise é necessário o completo atendimento às solicitações apresentadas no Parecer.

Pendências NÃO foram totalmente atendidas, conforme item Conclusões.

As pesquisadoras NÃO apresentam a justificativa de alteração do instrumento de pesquisa, conforme solicitado no Parecer.

Ainda, as pesquisadoras NÃO adequaram os riscos descritos na Plataforma Brasil para indicação do risco de contaminação por COVID-19.

Enquanto papel educativo do CEP, gentilmente solicito atenção para correta identificação na solicitação de emenda. A presente emenda não se trata apenas de alteração de método de coleta do formato remoto para presencial, como também altera substancialmente o instrumento de coleta de dados. Em se tratando de emenda e manutenção dos objetivos iniciais do presente protocolo, entende-se como possibilidade de Aprovação. NO ENTANTO, solicito atenção das pesquisadoras para atendimento à definição de emenda e também para adequada descrição da solicitação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise Lista de inadequações Parecer N° 5.385.343, conforme documentos PROJETO_DETALHADO.pdf, PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1925511_E1.pdf, Carta_Resposta_emenda.pdf, TCLE.pdf:

1) As informações na Plataforma Brasil não foram atualizadas para coerência com método de coleta de dados, o qual consta como método remoto. Por favor, rever todo o preenchimento na Plataforma Brasil para coerência com a solicitação de emenda.

ANÁLISE: Solicitação atendida.

2) Projeto de Pesquisa (PROJETO_DETALHADO.pdf de 04/04/2022) também não está coerente com a solicitação de emenda, conforme:

A) páginas 5 e 6: "Acompanhando a divulgação será apresentado um convite e link de acesso para a participação em reunião remota de apresentação do projeto, juntamente com as indicações de contato com a pesquisadora para os professores interessados em participar do estudo possam se manifestar."

ANÁLISE: Solicitação atendida. Alterações em destaque páginas 4-6 do documento

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.416.600

PROJETO_DETALHADO.pdf

B) páginas 6 e 7: "Conforme já descrito, a Secretaria Municipal de Educação será solicitada a divulgar o estudo, bem como apresentar o convite de participação aos docentes interessados contendo o link de acesso a reunião. Os professores interessados em participar deverão entrar em contato com a pesquisadora que fará, através de ambiente virtual, os esclarecimentos éticos, conforme descrito na seção 4.1". Por favor, rever todo o projeto de pesquisa para coerência com a solicitação de emenda e destacar as alterações.

ANÁLISE: Solicitação atendida. Alterações em destaque páginas 4-6 do documento PROJETO_DETALHADO.pdf

3) Inserir no Projeto de Pesquisa medidas sanitárias para evitar contaminação de COVID-19 durante a realização da pesquisa.

ANÁLISE: Solicitação atendida. Alterações página 6 do documento PROJETO_DETALHADO.pdf: "assim será feito o uso sistemático e correto de máscara, bem como será respeitado o distanciamento físico e todas medidas de proteção recomendadas pela Organização Mundial de Saúde."

4) Foi verificada a exclusão dos Anexos I (Formulário de identificação dos participantes) e Anexo II (Roteiro de Perguntas para Educadores e Educadoras) do Projeto de Pesquisa. Por favor, justificar.

ANÁLISE: Solicitação PARCIALMENTE atendida. Foram reinseridos instrumentos de coleta de dados, porém totalmente alterados em relação à submissão inicial e não foi apresentada justificativa pelas pesquisadoras ou identificação desta alteração na solicitação de emenda.

5) Inserir no Projeto de Pesquisa todos os instrumentos de coleta de dados.

ANÁLISE: Solicitação atendida. Projeto de Pesquisa inseriu ANEXO I – Formulário de identificação dos participantes e ANEXO II - Roteiro de perguntas para educadoras e educadores de identificação de demandas relativas à saúde mental infantil no período pandêmico.

6) Houve alteração de algum instrumento de coleta de dados? Se sim, por favor destacar em amarelo no Projeto de Pesquisa e justificar as alterações. Em caso de alterações substanciais em relação ao projeto inicialmente submetido, deverá ser proposto novo Protocolo na Plataforma

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.416.600

Brasil e não emenda.

ANÁLISE: Solicitação PARCIALMENTE atendida. Instrumentos inseridos, porém não foi inserida justificativa pelas pesquisadoras ou identificação desta alteração na solicitação de emenda.

7) Inserir orçamento detalhado para fornecimento de EPIs e/ou materiais para evitar contaminação de COVID-19 durante a realização da pesquisa na Plataforma Brasil.

ANÁLISE: Solicitação atendida. Orçamento para aquisição de máscaras.

8) Por favor, esclarecer se o Secretário de Educação (Instituição Coparticipante) está ciente da alteração do método de coleta de formato virtual para presencial.

ANÁLISE: Solicitação atendida. Apresenta documento assinado por Coordenadora da Educação Física Sra Carina Fragelli, que segundo pesquisadora, atesta a ciência da Secretaria de Educação de Rio Claro.

9) Rever TCLE quanto aos riscos de contaminação de COVID-19 e medidas para minimizá-las.

ANÁLISE: Solicitação atendida. Pesquisadora apresenta medidas para minimizar riscos e compromisso com a comunicação em possibilidade de contaminação pela pesquisa: Será respeitado o distanciamento físico orientado para o período pandêmico e utilizaremos máscara de proteção, se necessário a entrevistadora irá disponibilizar máscara para uso sistemático"; "A pesquisadora declara estar com a vacinação regularizada, e propõe-se a apresentar os comprovantes se o entrevistado solicitar. E em caso de algum dos envolvidos na coleta de dados apresentarem sintomas gripais, a entrevistadora se responsabiliza por informar todos os envolvidos."

10) Rever Plataforma Brasil quanto aos riscos de contaminação de COVID-19 e medidas para minimizá-las.

ANÁLISE: Solicitação Não atendida.

11) Rever preenchimento de cronograma de Execução na Plataforma Brasil, pois consta que o período de coleta de dados se encerrou em 28/02/2022. Rever também demais itens do cronograma, se necessário.

ANÁLISE: Solicitação atendida. Coleta de dados prevista para maio e junho de 2022.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.416.600

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Considerando a situação sócio sanitária, bem como os planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 municipais e Estaduais; Considerando que as Portarias/Resoluções de Instituições Proponentes de pesquisa são constantemente atualizadas; Considerando o papel do sistema CEP/CONEP em garantir a segurança e proteção do participante da pesquisa por meio dos Protocolos submetidos na Plataforma Brasil; Considerando a corresponsabilidade do pesquisador pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa;

Este CEP orienta aos pesquisadores o acompanhamento da situação sócio sanitária da região em que ocorrerá a pesquisa, bem como as determinações legais dos planos de contingenciamento do COVID-19 para determinação do início, suspensão ou continuidade de atividades de pesquisas presenciais, mesmo que o Protocolo já se encontre aprovado pelo CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_192551_1_E1.pdf	05/05/2022 22:26:49		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_Resposta_emenda.pdf	05/05/2022 22:25:28	NATTANY RIBEIRO DE MORAIS	Aceito
Outros	EMENDA.pdf	05/05/2022 22:25:00	NATTANY RIBEIRO DE MORAIS	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.416.600

Declaração de concordância	ciencia_secEducacao.pdf	05/05/2022 22:24:43	NATTANY RIBEIRO DE MORAIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.pdf	05/05/2022 22:21:08	NATTANY RIBEIRO DE MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/05/2022 22:20:38	NATTANY RIBEIRO DE MORAIS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoAssinada.pdf	30/08/2021 18:15:31	NATTANY RIBEIRO DE MORAIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 18 de Maio de 2022

Assinado por:

Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br